

ONZETE

MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ COM
AMOR NA LUTA POR MEMÓRIA E JUSTIÇA



VIDAS PRESENTES!

“ Este livro é dedicado à luta de todas as periferias contra os homicídios e feminicídios. ”

ÁLEF SOUZA CAVALCANTE

● 23.03.1998 ○ 12.11.2015

**PEDRO ALCÂNTARA BARROSO DO
NASCIMENTO FILHO**

● 28.08.1997 ○ 12.11.2015

JANDSON ALEXANDRE DE SOUZA

● 11.02.1996 ○ 12.11.2015

RENAYSON GIRÃO DA SILVA

● 19.02.1998 ○ 12.11.2015

PATRÍCIO JOÃO PINHO LEITE

● 10.06.1999 ○ 12.11.2015

JARDEL LIMA DOS SANTOS

● 26.02.1998 ○ 12.11.2015

ANTÔNIO ALISSON INÁCIO CARDOSO

● 17.12.1998 ○ 12.11.2015

MARCELO DA SILVA MENDES

● 31.01.1998 ○ 12.11.2015

VALMIR FERREIRA DA CONCEIÇÃO

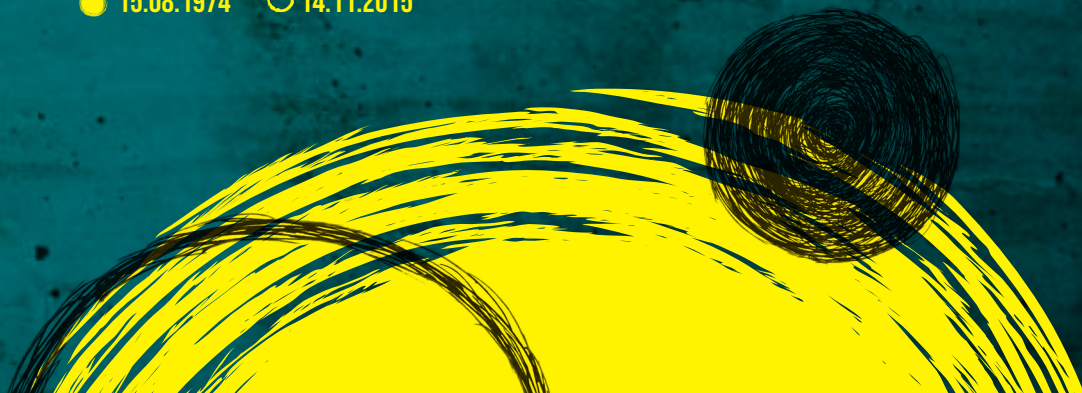
● 14.09.1978 ○ 12.11.2015

**FRANCISCO ELENILDO PEREIRA
CHAGAS**

● 31.12.1974 ○ 12.11.2015

**JOSÉ GILVAN PINTO
BARBOSA**

● 15.08.1974 ○ 14.11.2015

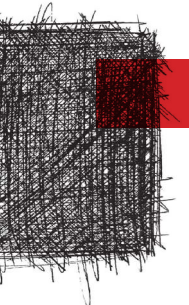




ONLINE

**MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ
COM AMOR NA LUTA POR MEMÓRIA E JUSTIÇA**





OS TEXTOS PRESENTES NESSE LIVRO SÓ PODERÃO SER REPRODUZIDOS COM AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DO MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ.

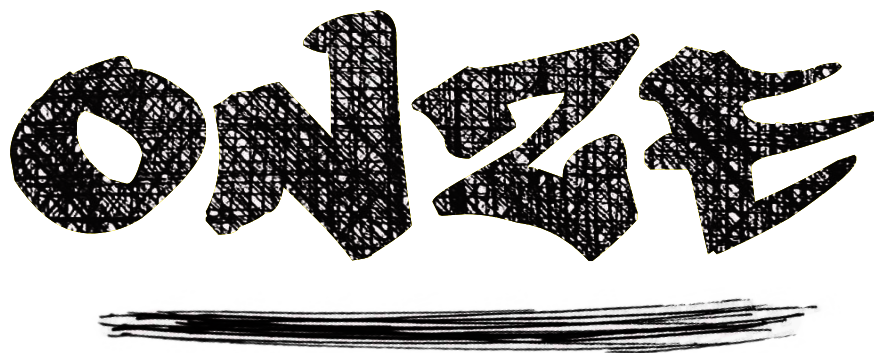


ESCUTE ESSE LIVRO!

APONTE A CÂMERA DO CELULAR PARA ESSA IMAGEM E ESCUTE AS HISTÓRIAS E TEXTOS DESTE LIVRO.



MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ



MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ
COM AMOR NA LUTA POR MEMÓRIA E JUSTIÇA

FORTALEZA
MAIO 2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

ONZE VIDAS NA LUTA POR
MEMÓRIA E JUSTIÇA!

10

PREFÁCIO

CURIÓ: A MEMÓRIA COMO POÉTICA
URBANA DO ACONTECIMENTO

16

EM HOMENAGEM A ÁLEF SOUZA CAVALCANTE

MEU AMADO FILHO ÁLEF
NUNCA SERÁ ESQUECIDO!

22

EM HOMENAGEM A PEDRO ALCÂNTARA

BARROSO DO NASCIMENTO FILHO

PEDRO, UM DOS CINCO FILHOS AMADOS:
NÃO DÁ PRA CONTAR A HISTÓRIA DE UM SEM
CONTAR [A] DO OUTRO

36

EM HOMENAGEM A JANDSON ALEXANDRE DE SOUZA

JANDSON, O GAROTO DE NOME DE RICO E
PAIXÃO POR ANIMAIS

48

EM HOMENAGEM A RENAYSON GIRÃO DA SILVA

RENAYSON, MAIS QUE UM FILHO, UM AMIGO E
CONFIDENTE

62

EM HOMENAGEM A PATRÍCIO JOÃO PINHO LEITE

MEU FILHO, AMIGO E PARCEIRO:
A MEMÓRIA ENSINANDO A VIVER COM A
SAUDADE DE PATRÍCIO

74

EM HOMENAGEM A JARDEL LIMA DOS SANTOS

HOJE ESTOU SORRINDO COM OS LÁBIOS, MAS
O CORAÇÃO SANGRA INFINITAMENTE. ESTOU
NA LUTA POR JUSTIÇA (...) EM MEMÓRIA DE
JARDEL

84

EM HOMENAGEM A JOSÉ GILVAN PINTO BARBOSA

“O TEMPO É SUA MORADA”: MELODIAS E
MEMÓRIAS QUE NARRAM A HISTÓRIA DE
AMOR DE ANA E GILVAN

102

QUEM É ESSA MULHER? —

TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MÃE
SOBREVIVENTE

110**NOSSOS MORTOS TÊM VOZ! —**

SEGUIREMOS ENTOANDO NOSSO CANTO
SEMPRE QUE UM/A DOS NOSSOS/AS TOMBAR

120**EM HOMENAGEM A TODAS AS VÍTIMAS**

SOBRE-VIVÊNCIAS

132**GALERIA DE FOTOS**

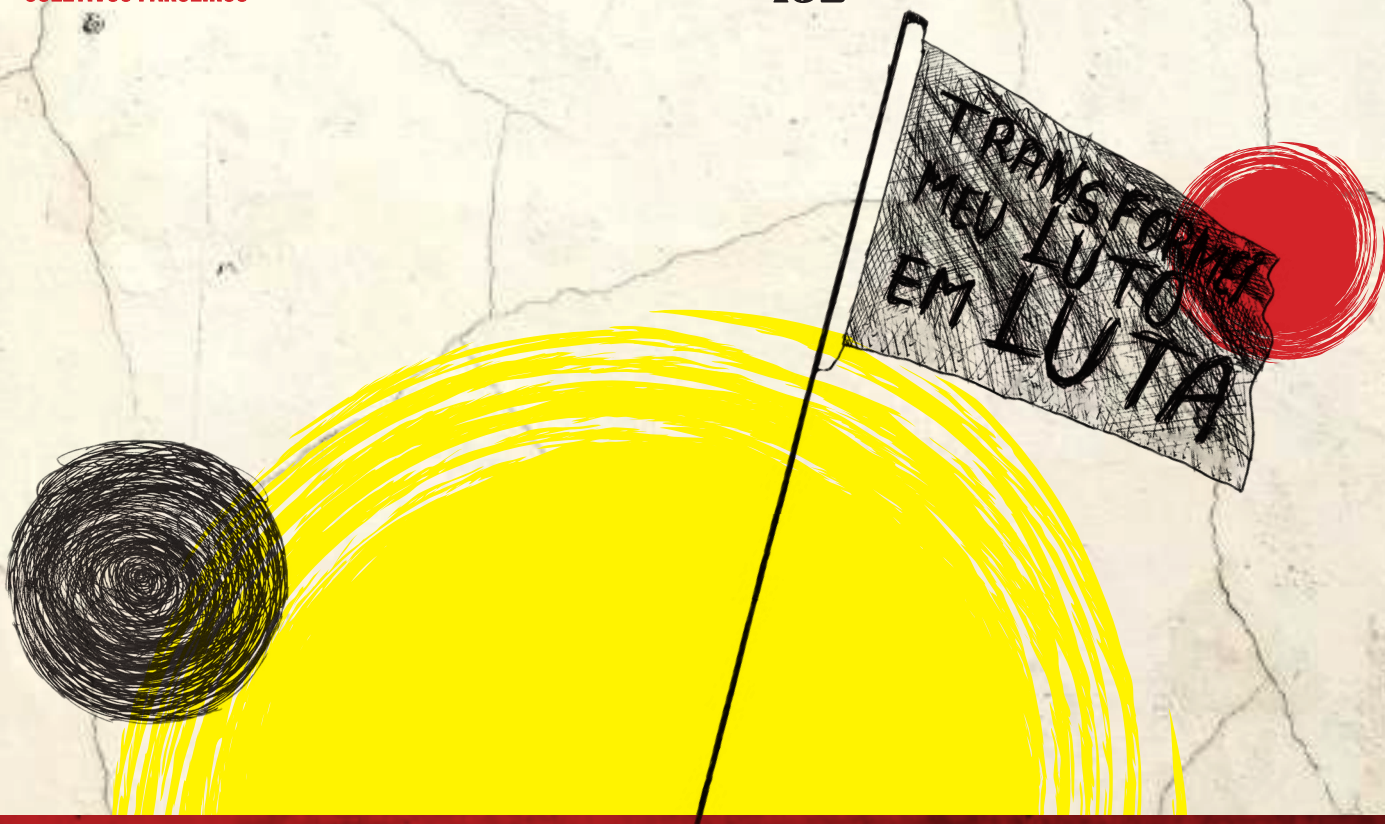
DÔ LUTO À LUTA - MOVIMENTO MÃES E
FAMILIARES DO CURIÓ POR
MEMÓRIA E JUSTIÇA

136

SOBRE AS MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ

144

SOBRE AS OUTRAS ESCRITORAS

147**COLETIVOS PARCEIROS****152**

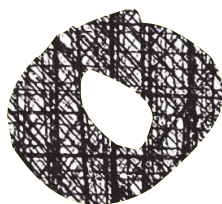
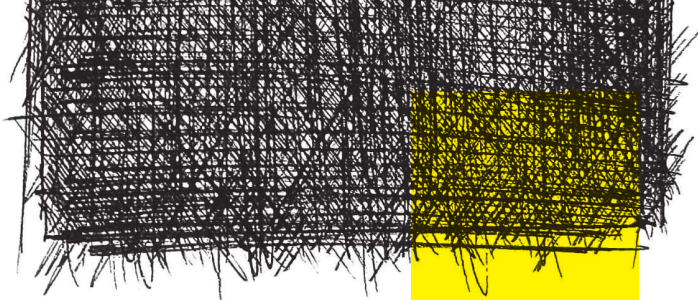
APRESENTAÇÃO

ONZE VIDAS

**NA LUTA POR
MEMÓRIA E
JUSTIÇA!**

Por
gigi castro
Renata Fernandes

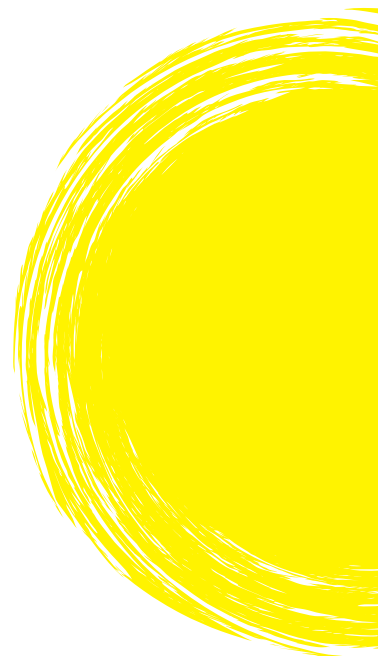




convite à leitura desta publicação, que trazemos aqui na forma de apresentação, se faz como uma convocação ao desprendimento e à coragem!

Desprendimento das representações acerca de jovens periféricos, sobretudo se advindas de um tipo de narrativa que *etiqueta* a juventude preta e pobre de tal modo que se instale, por conta dessa visão equivocada de parcela da sociedade de um lado e, do outro, do que resulta das atuais políticas de segurança pública, uma espécie de *vale tudo* — inclusive a morte desses jovens por meio de chacinas. Essa prática absurda, associada a muitas outras, tais como as dos programas policiais que elegem seus apresentadores à custa das vidas que violam e desqualificam, se configura, hoje, como forma (distorcida e perversa, é evidente) de *lidar* com essas juventudes. Como se poderá ver ao final deste percurso com o texto de Talita Maciel e Francimara Carneiro, é quase como se essas mortes fossem um “normal” e um “inevitável”, uma vez que realizadas sob a pretensão de “combate ao crime” ou “combate às drogas” — bandeiras que, de *per si*, já “justificam” todo tipo de prática atroz.

Coragem porque para adentrar esta leitura você precisa se permitir abrir-se ao que emana das profundas e emocionantes narrativas de mulheres, mães e avós — mas também de um pai, às vezes de uma irmã — desses jovens, *alinhavadas* que foram pela escritura, pelo compromisso e pela sensibilidade de educadoras populares do CEDECA Ceará e de professoras comprometidas das universidades públicas federal e estadual, todas mulheres militantes de direitos humanos, as quais, a partir da *provocação* feita pelas próprias mães, se detiveram sobre a trajetória dessas ONZE VIDAS *na luta por memória e justiça!* Cada



coletivo, movimento, organização e instituição representados por elas fizeram parte de algum modo dessa luta que já passa os seus cinco anos.

E que *provocação* foi essa? A de escrever um livro que pudesse apresentar seus filhos e companheiros como seres humanos com seus sonhos, suas potências, suas qualidades, seus feitos, seus percalços, sua (em grande maioria) breve *linha do tempo* — enunciada, esta, pelo embalo das memórias. Dentro de uma trajetória de 5 anos na busca pela responsabilização dos policiais que interromperam a possibilidade de seguir na companhia dessas ONZE VIDAS amadas, essas mulheres têm transformado seu *luto em luta* — e, através do *Movimento Mães e Familiares do Curió por memória e justiça*, saíram da esfera privada para a cena pública. Nessa construção, vêm desenhando *possíveis* até então sequer imaginados — seja para o trato com a dor e a saudade, seja para o enfrentamento ao descaso do poder público quanto às ações de responsabilização e reparação —, e cuja dimensão de entrega e sacrifício, de sofrimento e de transformação se pode, uma vez feito o mergulho na leitura, perceber ao longo das muitas narrativas que este livro traz.

Pensado como uma forma de homenagear mortos e sobreviventes da Chacina do Curió (que se escreve com maiúscula para dar conta do *marco* que este fato constitui), o livro foi urdido a partir do segundo semestre de 2020 com significativos encontros entre mães/familiares e educadoras/professoras no formato de entrevistas — presenciais, sempre que isso se fez possível, mas também virtuais quando necessário — e nasce no contexto de pandemia da covid-19 (na sua versão mais letal até então), início de 2021.

Curiosamente, porém, o que emerge das narrativas passa ao largo das *sombras* e do medo que têm sido uma marca recorrente desses dias de isolamento social: é como se uma *janela* se abrisse para as possibilidades de sol e de vida que a periferia tem e traz! O que já se percebe a partir da Introdução, em que Marcus Vinícius Bezerra e Patrícia Lopes nos apresentam o Curió. Opa! Não o Curió das notícias policiaiscas: o Curió das casas de farinha, o Curió das florestas e lagoas, o *Curió-bênção* que abrigou nações indígenas e que depois, pouco a pouco, foi, como toda a Grande Messejana, incorporado à urbanidade pela fome do capital, sem maiores cuidados e fragmentado de modo a se transformar em conjuntos habitacionais — e que mesmo assim se *ressignifica* a partir dos *mutirões* que chegam a dar nome a lugares de moradia e que nos remetem à solidariedade ímpar de que a classe trabalhadora é senhora. Enfim, o Curió-resistência.

Ao adentrar o texto de Edna Carla, Neyla Castro e Jamyle Gonzaga, a impressão com que se sai é com a do menino Álef vivo, com seus olhos verdes brilhantes, seu amor pelo skate, sua predileção pelas ruas e quadras, seu desejo de servir ao Exército Brasileiro, sua capacidade de ir ao encontro do Outro (fosse esse Outro uma mãe com fome para a qual destina sua marmitta — e fica, ele mesmo, com fome —, fosse se interpor entre um ônibus e uma senhora com problemas de audição a atravessar a rua, pela qual ganha ferimentos e arranhões), sua vaidade (por que não?), sua própria *antevisão* da morte, quase que como os profetas da religião em que a mãe o educou: ao modo de um sonho; sua despedida, por fim, rodeada de generosidade e bondade — e a constatação, na conclusão do texto, de que se a mãe de Álef, quando ele vivo, foi sua *heroína*, mais ainda o é agora quando, ao seu cotidiano de mulher

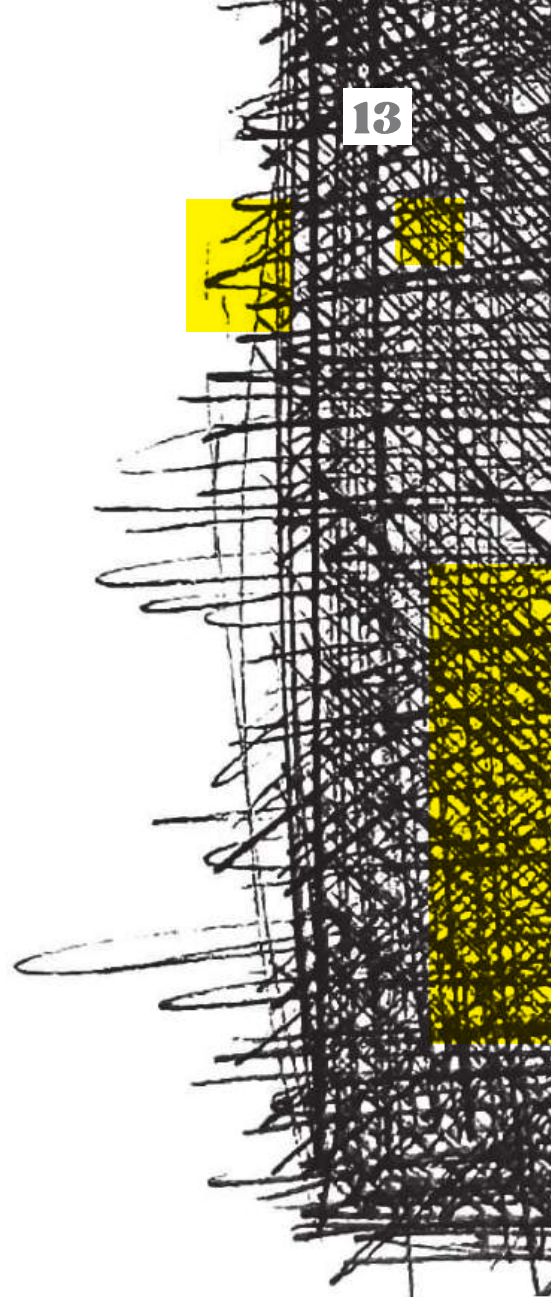
periférica na labuta diária pela vida, Dona Edna se incorpora e movimenta a *luta por memória e justiça*.

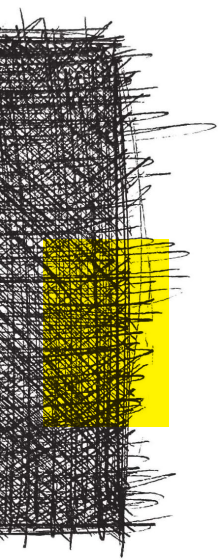
E porque a narrativa é um *tecido*, e porque esse tecido foi costurado a muitas mãos, os textos das falas, quer da mãe, quer do filho, quer da irmã do filho, o qual ressurgue neste escrito — e como em todos que o sucedem — se misturam e entrelaçam aos das entrevistadoras, de modo que resulta como que um *bordado* no qual não se vê o avesso.

Com o texto de Catarina Ferreira, Samara Edwirges e Patrícia Marciano temos o encontro com Pedro — “um dos cinco filhos amados” da mulher que fez da percussão *percursionismo* para dar conta de criar uma família. E fica sinesteticamente *ecoando* em nós, através da imagem do pequeno que maneja lápis como se fossem baquetas (sem que ninguém lhe tenha ensinado), a *paisagem sonora* que passa pelo balançar da rede e pela amizade entre dois irmãos (que de tão forte, tão logo um se vai, o outro parece logo querer ir atrás...), pelas *gaiatices* de Pedrinho que mesmo num contexto de doença do irmão leva a mãe, no hospital, a sair da consternação e a rir de suas traquinices, pelo barulho dos amigos reunidos em torno do videogame adquirido com a intenção de manter sob algum controle a juventude que emerge com a força que lhe é característica, e chega até o “parabéns pra você” que devem ter cantado as cerca de 160 pessoas que se aglomeraram para o que seria só um *bolim* no aniversário do jovem (após seis meses da partida por câncer do irmão querido) — e que terminou sendo a sua despedida! Os sons da vida de Pedro seguem, pois, *presentes*, não mais só na mãe e familiares: como um presente que essa leitura pode nos proporcionar, eles agora fazem parte de nós também.

Com “Jandson, o garoto de *nome de rico* e paixão pelos animais”, de autoria de Jane Meire, Rosa Alexandre, Ana Cristina Pereira e Patrícia Marciano, penetramos numa ambiência que trafega na delicada fronteira entre o urbano e o rural, sobretudo numa cidade como Fortaleza, cujos pés são fincados no interior — ou como em Maracanaú, onde nasceu o menino Janjão, apaixonado por bichos, por gente, por vida! O adolescente que faz da paixão um ofício fez ponte também entre seu lugar de origem e de despedida — e deixou de legado, para além dos animais que amava, uma visão de mundo em que de uma égua cega se pode antever rebentos sadios.

Em “Renayson, mais que um filho, um amigo e confidente”, nos deparamos, a partir da escrita de Maria de Jesus, Larissa Carvalho e Neyla Castro, com um *encontro de almas*. Neste texto temos, por um lado, a saudade da mãe que chora ao ouvir no supermercado a canção que lhe lembra as promessas do filho (de que cuidaria dela ao envelhecer), mas





também a mulher que reage e se une a outras mulheres transformando o *luto em luta*; e, por outro, as marcas de uma trajetória infantojuvenil entrecidas tanto pela doença, pelo preconceito, quanto pela busca dos direitos e pela paixão pelo futebol. Aqui, nem a perda de um dedo é obstáculo para o menino que chegou a ser chamado de “Neymar” pelos colegas e cujo treinador chorou “como se fosse o pai dele”, quando inteirado da tragédia que é a interrupção de vidas tão jovens. A superação, quer do filho quando de seus entraves, quer da mãe quando da perda do filho, fica impressa em nós como possível conduta diante do incompreensível.

Adentrando a escritura de Netinha Francisca, Penélope Pinho e Ingrid Lorena Leite, temos um *menino-vida* no relato “Meu filho, amigo e parceiro: a memória ensinando a viver com a saudade de Patrício”. Aqui a *peleja* da mãe pra criar um filho em territórios minados para as juventudes pobres como os das periferias das grandes cidades é evidente. Evidência que nos leva da “*bola de meia, bola de gude*” do menino-criança ao sonho de ser jogador do adolescente-rebelde que *só tinha tamanho* — cuja interdição se dá por uma violência que já anunciava sua finalidade nas “batidas” policiais, que têm por pressuposto o estigma de que na favela “todo mundo é vagabundo”. Os autores dessa violência e desse estigma desconhecem, até agora, a falta que essa mãe, a de Patrício, sente de poder abençoar seu filho...

No texto de Maria Suderli e Leila Maria Passos, nosso encontro com Jardel se dá a partir de uma prédica lógica, mas nem sempre válida, de que “os filhos enterrem os pais” — e não o contrário. Aqui vemos o nascedouro do *Movimento Mães e Familiares do Curio* quando, da indignação causada pela infundada acusação feita por um policial no sentido de incriminar a vítima e transformá-la em réu, a mãe de Del, como era carinhosamente chamado, vai às ruas e à imprensa limpar o nome do filho e denunciar os sutis mecanismos de silenciamento impostos pelo Estado que, ao invés de proteger, elimina seus cidadãos e cidadãs e ainda os/as coloca num enquadramento marginal. Esse enquadramento ignora as histórias de vida, os sonhos e os direitos das juventudes periféricas, como o de poder se sentar à noite num banco de praça sem ser alvejado por balas que matam — assim como ignora a dor que causa ter que reconhecer um filho morto por características singulares, como a ausência de dedos num pé, ausência que em outros tempos foi a marca da superação na direção dos próprios sonhos.

Chegando a “*O tempo é sua morada: melodia e memórias que marcam a história de amor de Ana e Gilvan*”, temos no texto de Ana Lúcia Santos e Camila Holanda o mergulho numa história de amor. Não um *amor de novela*, mas um amor no real cotidiano possível, em que muitos amores se tecem e seguem invisíveis. Aqui se pode sentir a bafejada do vento quando dos passeios na garupa de uma moto, pode-se até antever as formações rochosas de Itapajé, lugar de origem do casal, em que o frescor no rosto nos dias quentes na cidadezinha do interior podia significar a mais profunda felicidade. Pode-se, também, sentir o cheiro da boa comida de Gilvan e o gosto pela cozinha que se espelhavam no bem-estar da família — e que são marcas que seguem com quem fica, como a mulher e a filha, dando conta dos passos de um homem pelo mundo para além do que o próprio mundo vê e valoriza.

Fechando esse ciclo para abrir para uma leitura que traz dados e uma pequena história

recente da violência no texto que (quase) encerra este livro, temos a narrativa não sobre os jovens nem companheiros mortos, mas sobre uma *mãe sobrevivente*, a partir da escritura de Silvia Helena, Ângela Pinheiro e Luciana Quixadá, em que se homenageiam os que sobreviveram. Não é tarefa fácil sobreviver num mundo em que a vida de quem sustenta esse próprio mundo vale tão pouco, menos ainda quando se é uma mãe que rememora. Em Dona Sílvia, porém, como em todas as mulheres que generosamente abriram suas vidas, suas histórias, seus amores para que façam parte também das nossas vidas, nossas histórias, nossos amores, temos uma *militância* em que nos espelhar e orientar para que não mais se repitam eventos como os que nos fazem nos encontrar aqui, neste escrito, assim como em todos os atos que *do luto à luta* o *Movimento Mães e Familiares do Curió por memória e justiça* vem fazendo já há 5 anos — e de que há um pequeno recorte também ao final do livro. Da mulher-mãe-avó à menina-Sílvia — fazendo aí uma inversão temporal que vai na direção da Infância, representada pela boneca que o irmão um dia recuperou e devolveu como *presente de aniversário* a quem não comemorava aniversários —, assim como de todas as mulheres cujas marcas se veem neste escrito, que possamos aprender a renascer das cinzas de nós mesmas e, como elas, quando a vida nos *provocar* ou quando e enquanto os direitos ainda se violar, dizer: *agora é lutar!*

Reverência e gratidão são, pois, os sentimentos com que encerramos esta apresentação e convidamos a esta leitura que homenageia os cinco anos de movimentações dessas mulheres-mães-avós. Leitura que não se conclui sem que se percorram poemas sobre vivências, sobreviver e luto; e sem que nos deparemos com imagens que nos dão conta da luta do *Movimento Mães e Familiares do Curió* por memória e justiça — para, finalmente, conhecer um pouco mais, a partir de “minibiografias”, sobre cada uma das escritoras e dos dois escritores, bem como saber os nomes dos inúmeros coletivos que apoiam esta publicação e integram o movimento de defesa de direitos humanos em Fortaleza e no Ceará.



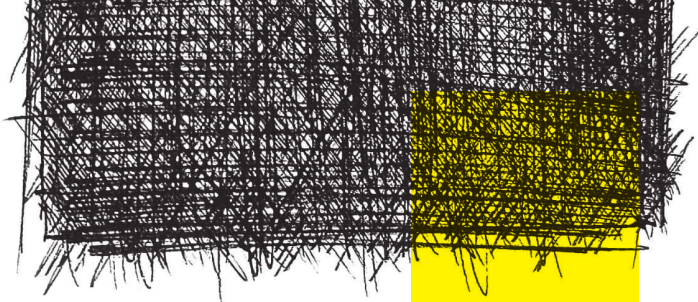
PREFÁCIO

CLIBÍO:

**A MEMÓRIA
COMO POÉTICA
URBANA DO
ACONTECIMENTO**

**Por
Marcus Vinicius
Bezerra
Patrícia Lopes**

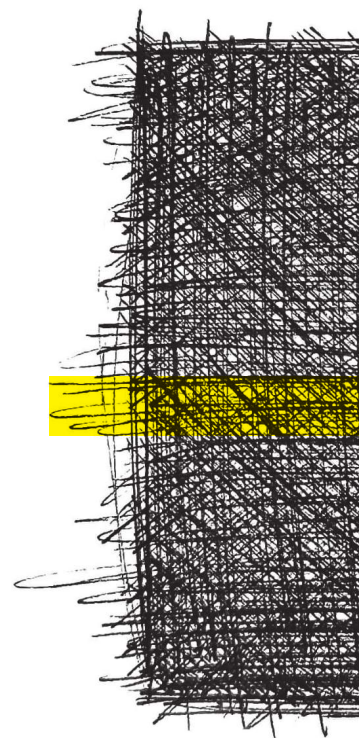




essejana é uma região distinta, desde o sol que abriga seu clima até suas construções que remontam a um tempo mais antigo que a própria temporalidade da cidade em si. Em seus cartórios, suas feiras, seus camelôs, seus panfletistas, seus motoqueiros, suas escolas, sua vida urbana, se abrigam e se camuflam aldeias e povoados que vão se atualizando ao longo do tempo, microrregiões que compõem uma verdadeira *fortaleza* chamada Messejana: Messejana indígena, Messejana aldeota da rota do gado, Messejana-carnaúba, Messejana-duna. Nesse território, ampliamos nossa lente um pouco mais e encontramos a região da Lagoa Redonda, localizada em Fortaleza/Ceará, composta por várias comunidades. O Conjunto Curió é uma delas — mais um recorte da cidade. O seu processo de ocupação é resultado de intervenções no espaço urbano, tornando-se o local escolhido e/ou predestinado para homens e mulheres construir suas trajetórias de vida.

São muitas as práticas que fazem a identidade de um território: são memórias, vidas que em sua pulsação inventam um lugar, dando aspectos outros à paisagem, a partir da necessidade que o ser humano tem de habitar para se proteger das intempéries naturais. Em pesquisas realizadas no bairro, constatamos que a chegada das moradoras e moradores é fruto de diversos fatores migratórios. No Curió, assim como em outros lugares, pode-se perceber a divisão do espaço em pequenos territórios, interferindo na dinâmica espacial, resultado dos movimentos sociais por moradia — e, algumas vezes, de políticas habitacionais. Dessa divisão, surgem os “microterritórios” do Curió, como Itambé, Casas da Caixa, Mutirão, Bárbara de Alencar...

Essa divisão espacial está em constante transforma-





ção: a todo instante novos sujeitos aparecem com a necessidade de ter o seu teto, locais planejados ou não, mas que cumprem um papel fundamental na vida das pessoas, que é o do direito à moradia. A busca por esse direito redesenha o tecido urbano. A área que hoje conhecemos como Bairro Curió já sediou sítios e fazendas destinados à atividade da agricultura e da pecuária. O Curió está presente em um espaço urbano, contudo é desenhado por sujeitos, na sua maior parte, vindos de regiões interioranas, que interferem no processo de urbanização, deixando, assim, evidentes as relações de “urbanidade-ruralidade”, que não se perdem totalmente com o tempo, mas se atualizam — como as casas de farinha e as viagens que se faziam para transformar em tantas outras coisas as mandiocas colhidas nesse solo, ou os sítios com várias casas dispostas em aldeias, que remontam a um jeito de morar que antecede muitas estórias por aqui.

Curió é lugar de incontáveis faces e nuances, de veias cristalinas em seu solo múltiplo e de tantas possibilidades. As palmeiras revelam uma vegetação seca, na terra de barro vermelho, que tingem pés, de dedos a calcanhares. Mas ao caminhar mais um pouco, o solo muda e uma areia fina e alva afunda nossos pés e nos faz pensar que estamos muito próximos do mar — o que é verdade, mas nos deparamos é com uma lagoa, imensa: a Precabura. São coqueirais e tantos cajueiros e mangueiras ao longo de praticamente qualquer direção que se tome por ali! Mais adiante, podemos notar que existe algo que está presente constantemente e nos cerca: um braço verde que abraça o bairro e filtra o solo, o ar, o som urbano que parte dos asfaltos indicando direções. É uma floresta, mata de tabuleiro, que abriga vegetações do Cerrado, da Caatinga e da Mata Atlântica, expressões naturais de vida dissemelhantes, espécies distintas de fauna e flora.

O lado leste, a partir da Rua Nelson Coelho onde estão situadas as “Casas da Caixa”, antes de acolher casas era um imenso coqueiral que se estendia até a lagoa, ambiente que se conecta ao Itambé — que, por sua vez, interliga o aspecto litorâneo da lagoa com a zona da mata da Floresta do Curió. Consequentemente, o Itambé é a intersecção entre os lados leste e oeste: “Mutirão” e “Casas da Caixa” convergindo desses dois aspectos da natureza histórica e geográfica do Curió.

Antes disso, porém, na segunda metade do século XX, o bairro começa a receber moradias construídas por trabalhadoras e trabalhadores que ocupavam os sítios por meio da atividade da agricultura, uma terra fértil que possibilitava boas colheitas. Com isso, o lugar que era apenas para trabalho, começa a ser escolhido como local para moradia. É a partir desse processo que é formado o primeiro “microterritório” do Curió, o Itambé: as casas iniciais eram de taipas, segundo a memória da vizinhança que atuou na transformação desse espaço, constituída de trabalhadores que encontraram a possibilidade de morar próximo ao local do serviço, próximo aos familiares, na capital do Estado — entre tantos outros fatores que resultam no processo da migração.

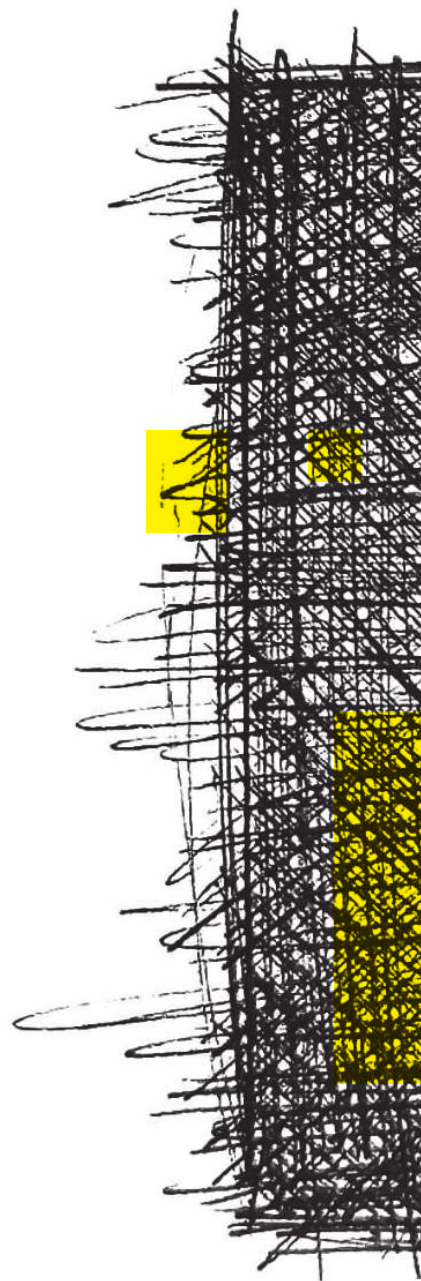
A ocupação do Curió continua — e por volta de 1980, a Caixa Econômica Federal inicia um projeto de construções de casas em modelo de “embriões”: as moradias eram para ser vendidas a baixo custo, para compradores que tinham como comprovar renda que possibilitasse os pagamentos das parcelas. Foi dado início à formação de mais um terri-

tório — são as famigeradas “Casas da Caixa”. Ao chegar ao bairro, os moradores e moradoras se deparam com uma série de problemáticas, como a falta de escola de nível médio, áreas de lazer, transporte público — já que *moradia* não é apenas quatro paredes e um telhado: as necessidades vão muito além da estrutura residencial. As precariedades do bairro resultaram na construção da Associação de Moradores do Itambé e Residencial Curió (AMIRC), que se organizou socialmente para reivindicar por melhores condições de vida.

Passados 21 anos da ditadura civil-militar no Brasil, chegamos à redemocratização em 1985 com novos ideais de sociedade, vale salientar: que o povo pode novamente votar. É a partir desse “interesse” que um novo projeto federal é iniciado: o programa de mutirões habitacionais, interligando o Governo Federal, os municípios, os Estados e a população. Inicia-se, então, um novo processo de transformação no Curió. Em 1996, o lugar é palco das construções de casas por meio da atuação de associações de moradores e moradoras que já eram organizadas em outros bairros da cidade. O Governo Federal arcava com os materiais, o Estado garantia o terreno — e a população, a mão de obra. Assim, esse microterritório ficou conhecido como “Mutirão”. Diferente do Itambé e do Residencial Curió, o “Mutirão” contou com diversas associações que já vinham organizadas de outros bairros da Capital. Pela linguagem, *mutirão* é um substantivo que denota ação, mobilização de ordem coletiva visando uma ajuda mútua, mas em nosso mapa o “Mutirão” é um lugar que, assim como a palavra, também suscita mobilização coletiva e ajuda mútua.

Quando as obras começaram, os/as *mutirantes* chegavam em caminhões. Chegavam ao destino às 7h da manhã, em caminhões que saíam de vários pontos da cidade de Fortaleza, abarrotados de pás, enxadas e gente. Eram muitas pessoas chegando a um imenso terreno para trabalhar, cavar a terra, fazer alicerce, subir paredes. Os *mutirantes* eram mulheres e homens que se reuniam em *mutirão* para uma grande construção: a de suas próprias casas. As futuras donas e donos de casa foram as/os que deram corpo a essa arquitetura. Carregavam os tijolos, preparavam o cimento, *sentavam* suas casas.

Assim o Curió começou a ser desenhado em sua essência de comunidade. Os que ali se encontravam para o *fazer* de suas casas já eram vizinhos/as e exerciam essa vizinhança, já habitavam esse espaço e o fabricavam — fabricando, concomitantemente, a própria relação com os outros moradores e moradoras, fosse no exercício da construção, fosse nos populosos almoços comunitários, ou até mesmo na produção desses almoços.



Enquanto isso, no lado leste, o outro lado da rua principal daquela esquecida região da Lagoa Redonda — nas famigeradas “Casas da Caixa” —, moradoras e moradores do Residencial Curió assistiam a tudo isso com a mão no queixo, temendo que *tipo* de vizinhos seriam aqueles que chegavam em caminhões. Eram os anos corridos da década de 1990 no Estado do Ceará — e as pessoas eram muito pobres. Nesse cenário espaço-temporal, o direito ao espaço era algo inalcançável e isso custava a ser compreendido, fazendo com que muitas daquelas famílias que haviam trabalhado para *subir* suas casas, as vendessem logo que possível — e voltassem ao antigo logradouro.

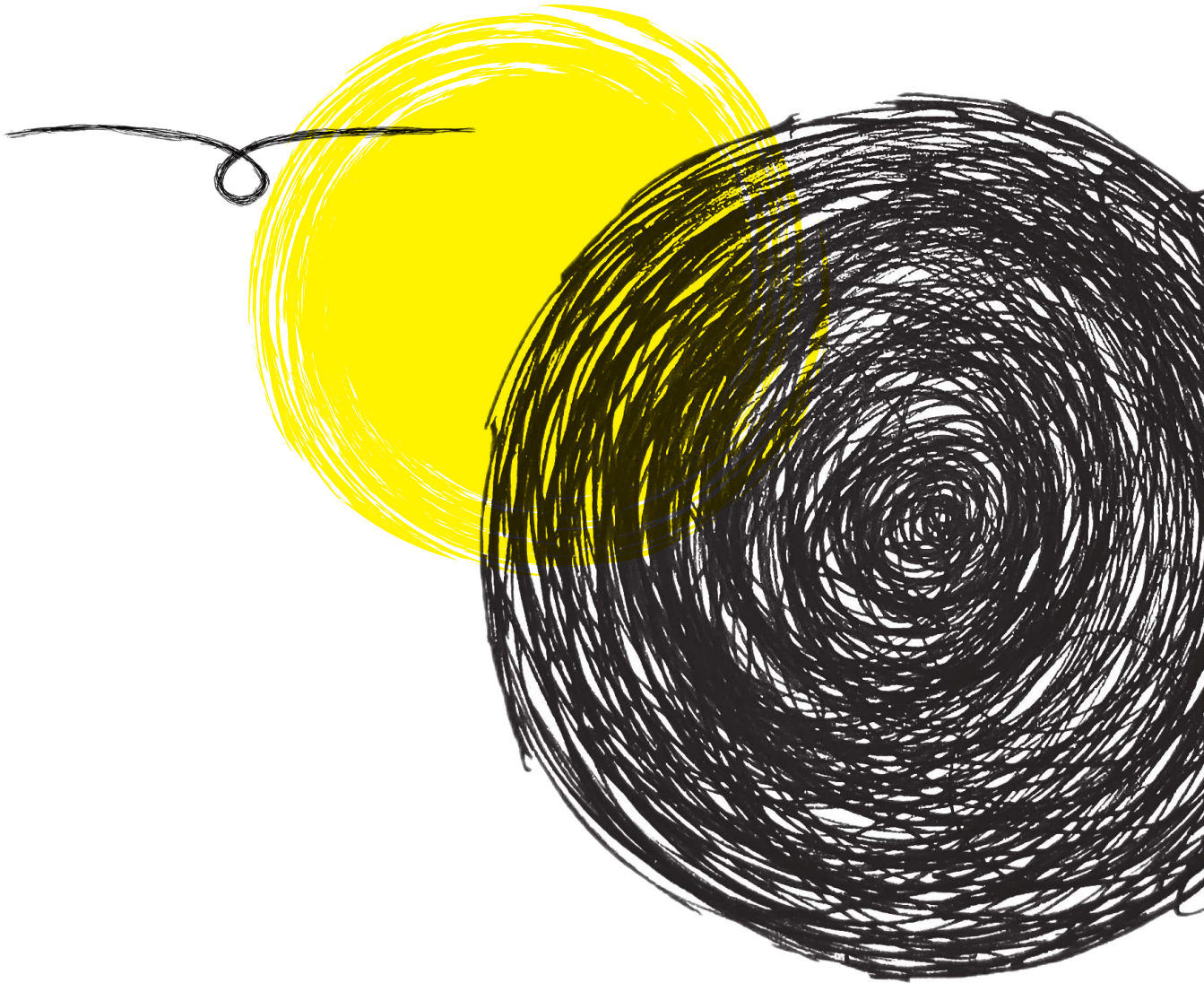
É a partir do “Mutirão” — o Conjunto Habitacional Curió — que surge um movimento capaz de transformar simbólica e efetivamente o sentido de pertencer a um lugar. Assim, a parte remota da Lagoa Redonda passa a ganhar identidade. A palavra *Curió*, que está presente em tantos aspectos nesse território, passa a inundar toda uma extensão, corroborando um raio geográfico a se reconhecer enquanto região: Curió.

O Curió, suas sub-regiões, moradoras e moradores, é como a floresta: tem suas origens em lugares distintos e naturezas diversas. Em seu arcabouço, vários ecossistemas que se interligam de formas variadas pelo jeito de morar e ocupar: são trajetórias múltiplas que se interligam por meio da luta social, da organização comunitária, redesenhando um espaço por meio da vida dos seus e das suas habitantes.

Todo território é palco e ator a tecer nossas memórias, ancorando um tempo de nossas vidas, nosso vínculo com as coisas e pessoas, nossas lembranças — que nem sempre são felizes e que, por vezes, carregam tantas feridas ainda abertas. Memórias também são coisas vivas, sem as quais não seríamos quem somos.

As políticas que desenham a cidade, igualmente, alcançam a arquitetura de nossas vidas. O lugar que ocupamos no espaço está a nos ocupar também, nos atravessando infinitamente com suas impressões, seus sons, seus cheiros, sua juventude sentada nas calçadas da vida, a inventar seu tempo, com a cor de seu arrebol, suas danças, suas práticas e linguagens reinventadas a cada nova geração que surge.

Infelizmente, porém, existem juventudes que são interrompidas pela mão armada do Estado, que chega na truculência com tiros, bombas e com toda a falta de humanismo, barrando sonhos que estavam sendo construídos. A destruição dos sonhos, das vidas, é diariamente exercida pelo Estado, como nos dá conta a Chacina do Curió — um fato que deixou cicatrizes e marcas irreversíveis na história de um bairro que é sinônimo de luta e resistência. 11 de Novembro, jamais esqueceremos!



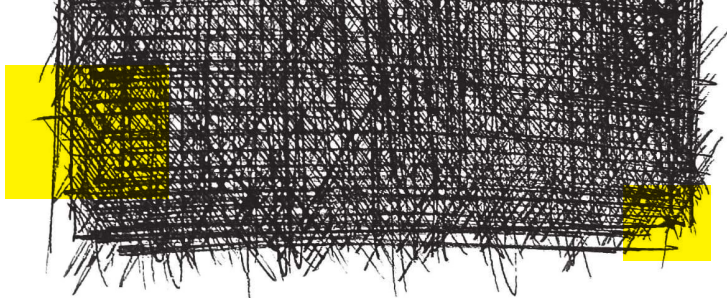
EM HOMENAGEM A ÁLEF SOUZA CAVALCANTE



MEU
AMADO FILHO
ÁLEF

NUNCA SERÁ
ESQUECIDO!

Por
Edna Carla Souza
Cavalcante
Neyla Priscila de
Araújo Castro
Jamyle Maria de
Sousa Gonzaga



“QUANDO EU VEJO O BANNER DELE NA PAREDE, QUANDO EU VEJO ALGUÉM FALAR SOBRE O ÁLEF COM TANTO ENTUSIASMO, O QUANTO ELE ERA VIVO, ANDAVA DE SKATE, FREQUENTAVA O CUCA, COMEÇOU A FREQUENTAR AS REUNIÕES PARA TRAZER MELHORIAS PARA A PERIFERIA, ENTÃO EU VEJO QUE EU TENHO QUE PERMANECER NESSA LUTA, SEGUIR EM FRENTE. PORQUE ELE NÃO REALIZOU ESSE SONHO, MAS EU ESTOU REALIZANDO POR ELE”.

ESSA NARRATIVA FOI REALIZADA POR D. EDNA, MÃE DE ÁLEF SOUZA, ASSASSINADO NA CHACINA DO CURIÓ. QUAL A HISTÓRIA DESSE JOVEM QUE, AOS 17 ANOS, TEVE SEU SONHO DE TRAZER MELHORIAS PARA AS PERIFERIAS DE FORTALEZA ARRANCADO PELA VIOLÊNCIA DO ESTADO?

AMOR SEM LIMITES É AMOR DE MÃE



sonho de D. Edna era ter um filho homem — e quando engravidou pela primeira vez, não fez nenhum exame para saber o sexo da criança, pois acreditava firmemente que seu bebê era um menino. Comprou roupas e objetos infantis na cor azul: *comprei tudo azul, porque na época eu ainda tinha a consciência de que homem usava azul e mulher usava rosa, porque nós fomos criadas nessa cultura preconceituosa, racista.* Na hora do parto, porém, teve uma grande surpresa: era uma menina — *minha filha nasceu, graças a Deus, e foi muito amada! Agora tem 24 anos.*

A segunda gravidez de D. Edna foi bastante complicada. Sua filha tinha um pouco mais de 1 ano de




idade e já falava. A menina teve um sonho em que a mãe falecia, juntamente com seu pai e o seu avô paterno. Foi ali, pela primeira vez, que D. Edna percebeu que sua filha tinha medo da morte e de perder pessoas amadas — e que esse sonho era um *presságio*. Dias depois, D. Edna sonhou que olhava para o céu e via a letra “E” em formato de flores de laranjeira com uma vela ao lado: esse sonho seria mais um *signal* de que ela morreria na hora do parto. O fato é que, durante o período da gravidez, D. Edna passou por muitas situações difíceis, como a morte da avó paterna das crianças e brigas na família. A mãe de Álef acredita que esses acontecimentos foram *revelações* de Deus para ela: *eu acho que Deus estava me preparando para levar o Álef futuramente.*

Foram nove meses de muita espera e angústia — até que, no dia 23 de março de 1998, Álef nasceu de um parto cesárea, como ela recorda: *quando o colocaram nos meus braços, eu vi que era homem. Eu chorei de felicidade, mesmo anestesiada, pois ele era meu sonho! Aquele menino era minha alegria! Ele já nasceu sorrindo. Ele era um menino muito sorridente, você vê nas fotos. Ele não tem uma foto triste, sempre é com um sorriso!*

D. Edna descreve com muita nostalgia e euforia a infância de seu filho. Álef era um menino sapeca e engraçado, trocava as letras das palavras: falava *andão* ao invés de “grandão”, *rei e reia* ao invés de “rei e rainha” e *príncipe e principa* ao invés de “príncipe e princesa”. A mãe completa a narrativa falando sobre a sensibilidade do filho, demonstrada através de desenhos: *aos 6 anos, ele chamou a atenção da professora. Ela passou uma tarefa de artes e ele fez várias árvores dando as mãos e disse que era porque elas eram amigas. (...) Ele disse: “é porque se elas forem amigas, elas não vão brigar”.* Nessa época, Álef estudava na Escola Santa Tereza; anos depois a Escola passou a se chamar Bernadete Oriá de Oliveira.

A infância do menino foi marcada por idas à igreja evangélica, da qual a mãe fazia parte. D. Edna relembra a ligação entre ela e o filho desde a infância do menino, compartilhando que se ele ganhasse um bombom na igreja, ele guardava para dividir com ela quando chegasse em casa. A mãe relata, com a voz trêmula demonstrando emoção, seu orgulho e a saudade do filho. Aos 7 anos, Álef não gostava de falar em público, mas participou de uma peça na igreja em homenagem ao Dia das Mães. Em sua apresentação, ele falou que a mãe era a sua heroína:

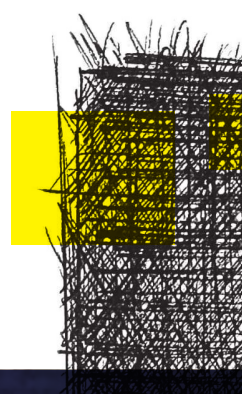


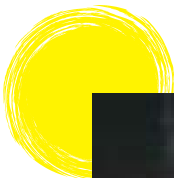
POR ISSO QUE QUANDO ACONTECEU A CHACINA, EU ME LEVANTEI E FALEI QUE EU ERA A HEROÍNA DO MEU FILHO — E EU NÃO POSSO DEIXAR MEU FILHO. MEU FILHO DISSE QUE NUNCA IA ME DEIXAR — E EU HOJE DIGO QUE EU NUNCA VOU DEIXAR ELE, NUNCA VOU DEIXAR ELE SER ESQUECIDO! [E FINALIZA:] EU CRIEI MEU FILHO COM MUITO AMOR, NO EVANGELHO.

As recordações da infância de Álef estão entrelaçadas às lembranças de sua irmã, apenas 2 anos mais velha que ele, e companheira em grande parte de suas aventuras. Ela era a *passageira* e ele o *motorista* quando brincavam de simular um passeio de ônibus: as crianças usavam as cadeiras de casa como bancos e uma forma de assar bolo como



A MÃE EDNA
DESCREVE ÁLEF COMO
UM MENINO “SAPECA
E ENGRAÇADO”. NA
FOTO, APARECE EM UM
EVENTO DA ESCOLA
MUNICIPAL ONDE
ESTUDAVA.



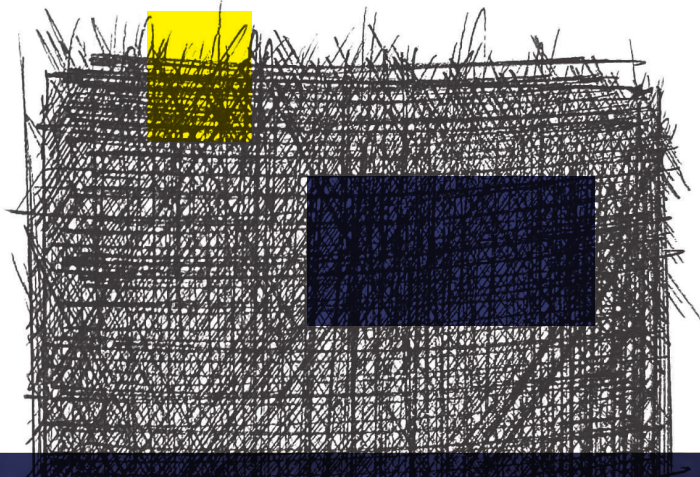


ÁLEF ERA UM ADOLESCENTE DE 17 ANOS COMO UM IRMÃO, PRIMO OU FILHO QUE QUALQUER UM DE NÓS CONHECE. GOSTAVA DE SKATE, ACESSAVA WI-FI GRATUITO NA PRAÇA, ERA VAIDOSO E SONHAVA EM SE ALISTAR NO EXÉRCITO.






MOMENTO EM FAMÍLIA DE ÁLEF COM IRMÃ E MÃE EDNA.



direção do veículo imaginário. Quando Álef dizia que era *pastor*, usava gravata e cueca — e o cabo de vassoura era a sua guitarra; sua irmã era a cantora da igreja: *eles cantavam o hino, falavam “glória a Deus”. Era muito divertido, eles passavam o dia brincando e brigando*. D. Edna relata essa fase da infância dos filhos com muita saudade — e se diverte sorrindo ao rememorar tantas recordações felizes de um tempo em que podia aconchegar seus filhos no colo e garantir-lhes segurança.


Chegando à adolescência, as brincadeiras entre os irmãos se transformaram numa bela amizade, que continuou acompanhada das implicâncias entre eles. D. Edna trabalhava durante o dia todo, enquanto os irmãos faziam companhia um ao outro. Quando chegava em casa, a mãe recebia reclamações de Álef, que afirmava que a irmã queria *mandar nele*. *Eu dizia: “Filha, pare com isso! O Álef não pode fazer tudo o que você quer, e nem você pode fazer tudo que ele quer. Vocês têm que ponderar a amizade de vocês!”* D. Edna, como uma boa mãe, fazia a mediação entre os irmãos — e assim foi cuidando de ambos com muito amor e afeto.

Conforme D. Edna, até hoje a filha sente a falta do irmão: ela chora muito e evita falar sobre o episódio que o vitimou.



ELA TINHA O ÁLEF COMO UMA SEGURANÇA PRA ELA NO FUTURO. ELA DIZIA: “A SENHORA E O PAI VÃO MORRER E EU VOU FICAR SOZINHA, COM ELE”. [OU SEJA,] NÃO SÓ EU FIQUEI SEQUELADA: MINHA FILHA TAMBÉM SOFRE — E SOFRE CALADA. O PAI DO ÁLEF É OUTRO QUE SOFRE E SOFRE MUITO COM A PERDA DO FILHO, É COMO SE TIVESSEM TIRADO UM PEDAÇO DELE. EU FIQUEI TÃO QUEBRADA COM A MORTE DO MEU FILHO, QUE NÃO TIVE CONDIÇÕES DE RECONHECER O CORPO NO IML, FOI O PAI DELE QUE TEVE FORÇAS PARA IR ATÉ LÁ.


A morte prematura de Álef deixou muitas marcas na família. Após cinco anos do assassinato do jovem, seus familiares sentem a dor da perda, expressa nas palavras da D. Edna:



FOI MUITO CRUEL E ESTÁ SENDO CRUEL PORQUE EU NÃO TENHO MAIS ELE — E TENHO! EU NUNCA VOU DEIXAR MEU FILHO MORRER! EU ENTERREI A CARNE DELE, MAS OS SONHOS DELE, A MANEIRA DELE SORRIR, O SORRISO DELE, A ALEGRIA DELE PERMANECEREM EM MIM — E EU TENHO QUE SORRIR POR MIM E POR ELE E TENHO QUE VIVER A VIDA POR MIM E POR ELE, ME ALEGRAR POR MIM E POR ELE, E POR ISSO EU LUTO!

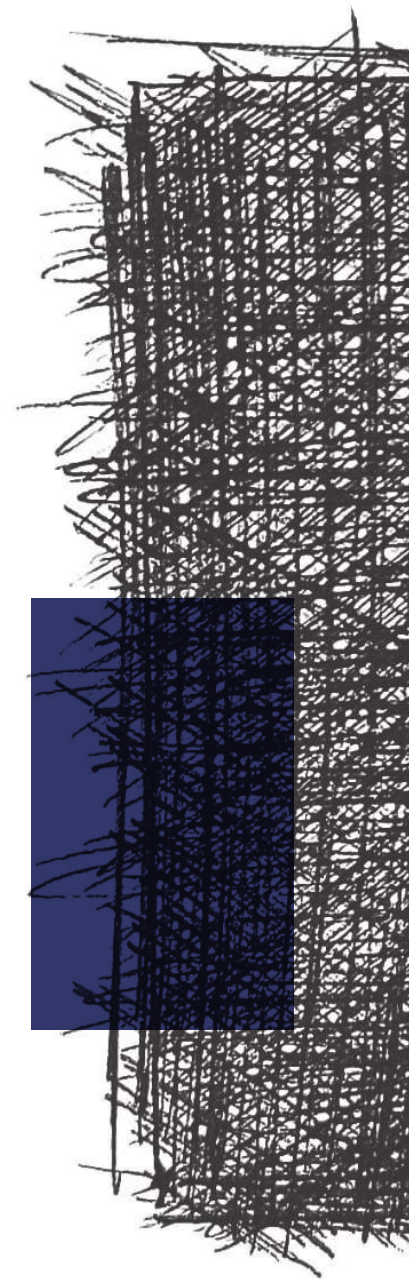
MEU AMADO FILHO! VOCÊ NUNCA SERÁ ESQUECIDO!

Durante a adolescência, Álef continuou sendo o menino sensível e solidário com todas e todos ao seu redor. Buscava ajudar as pessoas sempre que tinha oportunidade. Bastante orgulhosa da atitude do filho, D. Edna descreve uma situação que foi e é marcante para quem presenciou:




ELE DIVIDIA TUDO QUE TINHA COM OUTRAS PESSOAS. NUNCA DEIXOU DE AJUDAR NINGUÉM. QUANDO ELE ‘TAVA GRANDINHO, EU TRABALHAVA E DEIXAVA SETE REAIS PRA ELE COMPRAR UMA MARMITA PRO ALMOÇO. (...) E AÍ UM DIA EU CHEGUEI EM CASA E ELE PEDIU PRA FAZER COMIDA PORQUE ‘TAVA COM FOME. EU PERGUNTEI SE ELE NÃO TINHA ALMOÇADO E ELE DISSE QUE NÃO IA DIZER: “DEIXA PRA LÁ!”. EU DISSE QUE QUERIA SABER — E ELE DISSE: “COMPRI [A MARMITA], MAS QUANDO IA SAINDO, UMA MULHER COM TRÊS CRIANÇAS ME PEDIU AJUDA PRA COMPRAR COMIDA PRA ELA E EU DEI MINHA COMIDA PRA ELA, PORQUE SABIA QUE SERIA A ÚNICA COMIDA QUE ELA TERIA”. EU DISSE QUE ELE FEZ BEM, PORQUE EU SEMPRE ENSINEI ELE A DIVIDIR. DEPOIS EU FIQUEI SABENDO DISSO PELA PRÓPRIA MOÇA DO ESTABELECIMENTO, QUE DISSE QUE ELE ENTREGOU A MARMITA PARA A SENHORA E DISSE QUE ELE TERIA COMIDA À NOITE E AS CRIANÇAS, NÃO. ELE FAZIA AS BOAS AÇÕES DELE E NÃO ME DIZIA, PORQUE EU DIZIA PRA ELE QUE QUANDO FIZESSE ALGO BOM PARA OS OUTROS, NÃO PRECISAVA FALAR PARA NINGUÉM: DEUS IRIA RECONHECER E ELE NÃO PRECISAVA ESPERAR NADA EM TROCA.

D. Edna sempre sonhou com o dia em que Álef iria se alistar no Exército Brasileiro. Assim, passou a cultivar esse sonho no garoto. Meses antes de sua morte precoce, assistindo na TV à propaganda para o alistamento de jovens, ele falou para sua mãe que no ano



seguinte seria o momento dele. Sua irmã, brincando, disse que ele não seria aceito porque tinha “pés de pato”; porém, sem pensar duas vezes, o menino reafirmou que no ano seguinte estaria vestindo a farda do Exército Brasileiro. D. Edna se enche de orgulho ao narrar os sonhos e planos futuros de seu filho:



...“MEU AMOR, VOCÊ VAI SERVIR O EXÉRCITO, PORQUE EU ACHO TÃO LINDO!” EU TIVE UM FILHO PARA SERVIR AO EXÉRCITO. AÍ, QUANDO ELE TINHA UNS 10 ANOS, ELE DIZIA: “MÃE, EU VOU SERVIR O EXÉRCITO QUANDO EU TIVER 18 ANOS”. E EU: “É?”. A MINHA MAIOR TRISTEZA É QUE EM 2015, QUANDO PASSOU A PROPAGANDA DO EXÉRCITO, MARINHA E AERONÁUTICA, ELE OLHOU NO ESPELHO E DISSE: “MÃE, NO PRÓXIMO ANO EU VOU ESTAR VESTIDO COM A FARDA DO EXÉRCITO, EU VOU ME ALISTAR”.

Álef gostava de andar de skate e frequentava várias pistas, como a da Avenida Raul Barbosa e da Beira Mar (BM): *ele não foi morto lá, porque você sabe como é, né? A BM é um bairro rico, as pessoas ricas trafegam e lá não pode ser um cenário de morte. Mas foram matar ele no Curió, que é um bairro pobre onde existem os “matáveis”.* A reflexão feita por D. Edna é a realidade vivida nas periferias do Brasil, onde os espaços sociais são segregados entre ricos e pobres, negros e brancos.


A pista de skate do CUCA Jangurussu era a preferida de Álef: ele aproveitava o passeio também para usar o *wi-fi* gratuito do CUCA [*Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, equipamento da Prefeitura de Fortaleza*]. Lá criou laços fortes de amizade com alguns educadores e jovens que frequentavam o local. Após a morte do Álef, uma das jovens buscou uma maneira de lembrá-lo eternamente, tatuando o nome dele na sua pele. Ainda no CUCA, Álef passou a participar de oficinas que visavam à construção de estratégias que discutiam melhorias para as periferias de Fortaleza.

Alguns dias antes de sua morte, o skate de Álef havia quebrado. D. Edna acredita que se o skate não tivesse quebrado, talvez seu filho estivesse vivo. Como Álef estava sem o brinquedo, usou seu tempo livre para jogar bola na quadra comunitária do Bairro São Cristóvão, com Jardel e demais colegas. Após o jogo, Jardel recebeu uma ligação: era seu primo convidando-o para dar uma volta no Curió; Jardel estendeu o convite aos colegas, mas somente Álef aceitou. O adolescente tinha o hábito de sempre informar aos seus pais quando ele ia passear, todavia naquele dia não avisou os familiares que iria àquele local, *porque se tivesse dito ninguém ia deixar*, segundo D. Edna. Era dia 11 de novembro de 2015 — e após uma partida de futebol, o que deveria ser uma noite divertida com os amigos findou com o massacre de onze pessoas inocentes, em sua maioria jovens: naquele dia trágico, o menino brincalhão e sonhador foi assassinado.

Álef era um jovem branco com seus olhos verdes e fios loiros. Muito vaidoso, *ele se olhava no espelho e perguntava: “mãe, eu ‘tou bonito?” — e eu dizia: “é claro que você está boni-*

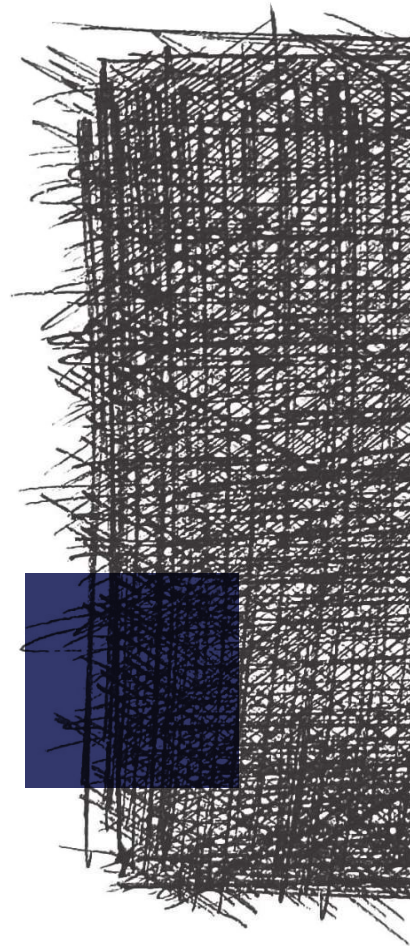
to, puxou à mamãe!” Gostava de namorar e passear. Meses antes de sua morte, Álef terminou o namoro e passou a se relacionar com outras garotas. Eu dizia: “te quieta, Álef” — e ele dizia: “mãe, a vida é curta”. E de fato, a vida foi muito curta para o meu filho. Muitos sonhos, muitos planos não foram vividos, ficaram apenas as lembranças de um jovem que amava viver, que era generoso e amoroso com todos e todas ao seu redor.

Assim como no nascimento de Álef, alguns eventos que antecederam a morte do jovem foram marcantes para D. Edna. Em abril de 2015, ela foi visitar uma igreja com sua amiga — e o pastor que ministrava o culto teve uma *revelação*: “o Senhor me mostra uma *joia verde* sendo enterrada; o que eu não entendo é o mistério que tem essa pedra, porque mesmo ela sendo enterrada, ela brilha muito”. Posteriormente, D. Edna interpretou que a joia verde fazia referência aos olhos de Álef: seu menino, seu filho tão amado e querido, era aquela joia enterrada — e o brilho da joia faz referência à luta empreitada em memória da trajetória de vida do seu filho: o amor de Álef pela vida permanece brilhando.




INFELIZMENTE, NO DIA 11 DE NOVEMBRO DE 2015, QUANDO ELE TINHA 17 ANOS, A POLÍCIA ARRANCOU ESSE SONHO DE MIM: O SONHO DE TER UM FILHO HOMEM. (...) EU NUNCA VOU DEIXAR MEU FILHO MORRER! EU ENTERREI A CARNE DELE, MAS OS SONHOS DELE, A MANEIRA DELE SORRIR, O SORRISO DELE, A ALEGRIA DELE PERMANECEM EM MIM — E EU TENHO QUE SORRIR POR MIM E POR ELE, E TENHO QUE VIVER A VIDA POR MIM E POR ELE, ME ALEGRAR POR MIM E POR ELE, E POR ISSO EU LUTO! (...) DO JEITO QUE ELE DISSE QUE NÃO ME DEIXARIA SÓ, EU TAMBÉM DIGO QUE EU NÃO DEIXAREI O SONHO DO MEU FILHO MORRER. ENTÃO, EU ‘TOU NESTA LUTA HÁ 5 ANOS — E DEUS, AS PESSOAS E O ÁLEF TÊM ME DADO FORÇA PARA EU SEGUIR EM FRENTE E VER OUTRAS MÃES TENDO A MESMA FORÇA DE LUTAR PELOS SEUS FILHOS.

Na noite anterior à chacina, Álef sonhou que estava em um lugar *esquisto*, na companhia de um amigo — e tinha um telão, *como se fosse o*



espetáculo dele. O menino perguntou à sua irmã se ele iria para o inferno — e ela respondeu que não, que ele iria para o céu. Esse seria mais um *presságio*: a arte (o *espetáculo*) e a vida entrelaçadas seriam um *sonho* ou uma *revelação* de que a morte estava à espreita?

D. Edna relembra que na época do ocorrido a família não tinha recursos financeiros para a compra do caixão funerário, tendo que recorrer ao auxílio funeral disponibilizado pelo governo. Porém uma amiga de sua filha, que pagava um plano funerário, conversou com o proprietário da instituição e expôs sobre a morte precoce do garoto, descrevendo *quem* e *como* era Álef. Comovido com a situação e com a descrição de Álef, o referido senhor disponibilizou o caixão e as flores para o cortejo.



ANTES DISSO EU TINHA FEITO UMA FEIJOADA PARA A IGREJA E NÃO COBREI, PORQUE DEUS DÁ A RECOMPENSA NA HORA CERTA. MAS NÃO IMAGINEI QUE A RECOMPENSA SERIA O CAIXÃO DO MEU FILHO. (...) ELE PERGUNTOU A COR QUE O ÁLEF GOSTAVA E EU DISSE MARROM. AÍ ERA UM CAIXÃO LINDO, DA COR CARAMELO, TODO CHEIO DE FLOR DE LARANJEIRA, TODO DETALHADO, COM AQUELE VIDRO. FOI TUDO LINDO — E EU DIGO QUE FOI O SENHOR! EU ERA PRA TER FILMADO ISSO — SÓ EU FILMANDO O POVO ACREDITARIA.

Mesmo após sua morte, Álef continuou surpreendendo a mãe com sua sensibilidade e desejo de ajudar a/o próxima/o. D. Edna, orgulhosa das atitudes do filho, relata que no velório do menino uma senhora aproximou-se dela e contou que Álef havia salvado sua vida: um dia, ao atravessar uma rua, a senhora não escutou quando o ônibus estava se aproximando, por possuir comprometimento auditivo; o menino, que estava descendo a rua de skate, puxou-a da frente do veículo. *Nesse dia ele chegou todo ralado — e até perguntei se ele tinha brigado, mas ele não me contou nada porque eu não gostava quando ele andava na pista. Então, meu filho era uma pessoa muito abençoada!*


TRANSFORMEI MEU LUTO EM LUTA!

Após a perda de seu filho de maneira brutal e prematura, D. Edna vê-se desolada com a dor do luto. Naquele momento, seu coração estava despedaçado: a polícia não havia tirado somente a vida do Álef — aqueles homens dilaceraram uma mãe. Ainda em pedaços, D. Edna encontrou forças para lutar e transformou seu *luto em luta*.

Em meados de 2016, D. Edna e outros familiares vítimas da maior chacina protagonizada por policiais militares na história do Ceará, ergueram o *Movimento Mães e Familiares do Curió* para lutar pela memória e justiça por seus filhos e entes queridos que foram executados em 11 de novembro de 2015. A mãe de Álef dedica parte significativa da sua vida na

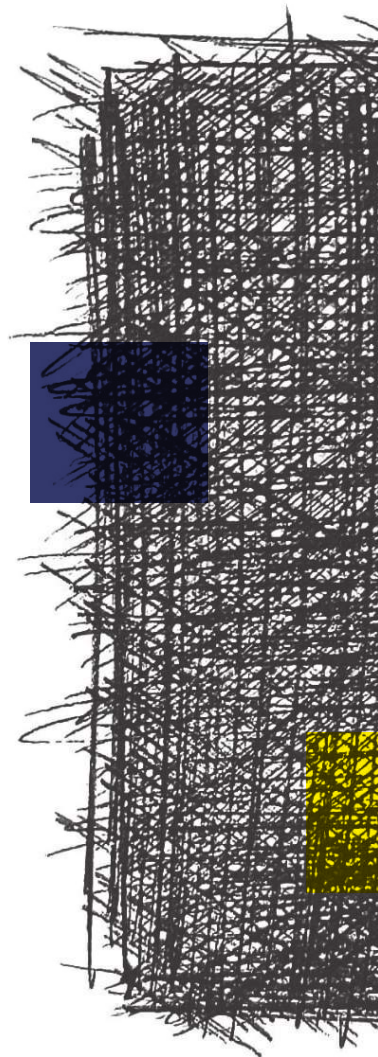
luta pela responsabilização do Estado e consequente condenação dos assassinos, além da reparação dos direitos que foram violados e pela garantia da memória das vítimas, para que a nunca esqueçamos aquela fatídica noite — e para que nunca mais se repita tal violência!

Com o fortalecimento do coletivo e o reconhecimento da bandeira de luta “Movimento Mães e Familiares do Curió lutam por memória e justiça”, D. Edna passou a se destacar na militância política nas periferias da cidade de Fortaleza. Agora D. Edna enfrenta o Estado e trava uma batalha por todos os corpos pretos, pobres e favelados que são vítimas da violência do Estado.



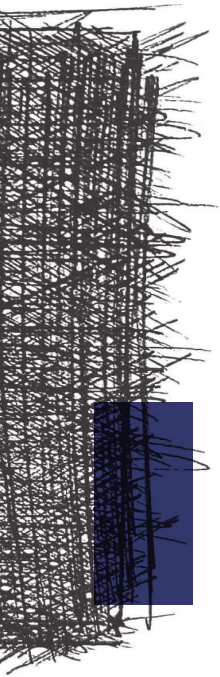
(...) A GENTE TEM QUE MANTER NOSSA JUVENTUDE VIVA! (...) A GENTE TEM QUE LUTAR PELA NOSSA PERIFERIA! NOSSA PERIFERIA É ALVO, É PROCURADA, É MORTA TODOS OS DIAS! (...) ENTÃO, A MINHA LUTA, HOJE EM DIA, É CONTRA A POLÍCIA. CONTRA A POLÍCIA QUE MATA, A POLÍCIA QUE FAZ EXTORSÃO, QUE VIOLA OS DIREITOS DO CIDADÃO! ENQUANTO A POLÍCIA ENTRA NO ESTADO, VAI POR TODO O ESTADO MATAR, EU QUERO LEVANTAR MINHA BANDEIRA EM TODO O ESTADO COMO UMA BANDEIRA DE JUSTIÇA, COMO UMA BANDEIRA DE LUTA, DE LEVANTAR MULHERES EMPODERADAS EM TODO O ESTADO DO CEARÁ! LEVANTAR MULHERES GUERREIRAS QUE DEEM A CARA A TAPA, QUE NÃO TENHAM MEDO PORQUE PERDERAM SEUS FILHOS, MAS, SIM, VÁ LÁ NA TELEVISÃO, QUE VÁ NA MÍDIA, QUE VÁ LÁ NA FRENTE DO GOVERNO, QUE VÁ EM TODO CANTO E DIGA: “MEU FILHO ERA INOCENTE E EU QUERO JUSTIÇA!”

É na luta que D. Edna busca ressignificar a dor da perda de seu filho, ofertando e recebendo apoio de outras mulheres — que, assim como ela, também perderam familiares através do braço armado do Estado. Sua força e resiliência são exteriorizadas pelo seu olhar, pelos seus textos postados nas redes sociais, por sua voz firme, pelas suas falas na TV, nos movimentos sociais, na Assembleia Legislativa, nas conversas



cotidianas — e em qualquer espaço em que fale sobre o seu amor por Álef.

D. Edna hasteia a bandeira do grupo com as fotos das pessoas assassinadas na Chacina. Resiste, declamando a memória e sendo a voz dos sonhos usurpados do menino sonhador e de outras vítimas.



DESDE 2016, QUE EU LEVANTEI A BANDEIRA DO CURIÓ, EU TENHO LEVANTADO ESSA BANDEIRA DE JUSTIÇA. EM TODO ESTADO, EU ‘TOU LEVANTANDO, PORQUE EU QUERO QUE ESSAS MULHERES SEJAM EMPODERADAS E NÃO PERCAM SEUS FILHOS E FIQUEM DE BRAÇOS CRUZADOS COM DEPRESSÃO. TENHO LUTADO CONTRA A DEPRESSÃO EM MINHA VIDA E CONTRA A DEPRESSÃO NA VIDA DE OUTRAS MÃES! PORQUE O ESTADO MATA NOSSOS FILHOS E O QUE O ESTADO QUER É QUE NÓS TENHAMOS DEPRESSÃO, QUE NÓS FIQUEMOS ADOECIDAS. NÃO É ISSO QUE NÓS QUEREMOS, NEM O QUE QUERO PARA OUTRAS MÃES. QUERO QUE ELAS SE FORTALEÇAM NA DOR, NO CHORO, NA PRECARIIDADE! SE FORTALEÇAM, MULHERES FORTES! PORQUE A LUTA NÃO ENFRAQUECE, A LUTA FORTALECE! AS DORES SÓ SERVEM PARA NOS FAZEREM MAIS FORTES, FIRMES, MULHERES EMPODERADAS, GUERREIRAS E VALENTES!

Apesar de toda dor vivenciada por D. Edna, o que se conhece dela passados cinco anos da morte de seu filho é a transformação do seu *luto em luta*: ela segue e encoraja outras mulheres a ressignificarem suas dores e sofrimentos. Hoje ela duela como uma verdadeira *heroína*, encarnada na vida real, que não se encontra em histórias em quadrinhos ou filmes de ficção: ela é — e sempre será — a *heroína* da memória de Álef!



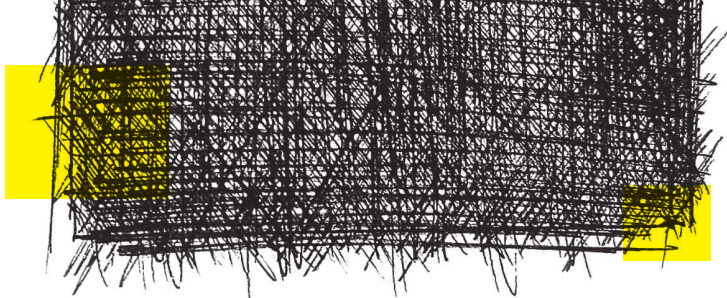
EM HOMENAGEM A PEDRO ALCÂNTARA BARROSO DO NASCIMENTO FILHO

PEDRO

UM DOS CINCO
FILHOS AMADOS: **NÃO**
DÁ PRA CONTAR A
HISTÓRIA DE UM SEM
CONTAR [A] DO OUTRO

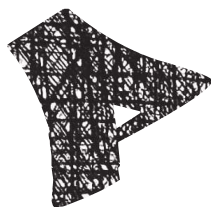
Por
Catarina Ferreira
Cavalcante
Samara Edwíges
Andrade Lima
Patrícia Marciano
de Assis





“EU ME SENTEI EM UMA DAS REDES E VEIO A LEMBRANÇA DE QUANDO PEDRINHO E NETINHO DEITAVAM NELA. FOI AÍ QUE A MINHA FICHA CAIU. AS REDES ARMADAS MANTINHAM AQUELA SENSAÇÃO DE QUE ELES NÃO ‘TÃO AQUI, MAS VÃO CHEGAR JÁ, JÁ.’”

REDES VAZIAS: SAUDADES DE UM BALANÇAR QUE NÃO PODE MAIS ACONTECER



edro era um dos filhos de Catarina, de um total de cinco. Ela convida a gente para adentrar em uma memória e numa história que era de vários — e não somente de um. Aliás, para conhecer uma dinâmica familiar que era de *fôlego*: sair de casa cedinho, tomar o ônibus para o trabalho no Centro, atender até três clientes simultaneamente atrás de um balcão; chegando em casa, iniciar a jornada de lavar, passar, varrer, cozinhar, cuidar dos cinco filhos e do marido — cobrando a parte que cabia a cada um e cada uma nas tarefas do ambiente comum. *De domingo a domingo*, relembra Catarina, essa era a rotina para que não faltasse às duas filhas e aos três filhos *aquilo que eu não pude ter: graças a Deus, materialmente meus filhos tiveram e emocionalmente também*, confessa.


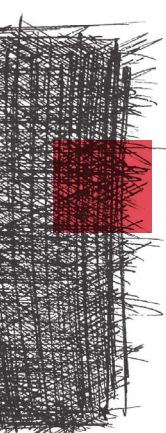
Quando Pedro chegou, de parto normal, já tinha muita gente para chamar de *família*. Deve ter sido pensando



nisso que ele quis se antecipar, já que Pedro nasceu, com seus dois quilos e seiscentos e trinta grammas, aos sete meses e quinze dias de uma gestação prematura, no dia 28 de agosto de 1997 — quase no aniversário do pai e a um ano de distância de um dos irmãos mais próximos. Mesmo com a rapidez da vinda ao mundo, teve que aguardar para conhecer a casa, pois a eclâmpsia no parto fez com que ele precisasse ficar quatro dias no hospital — isso por causa do susto de um cachorro bravo que trouxe alterações na pressão da mãe e provocou o nascimento prematuro.


De todas as gestações, a avó de Catarina dizia que Pedro ia *laçar* quando nascesse, porque ele se mexia muito. O remédio para que isso não acontecesse seria não ficar parada: *pegue uma vassoura, vá varrer o quintal, se ocupe! Faça alguma coisa que isso ajuda*, assegurava ela. Catarina, que mal conseguia andar direito, ficava pra lá e pra cá pela casa, seguindo os conselhos da avó. Apesar de apressado e de ter nascido *uma criança pouquinha*, ele futuramente viria a se tornar um garoto forte, feliz e saudável, *de saúde e de alma*, sempre com um sorriso frouxo, correndo em casas amplas com quintais, aprontando sozinho ou brincando com os irmãos — e sendo afagado pela família que compartilhava um terreno comum em Messejana, onde todos e todas moravam.

A união e proximidade com os irmãos são coisas que se destacam nas recordações da família. Tudo era herdado de uns pelos outros: berço, fralda, carrinho e brinquedos. Inicialmente eles não tinham muito acesso à rua, mas, como estavam em três, ao que parece não fazia mesmo muita falta. Na escola, as crianças estavam sempre juntas sob o olhar atento da avó — que era a merendeira e também chamada de *mãe* pelos netos. Alguns professores que ensinaram Catarina também ensinaram seus filhos: *eles cresceram um dando a mão pro outro andar* — ou como ela costumava brincar: *um puxou o pé do outro*, os três meninos eram os irmãos mais próximos pela curta diferença de idade.



POR ISSO QUE EU DIGO: PEDRO E NETINHO TINHAM UMA LIGAÇÃO AINDA MAIS FORTE. É UMA HISTÓRIA MUITO MALUQUINHA. O QUE UM QUER, O OUTRO QUER; O QUE UM FAZIA, O OUTRO FAZIA. (...) ELES DIVIDIAM DORES: A ANGÚSTIA QUE UM SENTIA, O OUTRO TAMBÉM SENTIA. COMO A GENTE DIZIA, ELES ERAM GÊMEOS DE ALMA, NÃO DE CORPO. O PEDRIM ERA MINHA BENCINHA, NUNCA ME DEU TRABALHO. NÃO DÁ PRA CONTAR A HISTÓRIA DE UM SEM CONTAR DO OUTRO. ALIÁS, DOS TRÊS. ALIÁS, DOS CINCO!

As arengas entre os irmãos eram constantes, mas o cuidado também. Eles chegavam a compartilhar as mesmas roupas — e faziam quase tudo juntos. Catarina lembra que o que um fizesse, o outro queria fazer também — e sempre foi assim. Em certo momento em família, Netinho, como qualquer jovem que almeja por independência e liberdade, falou que quando fizesse 18 anos ia embora e ninguém nunca mais iria ouvir falar em seu nome. Pedrinho logo em seguida concordou, dizendo que faria o mesmo. Ao que o irmão retrucou: *Ave Maria, mas também tudo o que eu faço tu quer fazer também!*



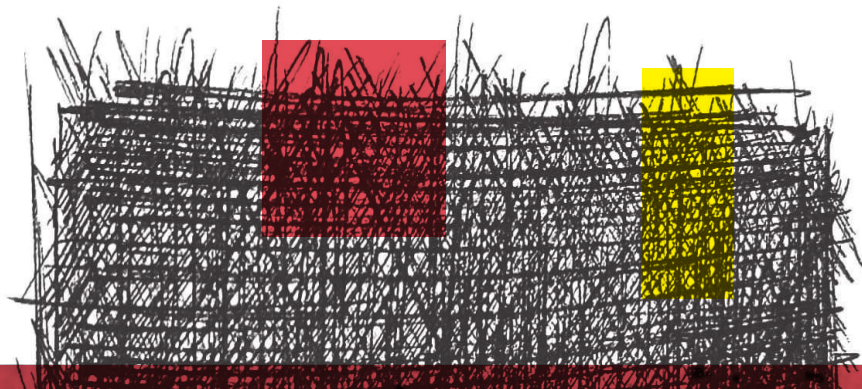
PEDRO É UM DOS CINCO FILHOS DE CATARINA FERREIRA. O AMOR PELA PERCUSSÃO ERA COMPARTILHADA ENTRE OS IRMÃOS, QUE CRESCERAM “ACABANDO COM TUDO QUE ERA PANELA” DENTRO DE CASA.

Nos momentos de conflito, Catarina ressalta que não era vista como uma mãe distante: ela conseguia sentar com os filhos e tecer diálogos tão próximos que só pelo olhar conseguia descobrir se alguma coisa estava errada. Ela diz que sempre fez por onde manter essa união e proximidade entre eles, não só entre os dois, mas com todos eles — e até mesmo com os amigos, a exemplo de ter procurado sempre ter um videogame em casa: quando chegavam da escola, era bem comum eles jogarem no *Playstation* ou LOL no computador. Às vezes jogavam até tarde da noite com os amigos, apesar de outra ser a paixão deles: a percussão!

Catarina orgulha-se de que a *paixão pela percussão* foi passada dela para



As arengas e os cuidados entre os irmãos eram constantes na casa da dona Catarina.



seus filhos e acredita que *essas coisas vêm do sangue*: ela começou a se aproximar dos instrumentos ainda na infância — e na adolescência já tocava perfeitamente. Os filhos cresceram *acabando com tudo que era panela com as pancadas!* O interesse das crianças pela percussão encontrou vazão quando começaram a frequentar a Igreja Adventista ao lado da casa da avó: Netinho, Pedro e o filho mais novo, com 10, 9 e 7 anos respectivamente, cresceram na banda de fanfarra da Igreja, apesar de nem todos terem idade para tal.

Pensando nisso e vendo numa perspectiva atual, Catarina acha que é mesmo *coisa de família*, pois observa que seu neto já demonstra interesse pela percussão, quando sai batucando pela casa. Certo dia, ela escutou um *tantantan* pela casa. Procurou de onde vinha e se surpreendeu ao ver o menino com os dedos entrelaçados nos lápis que simulavam baquetas. De imediato, ela perguntou a filha mais nova, mãe do neto, se ela havia mostrado os vídeos dos irmãos tocando: ela respondeu que sequer tinha coragem de abrir o arquivo para ver, enchendo os olhos d'água ao dizer isso.

GÊMEOS DE ALMA: A ANGÚSTIA QUE UM SENTIA, O OUTRO TAMBÉM SENTIA

No ano de 2015, a família foi surpreendida pelo adoecimento de Netinho, um dos cinco filhos. Em casa, ninguém sabia do que ele sofria, afinal o garoto havia crescido forte, saudável, brincando com os outros irmãos, por vezes se intitulando como *o homem da casa*, na ausência do pai. O jovem recebeu um diagnóstico que, segundo Catarina, *desestruturou a família toda*: os exames haviam detectado um câncer. Aquela dor desmoronou sobre os ombros de toda a família, que prontamente se organizou para a nova rotina de vida.

Para cada internação e ida à UTI, a corrente de oração se fortalecia. A irmã mais velha chegou a ficar desempregada, pois faltava ao trabalho para ajudar nos cuidados com o irmão. Os familiares se revezavam nas idas ao hospital. Catarina não media esforços para garantir todos os cuidados para seu filho. Certo dia, ela pediu para que Pedro fosse o acompanhante de Netinho no hospital: este havia acabado de fazer uma cirurgia e ainda estava com os pontos. A mãe deu as devidas orientações de cuidados para Pedro e pediu que Netinho não fosse retirado da cama para que os pontos não fossem machucados. Ela partiu para o Centro em busca de um colchão específico, de *casca de ovo*, difícil de achar, e deixou Netinho sob os cuidados de Pedro — mas neste a emoção batia a todo instante, quando via o irmão naquele leito de hospital.

Quando Pedro chegou, Netinho pediu para ir ao banheiro, mas Pedro recusou-se dizendo que a mãe o havia proibido de sair da cama.



— Eu sou o mais velho e eu mando em você — disse Netinho.

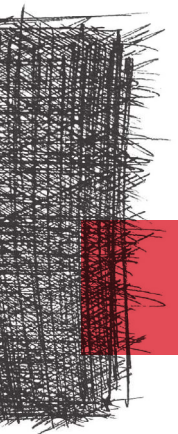
Pedrinho obedeceu ao irmão, colocou-o na cadeira e o levou ao banheiro. A falta de jeito acabou machucando os pontos do rapaz, que chorou de tanta dor.

— Eu quero ir pra casa — dizia Netinho.

— Macho, tu é de maior, se tu quiser, pode assinar e sair — sugeriu Pedro, achando que o melhor para o irmão seria voltar para casa.

— É *mermo*, né, *mah!*

Os rapazes chamaram os médicos para avisar que assinariam os papéis para a saída. Quando os profissionais escutaram o plano dos irmãos, ligaram imediatamente para Catarina, que retornou às pressas ao hospital.

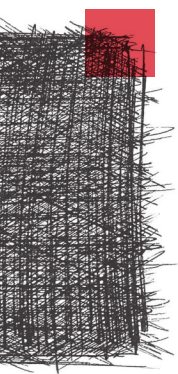


QUANDO CHEGUEI LÁ, PEDRINHO ‘TAVA NO CARÃO: A DOUTORA BRIGANDO COM ELE PORQUE ELE ‘TAVA ACONSELHANDO O IRMÃO A ASSINAR PRA SAIR. (...) ELE ACHOU QUE SEM EU LÁ, IA DAR CERTO ELE IR EMBORA. ELE ACHOU QUE ELES DOIS IAM UNIR FORÇAS PRA SAIR DO HOSPITAL, PORQUE TINHA HORAS QUE PEDRINHO SÓ TINHA TAMANHO: (...) ELE BOTOU IDEIA ERRADA NA CABEÇA DO OUTRO. CHEGUEI BEM NA HORA, UM ESCÂNDALO, VIU? SE TU VISSE O ESCÂNDALO!...

E olhe que os meninos já estavam com o *esquema* todo pronto: ao que parece, já tinham combinado até com o amigo Alisson.

— Tu diz que é de maior, que se precisar eu já ‘tou aqui. Eu ligo pro Alisson e ele vem nos buscar — orientou Pedrinho.

Catarina não duvida que Alisson já soubesse do *plano*: o menino era muito próximo de seus filhos e vivia em sua casa. A intimidade era tanta que ela categoriza a amizade *no nível destampar panela*:



ALISSON VIVIA LÁ EM CASA. DESTAMPAVA PANELA. ELE DIZIA: “TIA, EU ‘TOU COM FOME, POSSO ALMOÇAR, TIA?”. “PODE!”. ELE IA LÁ, DESTAMPAVA E BOTAVA A COMIDA DELE. ELE SABIA ONDE ‘TAVA TUDO: O CAFÉ, O NISSIM, ELE JÁ ABRIA A PORTINHA CERTA. (...) EU IA RECEBENDO OS MENINOS E VENDO O QUE ELES ESTAVAM APRONTANDO, NÉ? A MINHA CASA É UMA CASA ABERTA QUE ELES IAM DE OLHO FECHADO. ATÉ HOJE!



ERAM 23h42min quando Catarina falou com o filho pela última vez. “Pedrinho, vem pra casa, que já está muito tarde”, chamou a mãe. O filho disse que já estava descendo. Nunca mais voltou.

Depois de retomar o controle da situação e convencer Netinho da necessidade dele permanecer no hospital, saiu em busca de Pedro que havia sumido depois da confusão instaurada no hospital. Ela encontrou o filho na ala pediátrica. O garoto estava triste, zangado, inconformado com o desfecho de tudo:



PEDRINHO ‘TAVA LÁ EMBAIXO NA ALA PEDIÁTRICA (...). CHEGUEI LÁ E PERGUNTEI: “O QUE VOCÊ APRONTOU?”. E ELE: “MULHER, EU NUM APRONTEI NADA, NÃO: MEU IRMÃO QUER IR-SE EMBORA, NUM QUER? ELE DISSE QUE QUER DORMIR EM CASA: POIS LEVA ELE PRA DORMIR EM CASA!”. AÍ EU DISSE: “PEDRINHO, NÃO É ASSIM, TEU IRMÃO ‘TÁ DOENTE, PRECISA DE UM ACOMPANHAMENTO, DE UM TRATAMENTO. EM CASA NÃO TENHO COMO DAR. NÃO POSSO FICAR 24 HORAS OLHANDO PRA CARA DELE. DANDO MEDICAMENTO, ESSAS COISAS: EU NÃO VOU SABER DAR. ENTÃO, A GENTE VAI FICAR AQUI MAIS UM POUQUINHO. QUANTO TEMPO? EU NÃO SEI, A GENTE VAI FICAR MAIS UM TEMPI-NHO” (...). — E ELE METEU O PAU A CHORAR: “TOU COM MEU CORAÇÃO QUE NÃO AGUENTO!”. CHOROU, CHOROU, CHOROU... A MOÇA DA PEDIATRIA AMPAROU. PENSAVA ATÉ QUE ELE ERA PAI DE ALGUMA CRIANÇA. PERGUNTOU: “SEU NENÉM TÁ DOENTE?”, ELE DIZIA: “‘TÁ!”. E EU NÃO SABIA SE EU CHORAVA PELO MEU FILHO OU SE ACHAVA GRAÇA PELA ARRUMAÇÃO...

No dia seguinte à confusão, Netinho acordou. Sua mãe perguntou se estava tudo bem, ao que ele respondeu: *‘tá não, eu ainda ‘tou aqui!*

O SOM QUE FAZ A SAUDADE

Após cinco meses de batalha, Netinho não resistiu às complicações causadas pelo câncer. Pedro foi profundamente fisgado pela morte do irmão. Suas noites eram inquietas, tomadas pela insônia causada pela falta. Revirava-se na rede sem conseguir dormir, pois a rede ao lado estava vazia. Certa noite, deu 22 horas e Pedrinho ainda não havia voltado para casa. Após Catarina procurar o filho pela vizinhança, algumas amigas próximas disseram que ele estava sentado no banco da praça e havia dito que de lá não sairia. Catarina seguiu pelas ruas noturnas do Curió em busca do filho: encontrou-o chorando e dizendo que ficaria ali até sua dor passar.

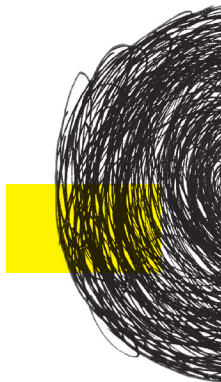
A família tentava seguir a vida após a perda de seu ente querido. Pedrinho faria 18 anos em breve e pediu para que a mãe fizesse um bolinho para comemorar. Catarina refletiu se deve-

ria realizar a festa depois da morte do filho, mas diz: *Deus tocou em meu coração* — e ela acabou aceitando. No dia do aniversário, Catarina ficou surpresa com a dimensão que a festa tomou: Pedrinho havia reunido cerca de 160 pessoas para o festejo. *Pra você passar, era naquela posição de lado, como se tivesse numa feira.* A casa, apesar de contar com um espaçoso quintal, não comportou tantas pessoas, que acabaram tomando as calçadas e as ruas. Depois de muito tempo, Catarina viu Pedrinho feliz novamente e sentiu que fazer a festa acontecer valeu a pena — mas confessa, aos risos, ter caído no *golpe* de que era só um bolim.

Pedrinho estava sempre cercado de muitos amigos. Era comum eles levarem a televisão para a área, espalharem os colchões e jogarem no playstation. Como diz Catarina: *onde tem um playstation, tem um jovem grudado.* A zoada era grande e acabava atraindo mais gente. Pedro ficava tão concentrado no jogo que, certa vez, Catarina pregou-lhe uma peça: chamou os rapazes para almoçar, enquanto eles jogavam, e teve como retorno o típico *vou já!* Sabendo que o filho não gostava de carne cozida com gordura, ela deixou ao lado de Pedrinho um prato de almoço com arroz, feijão, salada, pirão e a “mistura” que não lhe agradava: carne com gordura. O menino estava tão entretido no jogo que comeu sem se dar conta. De noite, Catarina serviu a janta com o mesmo conteúdo — e Pedrinho questionou: *sabe que eu não gosto dessa carne, mãe.* Catarina, então, revelou o que no almoço o rapaz havia comido sem se dar conta — e a família toda riu de modo a se ouvir de longe!

Pedro seguia, assim, o correr da vida. Certa vez, fez como costumava: chegou da escola, jogou a mochila. Pensou em ir à casa da ex-namorada, pois pretendia fazer as pazes e esquecer uma briga recente. Quando chegou até a esquina, retornou para casa. Ao sair de novo, disse que voltava já. Pedro foi encontrar os amigos. Quando se juntavam, eram no mínimo *uns vinte.* Aliás, *qualquer coisinha, eles corriam aqui: era uma água, um fresco em pó, o que eles quisessem. E lá [nas calçadas] podiam conversar à vontade. Aqui, sabiam que eu vigiava porque meu quarto era ali. Se eu escutasse alguma coisa que eu não gostasse, eu vinha.*

Naquela noite comum de novembro, outros jovens se divertiam pelas ruas, tocando instrumentos, comendo pipocas, xilitos, pizza, bolo, sanduíche — e tudo o que havia de mais gostoso no bairro. As conversas nas calçadas se misturavam com o som do violão. Eram 23h42min quando Catarina falou com o filho pela última vez: *Pedrinho, vem pra casa que já está muito tarde.* O filho respondeu que já estava descendo. Um amigo do rapaz passou de moto e ofereceu carona por três vezes, mas Pedro recusou para ir a pé. Alguns minutos depois foi possível escutar *a zoada dos tiros.* Cinco meses e uma semana após a perda de Netinho, Catarina




perdia seu segundo filho — desta vez, vítima letal da violência policial.

As palavras da mãe acolhem a própria dor: *uma pessoa que é tão querida daquela forma não fica muito tempo, não. É impressionante! Na comunidade, até hoje, o Pedro é um menino bem visto, graças a Deus.* De fato, os amigos dele seguem visitando a casa de Catarina para compartilhar lembranças. À época, a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) divulgou para a imprensa que Pedro respondia processo por pensão alimentícia, mas a mãe explica que isso foi um grave equívoco, pois o garoto sequer tinha filhos — inclusive, brinca, seu único “filho” era Curico, um gato manhoso que Pedrinho adotou e que era seu xodó.

Ser mãe de cinco é uma tarefa que exige *percurсионismo*. Com o falecimento dos dois filhos, baquetas, tarol e demais instrumentos foram emprestados para a escola do bairro. Hoje, os instrumentos vibram nas mãos de inúmeras crianças e adolescentes, para que os/as estudantes tenham a oportunidade de aprender e desenvolver as habilidades com os instrumentos mágicos. O mesmo batuque que fazia a alegria, hoje ecoa sons de melancolia. Os instrumentos agora tocam nos ouvidos de Catarina remetendo a suas memórias com os meninos. Ela diz que desenvolveu um bloqueio para continuar tocando. Daí ter resolvido pelo empréstimo, como saída.

Pedrinho tocou os instrumentos até o último ano de sua vida. O filho mais novo já chegou a ganhar medalhas, tamanha sua habilidade, mas atualmente sequer chega perto dos instrumentos ou das bandas. Ele não gosta de falar do assunto, adquiriu o mesmo bloqueio da mãe:



HOJE EU NÃO CONSIGO TOCAR — PRA FALAR A VERDADE, EU NÃO CONSIGO MAIS NEM ESCUTAR. ACHO LINDO, TOCO DESDE CRIANÇA, MAS HOJE O TOQUE DA BANDA ME TRAZ A EMOÇÃO QUE ME TRAZ A LÁGRIMA (...).

Parafraseando Josué Montello, os sons que Catarina ouve são do mesmo *baticum* inconfundível que todos os ouvidos podem ouvir — mas só ela, realmente, *escuta* com as vivências e memórias maternas.



EM HOMENAGEM A **JANDSON ALEXANDRE DE SOUZA**

JANDSON

**O GAROTO DE *NOME*
DE RICO E PAIXÃO
POR ANIMAIS**




Por
Jane Meire
Alexandre de Souza
Rosa Alexandre
de Souza
Ana Cristina Pereira
de Lima Melo
Patrícia Marciano
de Assis



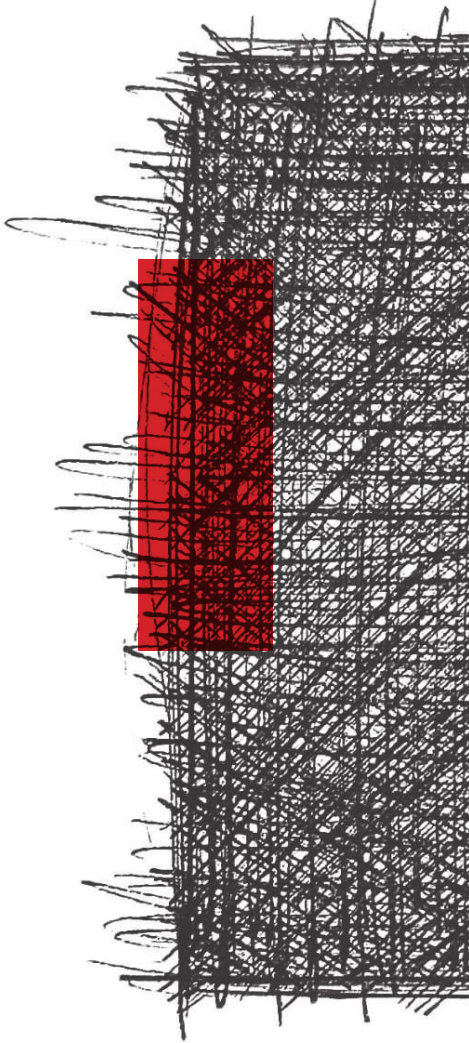
JANJÃO, IRMÃO E FILHO



Quando Jandson nasceu, além do nascimento de uma mãe, nasceu também uma irmã dedicada e uma avó amorosa. Uma família que desde antes da gestação de Janjão, como passou a ser carinhosamente chamado, se ajudava e cuidava, protegendo uns aos outros nas dificuldades da vida e construindo sonhos juntas e juntos. Ele chegou sem fazer alarde, já que a menstruação escondeu a gravidez da família até os cinco meses:



D. JANE: COM CINCO MESES QUE VIERAM DESCOBRIR — E EU ‘TAVA MENSTRUANDO... QUANDO EU PEGUEI MEU FILHO, EU MENSTRUAVA. ENTÃO EU DISSE: “EU TOU LÁ GRÁVIDA!” — E A MÃE DISSE: “VOCÊ ‘TÁ GRÁVIDA, SIM, VAI FAZER EXAME PRA SABER SE ‘TÁ”. E EU, SE EU MENSTRUAVA, COMO ERA QUE EU ‘TAVA? PORQUE EU NUNCA VI A GENTE MENSTRUAR GRÁVIDA... AÍ A MÃE: “VOCÊ ‘TÁ MESMO” — MANDOU A MINHA IRMÃ LEVAR PRO HOSPITAL. FIZERAM EXAME EM MIM, E O MÉDICO: “PARABÉNS, VOCÊ ESTÁ GRÁVIDA E É UM BEBÊ...” EU QUASE CAIO PRA TRÁS, QUASE QUE EU CAIO



O NASCIMENTO DE JANDSON PEGOU A MÃE, JANE MEIRE, DE SURPRESA. ELA CONTOU COM A AJUDA DA MÃE, AVÓ DA CRIANÇA, E DAS IRMÃS PARA QUE NÃO FALTASSE NADA PARA A CRIANÇA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA.



PRA TRÁS! AÍ EU DIGO: “A MÃE VAI ME MATAR! EU JÁ TENHO UM FILHO, QUE EU ‘TOU CRIANDO E A MÃE VAI ME MATAR!” É MINHA IRMÃ: “VAI NADA! DO JEITO QUE ELA CRIOU UM, ELA CRIA OUTRO, CRIA TUDO! ‘BORA S’EMBORA!”. AÍ BOTOU EU PRA CASA. CHEGARAM LÁ, AJEITARAM MEU QUARTO, MANDARAM PINTAR — A MINHA OUTRA IRMÃ TAMBÉM: COMPROU ISSO, COMPROU AQUILO, PRA ELE, E TUDO! FOI MUITO BOM, — E NÃO FALTOU NADA PRA MIM E PRO MEU FILHO, NÃO, GRAÇAS A DEUS.

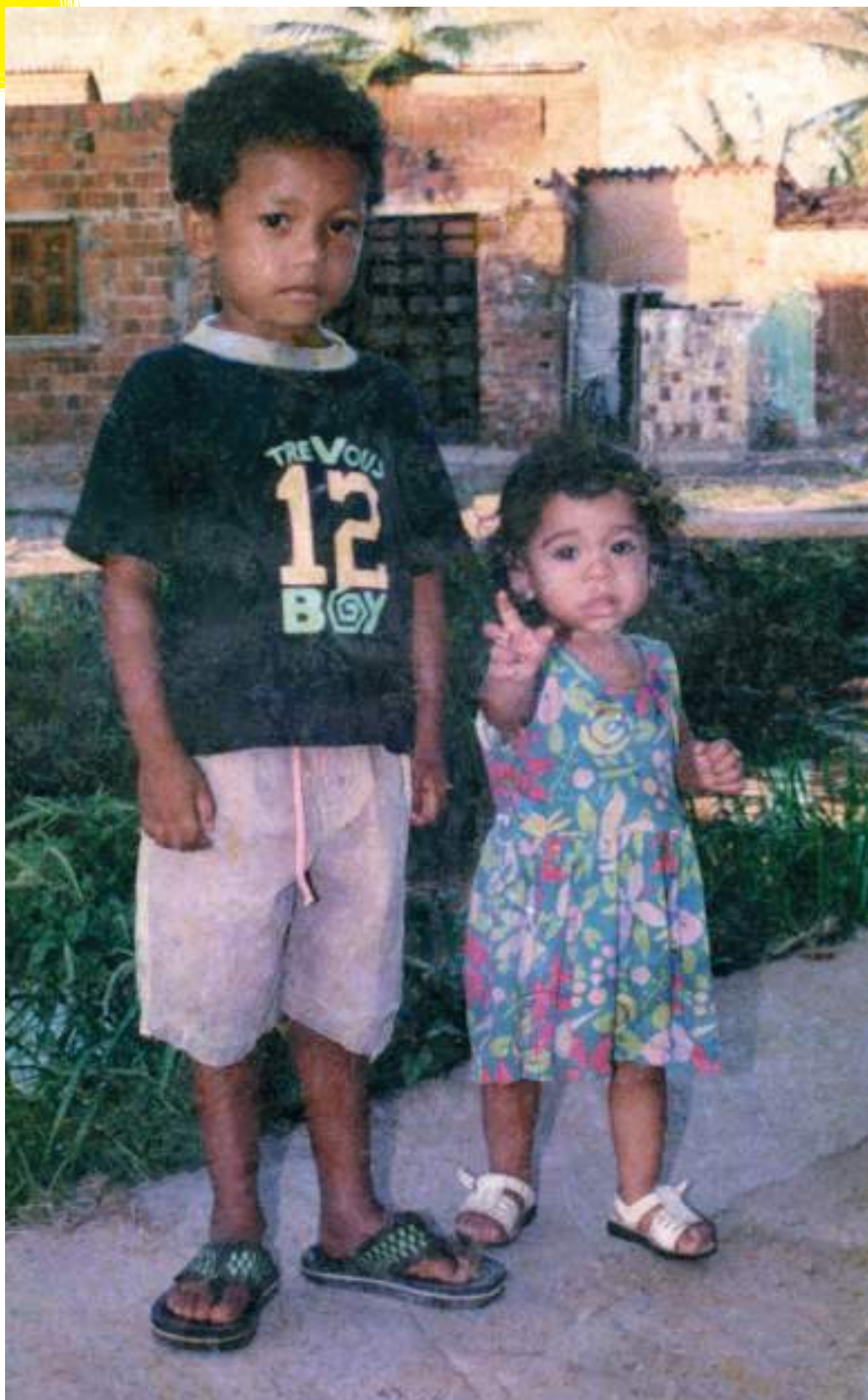
Jandson nasceu em Maracanaú, no dia 11 de fevereiro de 1996, morou por um curto tempo na Barra do Ceará, bairro de Fortaleza, retornando em seguida, com sua família, para Maracanaú — onde cresceu cercado de bichos, principalmente uma ovelha e um carneiro que a família possuía. Estava sempre brincando com galinhas e patos. Sua mãe, D. Jane, relembra, por exemplo, com muito carinho o zelo que seu filho tinha por animais — e afirma que seu neto, filho de Jandson, tem o mesmo apreço pelos bichos, seguindo os passos do pai. Recordando a infância, a avó D. Rosa concorda que ele foi mesmo uma criança especial, muito alegre e comunicativa, acrescentando: (...) *ele só faltava me matar de raiva, fazendo cócegas em mim e correndo atrás de mim: eu me escondendo e ele correndo atrás de mim — menina, eu queria que você visse, era uma alegria dentro de casa!*

Elas duas lembram com bastante carinho da pessoa que Janjão estava se tornando, sempre presente nas relações familiares. O garoto com *nome de gente rica* — como a obstetra o denominou aos três meses de vida — tinha um amor enorme pela irmã, que era seis anos mais velha, a qual o defendia de qualquer injustiça, mas com quem, de vez em quando, aconteciam os costumeiros desentendimentos de irmãos — que, também, logo passavam, pois o amor era maior.

D. JANE: QUANDO ELE ERA CRIANÇA, ELE ERA PEQUENO E TÃO BRINCALHÃO! (...) ELA [A IRMÃ] TINHA TANTA RAIVA DELE, PORQUE ELA CHUPAVA BICO DE PRIMEIRO E ELE NÃO CHUPAVA.

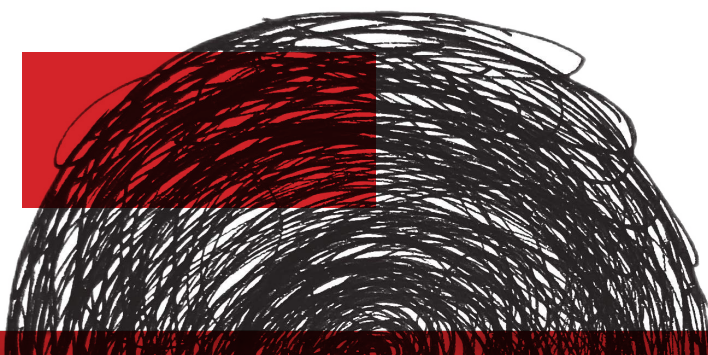


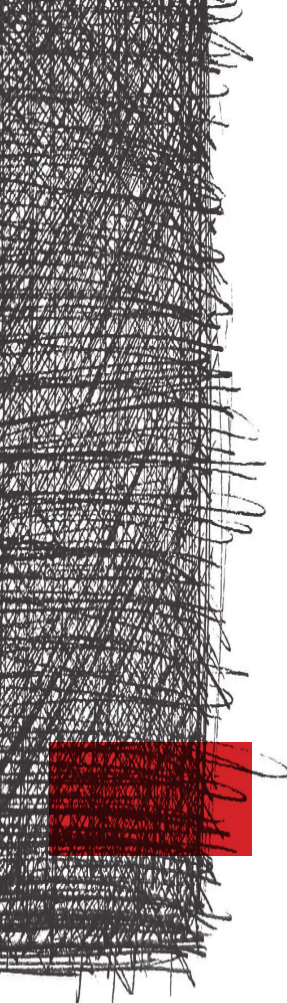
AS BRINCADEIRAS
COM A IRMÃ MARCAM
A NARRATIVA SOBRE A
INFÂNCIA DE JANDSON.
“PARA DE TOMAR O
BICO DA TUA IRMÃ,
CARA!”, BRIGAVA
A MÃE. JANJÃO
ESPERAVA A IRMÃ
COCHILAR PARA TOMAR
O BICO NOVAMENTE DA
BOCA DELA.





“QUANDO ELE ERA CRIANÇA, ELE ERA PEQUENO E TÃO BRINCALHÃO”, RELEMBRA A MÃE JANE.






SABE O QUE ELE FAZIA? MULHER, EU NÃO SEI NÃO, AQUELE MENINO, OH MEU DEUS DO CÉU! ELE CHEGAVA LÁ, TOMAVA O BICO DELA, BOTAVA NA BOCA — E ELA: “EU NÃO QUERO, NÃO, MÃE, ESSE BICO VÉI’, NÃO, MÃE, ELE BOTOU NA BOCA!”. LÁ SE VAI EU IR PRO MERCANTIL COMPRAR OUTRO, COMPRAR MAIS DOIS BICOS. ELE IA LÁ, TOMAVA O BICO DA BOCA DELA — PORQUE ELA NÃO BATIA NELE, NÉ? ELE BATIA MAIS NELA. AÍ EU DIZIA: “PARA COM ISSO, JANJÃO!” — E ELE COMEÇAVA A ACHAR GRAÇA, ASSIM, DO LADO DO SOFÁ. “PARA DE FICAR TOMANDO O BICO DA TUA IRMÃ, CARA!”. AÍ ELE FICAVA ASSIM... OLHANDO ELA COCHILANDO — E ELE IA LÁ BEM DEVAGARINHO E TOMAVA O BICO DA BOCA DELA!

(...) [SOBRE A ADOLESCÊNCIA] ELES ERAM MUITO AMIGOS, MAS QUANDO ELES COMEÇAVAM A DISCUTIR, ELA FICAVA AFASTADA DELE E POUCO DEPOIS ELE DIZIA ASSIM: “NEGA, VEM CÁ, EU GOSTO DE TU!” AÍ DAVAM BEIJOS E SE ABRAÇAVAM. ELES ERAM MUITO AMIGOS! MEU FILHO E A IRMÃ ERAM MUITO AMIGOS!

D. Jane lembra com muita emoção a forma como o filho vivia a vida, sempre com bastante alegria e brincadeiras, tanto com ela quanto com a avó e a irmã. Lembra ainda que Janjão não gostava de estudar, porém não faltava aula, pois não queria perder a merenda da escola. Uma lembrança recorrente que ela tem desses momentos é referente aos banhos do filho: Janjão demorava no banho, passava uma hora e meia, mais ou menos, cantando e ouvindo música alta. Além de ser lembrado por ser muito vaidoso desde novo: *sempre, no Natal, ele queria que eu comprasse roupa e sandália kenner. Ficava doído quando eu dizia que não tinha dinheiro pra comprar.*


Ainda na adolescência, Janjão começou a frequentar o bairro Curió, na grande Messejana. O garoto começou a trabalhar no sítio de um homem, cuidando dos animais. D. Rosa conta que, mesmo com a grande frequência do neto no bairro Curió, o garoto nunca deixou de retornar à sua casa em Maracanaú para estar com sua família — e se tivesse que dizer alguém de quem ele era mais próximo, era dela: *ele vivia mais lá em casa do que na Jane.*

As andanças entre Maracanaú e Curió dão testemunho da abrangência de seu carisma e bem querer com amigos e familiares. Trabalhava em um sítio neste último bairro, participava das festas juninas, de forró, das cavalgadas e vaquejadas nos arredores. Inclusive, foi assim que conheceu a namorada — que, grávida dele, era um dos motivos a mais para o trânsito entre bairros, sempre voltando para a casa da mãe ao amanhecer.



D. JANE: TODA VIDA QUE IA PRO CURIÓ, ELE DIZIA ASSIM — “MÃE, HOJE EU NÃO CHEGO AÍ, NÃO, MAS AMANHÃ ÀS 6 HORAS EU ‘TOU AÍ’”. PARECE QUE ATÉ OUTRO DIA, EU ‘TAVA COM ISSO NA MINHA CABEÇA, QUE ELE JÁ GRITAVA DE LONGE, QUE ELE FAZIA... [ASSOBIA]. EU DIGO: “É ELE QUE VEM CHEGANDO”. AÍ ELE IA LÁ NO MEU PORTÃO QUE ERA ABERTO ASSIM, LÁ NO MURO: “BORA, VÉA, ABRE AQUI O PORTÃO!”. AÍ EU DIGO: “TU JÁ CHEGOU UMA HORA DESSAS, MENINO?”. [E ELE:] “JÁ, MÃE, TROUXE O PÃO — JÁ FEZ CAFÉ?”. E EU DISSE: “JÁ FIZ...”. ELE TRAZIA PÃO, TRAZIA LEITE — QUE ELE GANHAVA DINHEIRO LÁ DOS MENINOS...

Mas não era só isso: ele era conhecido — e por onde andava, colecionava acenos de cabeça e mão, assim como colegas e amigos.



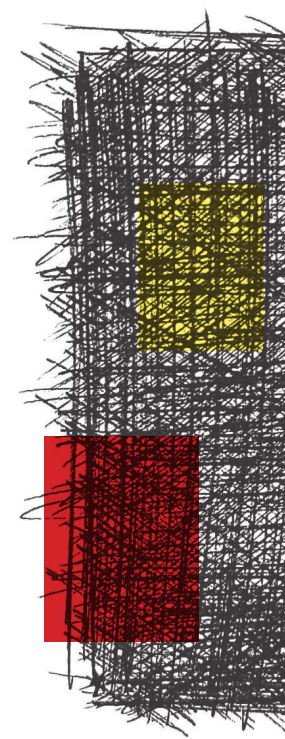
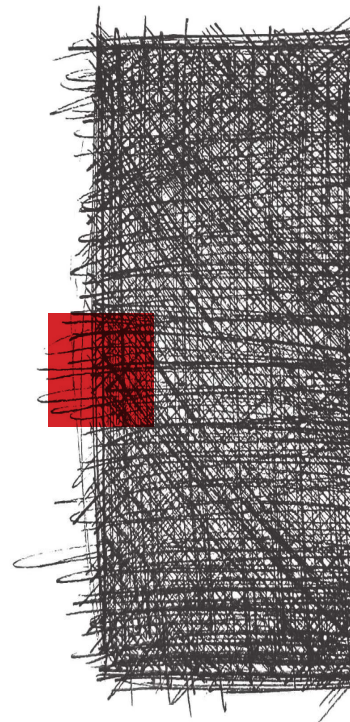
D. JANE: BEM DIZER ELE NASCEU AQUI, QUE A GENTE MORAVA NA BARRA DO CEARÁ E VEIO PRA CÁ. TODO MUNDO AQUI CONHECE ELE!

D. ROSA: TODO MUNDO GOSTAVA DELE — VEIO TRÊS CARROS DE GENTE PRO VELÓRIO DELE...

D. JANE: SE PERGUNTAR SE NÃO CONHECE ELE, ESTÃO MENTINDO, MAS ELE ANDAVA POR ISSO AQUI TUDINHO! DE CAVALO! ANDAVA DE CAVALO POR TODO CANTO! IA POR ACOLÁ, NO SÍTIO QUE TEM PRA ACOLÁ, VOLTAVA, FOI PRA UMA VAQUEJADA ACOLÁ, ALI EMBAIXO. (...) ELE TINHA MUITO AMIGO!

D. ROSA: ELE E A IRMÃ.

Da escola, tinha vários, mas estudar mesmo que era bom, ele não era muito chegado, não. Gostava mesmo era de namorar! A namorada do Curió logo veio com a notícia da gravidez — no ultrassom o grito: *é menino, mãe!*, seguido de uma crise de asma, que ele estava afoito e es-



queceu-se até de respirar, ao contar a novidade para a família.

Entretanto, as idas e vindas tiveram alguns entraves: antes da Chacina, pelo menos duas vezes ele se deparou com abordagens policiais violentas. Na primeira, ele tinha ido comprar comida — e foi parado, sendo liberado somente com a intervenção da mãe e depois de perceberem que ele era adolescente; na outra, ele estava voltando do trabalho no Curió e teve que ficar escondido nos matos, porque os policiais estavam atirando com bala de borracha em quem estava na rua, parando todos os adolescentes e jovens do local.

Relembrando o episódio da Chacina, a mãe e avó reafirmam aquilo que todas nós empaticamente imaginamos — e que os amigos e conhecidos têm lamentado:



D. JANE: EU NÃO QUERIA QUE MEU FILHO MORRESSE, NÃO. EU SINTO TANTA FALTA DELE...


D. ROSA: AH, MEU DEUS, UMA HORA DESSAS A GENTE ‘TAVA LÁ EM CASA CONVERSANDO!

D. JANE: MEU FILHO ERA TÃO ALEGRE, NÃO TINHA RAIVA DE NINGUÉM, ELE ERA MUITO LEGAL COMIGO!...

Ninguém merece mesmo morrer dessa forma — e se assim foi, tem-se o direito à gravação de sua história e memória para jamais ser esquecido. A escola no bairro Curió hoje tem gravado em suas paredes o nome de Jandson, assim como nos corações de todos que o conheceram. A comunidade atualmente ainda tenta colocar o nome das ruas nas proximidades com os das pessoas que, como ele, foram vitimadas pela violência policial — e que tiveram seus sonhos e vidas interrompidos.

A PAIXÃO PELA VIDA

Contudo, por mais que tenha sido breve, é importante ressaltar também que ele aproveitou bastante a vida, como diz D. Rosa: *luxou muito, passeou muito, onde tinha uma festa, ele ia*. E é assim que a gente quer terminar esse texto.



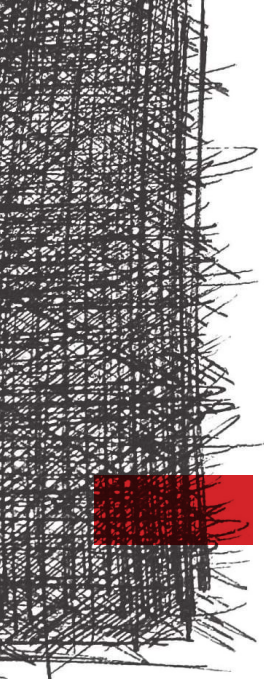
D. JANE: ME LEMBRO DELE QUANDO A GENTE IA PRA VAQUEJADA — “MÃE, CADÊ MEUS SAPATOS?”

D. ROSA: ERA A MAIOR ALEGRIA DELE!

D. JANE: AÍ AS BOTAS, ELE TINHA UMAS BOTAS — “MÃE, CADÊ MINHAS BOTAS?”. EU DIGO: “TÁ ALÍ”. “EU VOU PRA VAQUEJADA, MÃE, ‘BORA VER, MÃE? EU VOU PUXAR O RABO DO BOI. ‘BORA OLHAR?”




COMO QUALQUER ADOLESCENTE, JANDSON PEDIA QUE A MÃE COMPRASSE ROUPA E SANDÁLIAS NOVAS QUANDO CHEGAVA O NATAL. “FICAVA DOIDO QUANDO EU DIZIA QUE NÃO TINHA DINHEIRO PARA COMPRAR”, NARRA A MÃE JANE MEIRE.



ÁI NÓS FOMOS OLHAR: ELE SE ATREPOU NO CAVALO E PUXOU NO RABO DO BOI! SÓ SEI QUE ELE CAIU EM CIMA DAS BOSTAS LÁ DO COISO E FICOU TODO MELADO. É NÓS ACHANDO TANTA GRAÇA, EU MAIS A MINHA FILHA... ÁI EU DIGO ASSIM: “TU NÃO SABE NEM PUXAR NO RABO DO CAVALO, MACHO, DO BOI — E TU ‘TÁ TODO CAGADO AÍ!”. [E ELE:] “BORA, MÃE, PRA CASA, QUE EU VOU TROCAR DE ROUPA E VOU VOLTAR DE NOVO!”. [E EU:] “TU ‘TÁ SÓ SUJANDO ROUPA, NÉ, JANJÃO?”. [E ELE:] “É, MÃE, EU ME CAGUEI TODINHO, MAS EU VOU JÁ TROCAR DE ROUPA E EU VOU CALÇAR OUTRAS BOTAS — E EU VENHO JÁ PRA CÁ DE NOVO”.

Falando em alegria, sobre sonhos e planos, Jandson cresceu com muitos, mas eles podem ser resumidos em ter seu próprio sítio para criar galinhas, patos, bode, cabras, carneiros e outros animais, e construindo uma nova família com o filho — na verdade, agregando-o à família que já possuía. Se tivesse uma casa com um quintal grande, com espaço para encher de animais de criação, para ele já era de bom tamanho. Enquanto isso, ele ia improvisando com o que tinha:



D. JANE: ELE DISSE ASSIM — “MÃE, EU VOU COLOCAR O CAVALO LÁ NO QUINTAL”... “BOTE NÃO, QUE TANTO ELE VAI CAGAR [QUANTO] VAI MIJAR; E O MIJO DELE É PODRE!...”. “NÃO, MEU CAVALO NÃO VAI DORMIR NO MEIO DA RUA, NÃO”. “E TU VAI COLOCAR ELE POR ONDE? PELO BECO DA CASA DA TUA IRMÃ, ELA NÃO DEIXA. TU QUER ENTRAR POR DENTRO DE CASA?”. MULHER, POIS ELE NÃO COLOCOU ESSE CAVALO POR DENTRO DE CASA, LÁ NO QUINTAL?! (...). NUM INSTANTE EM QUE EU FUI ALI NAS MENINAS, QUANDO OLHEI: “QUEM FOI QUE BOTOU ESSE CAVALO PRA CÁ?”. [ELE RESPONDEU:] “AH, MÃE, EU ‘TOU BANHANDO ELE! SE ELE CAGAR, EU LIMPO (...). ELE VAI DORMIR AQUI, PRONTO E ACABOU-SE! SE FOR POSSÍVEL, EU DURMO ATÉ COM ELE ALI”. ÁI LÁ TINHA UMA REDE, LÁ NO QUINTAL, PRO COISA — E EU DISSE: “TU VAI CAIR DESSA REDE”, PORQUE O PAU ERA MOLE, ERA SÓ PRA SUSTENTAR A BARRACA PARA LAVAR ROUPA E TUDO. [E ELE DISSE:] “NÃO, EU VOU DORMIR É AQUI!”. ÁI QUANDO DEU DEZ HORAS, EU FUI CHAMAR ELE: “JANJÃO, ‘BORA DEITAR LÁ EM CASA”, [AO QUE ELE RETRUCOU:] “VOU NADA, VOU PASTORAR MEU CAVALO, PORQUE SE A SENHORA ABRIR O PORTÃO, ELE VAI-SE EMBORA”. POIS ELE DORMIU A NOITE TODINHA LÁ, TU ACREDITA?!...

Os episódios com os bichos se avolumam nas narrativas familiares e comunitárias. Afinal, ele vivia ganhando dinheiro, negociando ali os bichos que ganhava e comprava aqui. Nas várias fases da vida e das relações, os animais foram constantes alvos de cuidado e atenção, assim como objeto de trabalho e diversão. Entre seus planos, estava dar uma vida boa e confortável para a sua avó e sua mãe, contribuindo também com toda ajuda à sua irmã Bila, como a chamava, e ao filho que estava a caminho.

De todos os animais que possuía, a paixão de sua vida era o cavalo, como lembra sua mãe: [desde criança] *ele gostava era de brincar de cavalo; ele tinha dois anos e já andava de cavalo. Tenho uma foto lá na mãe dele com um colega (...)* — os meninos levavam ele no cavalo. Nisso ele se apaixonava! O cavalo lhe possibilitou trabalhar como vaqueiro e andar por vários bairros, comprando e vendendo bichos que tinha no quintal em que morava com a mãe, já na adolescência.

A avó relembra como foi a compra do primeiro cavalo — segundo ela, um sonho realizado:

D. ROSA: ELE ERA LOUCO POR CAVALO, E EU — “SE PREOCUPE, NÃO, QUE EU VOU COMPRAR UM CAVALO PRA VOCÊ!”. AÍ COMPREI UM CAVALO, MULHER, À PRESTAÇÃO, NÃO FOI, JANE? UM CAVALO BONITO, GRANDE, VERMELHO.


D. JANE: FOI, COMPROU ARREIO, COMPROU TUDO PRA ELE...

D. ROSA: AÍ EU DISSE — “AGORA VAMOS LÁ NO SÃO SEBASTIÃO (UMA BÊNÇÃO QUE EU PEGUEI UM DINHEIRO AÍ, NÉ?! VAMOS LÁ NA PRAÇA DA ESTAÇÃO, COMPRAR A SELA — QUE EU VI MUITA SELA LÁ PENDURADA. AÍ FUI MAIS ELE COMPRAR ESSA SELA, OS ARREIOS TUDINHO, A SELA BONITA, DAQUELAS BORDADAS, SE NÃO ME ENGANO A SELA FOI 300 REAIS, FORA OS ARREIOS, AS COISAS DE BOTAR, O CHICOTE (...).

Investimento que foi muito bem aproveitado — e rendeu! Depois de sua morte, a família teve que vender alguns de seus animais — e em um episódio da venda de dois carneiros, ambas recordaram a recusa dos bichos que pareciam *entender* o destino diferente de onde sem-

pre foram criados. No episódio narrado, eles berravam e saíam de dentro do carro sem querer ir embora: quando Jane colocava um, *o outro entrava dentro de casa* — e foi assim até que o novo dono dos animais amarrasse os dois. Segundo o relato, eles foram berrando até chegar ao novo lar. Os carneiros tinham sido comprados por Jandson quando soube do nascimento do filho, para que desde cedo ele aprendesse a lidar com os animais e a nutrir a mesma paixão que o pai tinha por eles.

Em outro episódio, o cavalo também chegou a ser negociado, mas por ele mesmo, sendo trocado por uma égua grávida e cega que a avó custava a aceitar, com medo de que o animal o derrubasse em suas andanças pela cidade, como ela alertava:



D. ROSA: (...) ELE FICOU MUITO TEMPO COM ESSE CAVALO. QUANDO DÁ FÉ, O AMIGO DELE: “JANDSON, TROCA POR UMA ÉGUA, QUE AO MENOS VAI PARIR”. QUANDO DEU FÉ, O JANJÃO CHEGOU LÁ EM CASA COM UMA ÉGUA CEGA, SÓ TINHA UM OLHO. EU DIGO: “VALHA, MEU JESUS DE NAZARÉ, TU ‘TÁ DOIDO, JANJÃO?”. “NÃO, MÃE, A ÉGUA, ELA VAI PARIR E VAI TER OUTROS BURRINHOS AÍ”. EU DIGO: “MEU FILHO, NÃO PRESTA, NÃO, QUE ELA VAI É LHE DERRUBAR POR AÍ!...”

Mas não teve jeito, que ele era decidido — e negócio feito era negócio fechado! O curioso é que uma semana antes da entrevista para esse livro, Jane conversou com o novo dono da égua, o qual a informou do nascimento dos burrinhos e de sua decisão de presentear seu neto com um dos filhotes depois do desmame: *Jane, ‘tá muito pequenininho, quando ele crescer, eu vou deixar lá na sua casa* — afirmou ele. E não é que o garoto parece *ter jeito*: com cinco anos já vai ter seu primeiro burrinho!



EM HOMENAGEM A RENAYSON GIRÃO DA SILVA

RENAYSON,

MAIS QUE UM
FILHO, UM AMIGO E
CONFIDENTE



Por
Maria de Jesus
da Silva
Larissa Silva
Carvalho
Neyla Priscila de
Araújo Castro

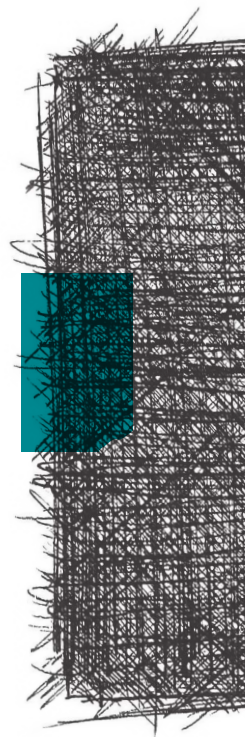
“É QUE A GENTE QUER CRESCER, MAS QUANDO CRESCE, QUER VOLTAR DO INÍCIO...”




Quando soube da proposta do livro, D. Maria nos contou ter sentido que finalmente poderia homenagear a memória do filho, nascido no dia 19 de fevereiro de 1998, pois há muito tempo pensava em realizar algo que pudesse mostrar para as pessoas o quanto Renayson era um menino bom. Acrescenta que antes pensava muito em colocar o nome dele em uma rua da cidade, mas com a morosidade do processo, percebeu que talvez isso não fosse acontecer — portanto, o livro lhe renovou os ânimos.

AGORA EU QUERO FAZER UM LIVRO DO MEU FILHO MUITO BONITO, SABE POR QUÊ? PORQUE O RENAYSON PRA MIM... ELE VEIO PRA MIM NÃO FOI SÓ COMO FILHO, VOCÊ ‘TÁ ENTENDENDO? OLHA, ELE ERA MEU AMIGO! EU QUERO LUTAR PELOS SEUS DIREITOS, EU QUERO FAZER COM QUE A SUA HISTÓRIA NÃO FIQUE MORTA, QUE AS PESSOAS RECONHEÇAM MEU FILHO COMO UM JOVEM BOM QUE FOI PRA MIM!

A chegada de Renayson na vida de D. Maria foi muito aguardada. Para ela, trouxe felicidade e esperança. Como mulher que teve uma infância difícil, o nascimento dele lhe ocupou vazios que carregava desde





**“A LEMBRANÇA DO
MEU FILHO AINDA
TÁ AQUI, VIVA,
AQUI! VIVA! EU NÃO
CONSIGO ESQUECER”,
REMEMORA A MÃE
MARIA DE JESUS.**



menina. Vê-lo foi como um *encontro de almas*: o amor se materializou quando o pequeno veio ao mundo — havia algo que a razão humana não poderia explicar quando se conheceram. Mesmo a escolha de seu nome foi um acontecimento importante em suas lembranças:

A GENTE FOI PESQUISAR O NOME DELE. (...) EU QUERIA FAZER O NOME DELE PARECIDO COM O MEU, AÍ EU COLOQUEI RENAYSON, PORQUE MEU NOME É REGINA, NÉ? O PAI DELE FEZ O NOME DE TODAS AS FORMAS, A GENTE ENCHEU UM CADERNO TODINHO PRA PROCURAR ESSE NOME DELE. ELE CRIOU UM NOME COM O MEU — E O SOM DE REGINA COM O SOM DE RENAYSON. AÍ, A GENTE FOI BATIZAR ELE COM O NOME DE RENAYSON.

No entanto, com a alegria do nascimento também veio a luta pela vida do menino que, ainda bebê, precisou ser submetido a uma cirurgia. Contudo, o Divino estava ao seu lado em todo o processo — e, graças à sua luta e ao Sistema Único de Saúde, conseguiu reverter o quadro de saúde da criança. *Eu superei, eu fiz de tudo, o médico foi solidário comigo, arrumou um leito pra ele, operou ele e a gente saiu dessa.*

O que mais emociona na escrita desse texto é compreender que os pequenos momentos vividos com Renayson marcaram a vida de sua mãe, D. Maria. Questionada sobre as brincadeiras que o garotinho gostava, ela cita alguns exemplos comuns a todas as crianças na sua idade: brincar de pipa e jogar videogame. Todavia, D. Maria lembra com afetuosidade quando ele ia ao seu encontro e pedia:

— MÃEZINHA, A MÃEZINHA ME DÁ DINHEIRO?

[ENTÃO, ELA RESPONDE:]

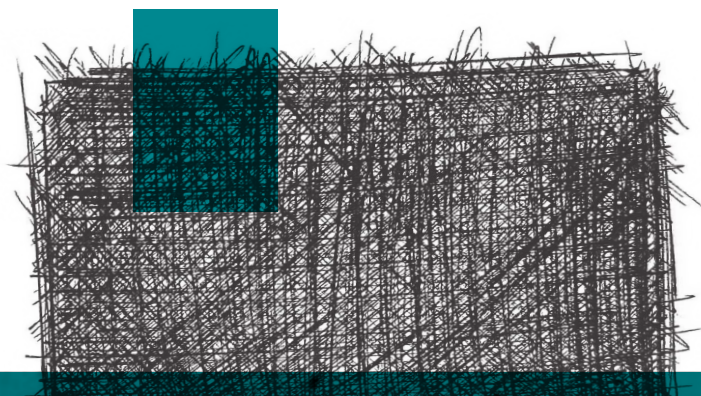
— QUANTO É QUE 'CÊ QUER?

— AH, EU QUERO 1 (UM) REAL PRA MIM COMPRAR IOGURTE E RICHESTER.

Por ter passado muitas dificuldades na infância, D. Maria sempre buscou proporcionar aos três filhos a melhor vida, dentro daquilo que pudesse ofertar; entretanto, ela confessa que com Renayson era diferente, pois sem-



**“A LEMBRANÇA DO MEU FILHO AINDA TÁ AQUI, VIVA, AQUI!
VIVA! EU NÃO CONSIGO ESQUECER”, REMEMORA A MÃE
MARIA DE JESUS.**






**BISCOITO RECHEADO
E IOGURTE ERAM OS
“LUXOS” PEDIDOS
PELO MENINO, NASCIDO
EM FAMÍLIA POBRE.**

pre sonhou em ter um filho homem. Nesse caso, poder comprar biscoito recheado e iogurte *foi um luxo*. É importante frisar que a realidade narrada por D. Maria é também a de milhões de famílias pobres brasileiras, que necessitam se reinventar diariamente para ter o que comer.

Entre as lembranças do passado e o momento presente, a saudade por vezes invade seu peito nos locais menos esperados, como o supermercado. Ela conta que, certa vez, apenas o tocar de uma música foi suficiente para lhe trazer recordações do filho — e o choro ficou difícil de segurar: *todo mundo ficava olhando pra mim e não sabia o que era que eu tinha*. A razão disso é que Renayson cantava a tal canção para a mãe e, em seguida, nas palavras de D. Maria, ele dizia *que quando eu ficasse bem velhinha, ia cuidar de mim* — e a abraçava com cheiro de suor, aquele cheiro de quando o menino volta do futebol, cheio de fome e de sede, mas com energia pra dar e vender.

Renayson era um menino muito estudioso e não precisava que a mãe o acordasse para ir ao colégio, por vezes até saía sem merendar. Tudo corria bem, até quando, aos 11 anos, ele foi diagnosticado com hanseníase e precisou interromper os estudos. O tratamento durou dois anos e meio e ocorreu no Centro de Referência Nacional em Dermatologia Sanitária Dona Libânia.

O maior sofrimento de Renayson naquele período, no entanto, não foi enfrentar a doença, mas o preconceito. Infelizmente, uma professora da escola onde estudava contou aos coleguinhas do menino sobre a doença que o acometia — e o menino passou por momentos difíceis de isolamento social. A indignação de ver o filho sofrendo levou D. Maria a buscar o Conselho Tutelar que atendia a região onde residia, com o intuito de denunciar e responsabilizar a profissional. Nesse caso, porém, nenhuma providência foi efetuada. Com uma fala muito incisiva, ela disse ao conselheiro tutelar:



O MEU FILHO 'TÁ SOFRENDO PRECONCEITO, VOCÊ SABE O QUE É ISSO?! PRECONCEITO! UMA PROFESSORA CHEGAR PARA OS AMIGOS DO MEU FILHO E DIZER QUE MEU FILHO TEM PROBLEMA E O MEU FILHO SER DISCRIMINADO NA RUA, MEU FILHO CHEGAR NUM MERCANTIL E DIZEREM QUE MEU FILHO 'TÁ COM UMA LEPPRA, O SENHOR ACHA QUE ISSO QUE EU 'TOU FAZENDO É ERRADO? EU QUERO UMA RESPOSTA!

Enquanto D. Maria se desesperava, Renayson buscava tranquilizá-la, dizendo: *mãe, não se preocupe com isso, não, mãe. Vai dar tudo certo, mãe. Eu vou ficar bom, mãe, vou jogar de novo, mãe*. Depois de ter acesso a acompanhamento especializado de médicas/os, enfermeiras/os e psicólogas/os, a doença estacionou no dedo, fazendo o menino perder parte daquele membro — e isto o envergonhava muito, levando D. Maria à procura de procedimento estético de reconstituição da parte afetada. Com o tempo, ele já não pensava mais nisso — e pôde seguir sua trajetória de sonhos como qualquer outro adolescente.



Aos 11 anos, RENAYSON FOI DISCRIMINADO DEPOIS DE SER DIAGNOSTICADO COM HANSENÍASE. “Vai dar tudo certo, mãe”, respondia o garoto à mãe, que lutou contra o preconceito sofrido na escola.

“MEU CORAÇÃO SELVAGEM TEM ESSA PRESSÃO DE VIVER...”

Coração de mãe é cheio de preocupações — e com D. Maria não era diferente. Muitas vezes o jovem dizia que ia jogar — e ela, sem acreditar, ia até o campo para ver se o menino estava lá mesmo. E não é que estava! *Aí, o bichinho ‘tava jogando, mulher, no campo lá, todo suquinho.* Ao chegar em casa, ia correndo tomar banho e saía de novo para jogar videogame. E D. Maria ainda sem acreditar, ia atrás dele saber se estava mesmo onde tinha dito:

— MÃEZINHA, O QUE É QUE A SENHORA ‘TÁ FAZENDO AQUI?

— EU VIM AQUI OLHAR SE VOCÊ ‘TÁ AQUI MESMO, MEU FILHO, PORQUE AS COISAS ‘TÃO PERIGOSAS.

[DIANTE DO DESCRÉDITO DA MÃE, ELE RESPONDEU:]

— MÃE, EU VOU TE PEDIR UMA COISA, MÃE: POR FAVOR, MÃE, NÃO ME FAÇA VERGONHA, NÃO! VÁ ATRÁS DE MIM, NÃO!

Impossível conter as risadas nesse momento: são recordações que parecem nossas também.

Na adolescência, Renayson era um jovem muito ativo, gostava sobretudo de jogar futebol — seu ídolo era o Neymar. Um dia, ele até cortou o cabelo no formato moicano, que nem o do jogador na época, e tatuou a palavra “paz” em homenagem a ele. D. Maria nos conta que, depois do novo corte de cabelo, ele foi jogar — e quando chegou em casa, foi logo procurar a mãe para contar como tinha sido: *mãe, sabe do que o pessoal me chamava lá? “Neymar! Neymar! Neymar!” Mãe, eu ficava muito doido, mãe, eu jogava... Mãe, eu ficava cheio de perna, mãe!* Ouvir aquela fala tão empolgante nos proporcionou a sensação de estarmos assistindo ao jogo do Renayson — naquele momento ficamos muito emocionadas.

Renayson era muito apegado ao seu treinador. Considerava-o como um pai — até fez questão de levar seu pai para conhecê-lo. Os treinos aconteciam em um campo no bairro José Walter, onde hoje funciona uma creche. O treinador foi umas das pessoas que mais sofreu com a perda de Renayson: eles eram muito próximos. Além de tudo isso, Renayson era muito obediente aos horários estabelecidos pela mãe para chegar em casa: bastava dar 21 horas que lá estava ele em seu portão — *pam, pam, pam, mãezinha!* Às vezes, após o jogo, seu treinador também ia deixá-lo em casa — e sempre trocava ideias com D. Maria sobre o futuro do filho.

Depois do episódio da hanseníase, já com 14 anos, Renayson chegou a voltar a estudar, porém não recebeu o aporte necessário da comunidade escolar, tornando-se mais um jovem a compor as estatísticas de evasão. Quando, aos 17 anos, procurou a mãe para contar que desejava fazer o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e, assim, finalizar este ciclo, tirou um momento para conversar com um professor da escola — que prontamente prometeu ajudá-lo no que precisasse. Infelizmente, porém, sua vida foi novamente interrompida, desta vez de

forma definitiva. *Eu incentivei a ele, ele ir estudar, né? Fui lá, matriculei ele, tudinho, a gente ia de noite — aí quando aconteceu isso.* Renayson era um jovem muito comunicativo, fazia amizade facilmente — e quando o professor soube do ocorrido com ele, ficou muito doente, assim como o treinador, que *chorava como se fosse pai dele.*

“NADA A TEMER SENÃO O CORRER DA LUTA...”

Na noite do episódio, Renayson havia ido deixar a namorada em casa, mas disse à mãe que voltaria. De repente, D. Maria foi acordada por uma familiar, solicitando o documento do adolescente — assim ela ficou sabendo do ocorrido. Ao chegar ao IML, havia muitas famílias e as informações eram desencontradas: ela começou a imaginar mil coisas, perguntando-se o que teria acontecido — quando lhe informaram que a polícia havia matado seu filho.

Para D. Maria, o pior de tudo foi o momento de enterrar o filho, *porque eu sabia que nunca mais eu ia ver ele.* Falar de Renayson ainda é muito difícil: é algo que a deixa muito triste, *porque só eu saber que todo dia eu via o meu filho e eu saber que agora eu não vou poder mais ver: cinco anos já vai fazer!* — finaliza. Desde então ela enfrenta as sequelas da perda de seu filho, fazendo uso de medicamentos — muitas vezes sem o acompanhamento médico necessário, já que a luta pela garantia de acompanhamento psiquiátrico e psicológico para as mães, familiares e vítimas sobreviventes da Chacina da Messejana é constante e, nesse caso, a intervenção do Estado ainda é deveras incipiente.


Com o passar dos meses, D. Maria conheceu D. Suderli, outra mãe que também havia perdido o filho na Chacina — e assim foram em busca de justiça. Por meio da Defensoria Pública, ela conheceu outras mães e familiares — e dessa forma nasceu o *Movimento Mães e Familiares do Curió*. Nos últimos cinco anos, o *Movimento* participou de muitos atos, mesas de debates, eventos — e sempre incidiu junto ao poder público para que o Estado seja responsabilizado e todos os policiais envolvidos no crime sejam julgados e condenados.

Aos poucos D. Maria tem retomado a sua vida: recentemente voltou a estudar — *eu ‘tô estudando pra tentar alguma coisa na minha vida, que a gente enquanto tiver vida tem esperança, né?* Isso ela nos conta depois de dizer que só pensava em duas coisas na vida: no trabalho e em Renayson. Mas o fato é que D. Maria tem reconstruído sua vida de diversas outras maneiras, ressignificando *o luto* e transformando-o *em luta*, como atesta o lema do coletivo. Sua vida hoje gira em torno da reivindicação de que



memória, reparação e justiça sejam feitas: seu sonho e luta são por uma sociedade onde a juventude possa viver — e que o Estado cumpra seu papel na garantia de direitos.

Renayson era um grande amigo e confidente de D. Maria: o filho está em seus pensamentos a todo momento — e até hoje sua *presença* é sentida por ela. O que de fato a move na vida é buscar justiça pelo filho e pelos outros jovens que também se foram tão cedo. Ela diz que após sua perda, andou por muitos locais, deu muitas entrevistas — tudo pelo filho! A dor pode ser sentida de maneiras diferentes por cada uma. Algumas parecem ser mais fortes do que outras, mas é só a forma que encontraram de conviver com a perda, de conseguir acordar dia após dia e viver com ela dentro dos corações. Apesar disso, só elas como mães poderiam contar com riqueza de detalhes quem eram seus filhos, o que gostavam de fazer, de comer, suas manias e defeitos. Ninguém poderia contar essa história, porque é a história de D. Maria e seu filho Renayson:



PASSA MUITAS COISAS NA CABEÇA DA GENTE, QUE A GENTE ACHA QUE AQUELA LEMBRANÇA... SE VOCÊ VOLTAR... AÍ VOCÊ DIZ ASSIM: “EU NÃO QUERO ME LEMBRAR”, MAS VOCÊ TEM QUE TER AQUELA LEMBRANÇA PARA QUE VOCÊ NÃO MORRA! AQUELA COISA, ASSIM, O SENTIMENTO QUE VOCÊ TEM DENTRO DE VOCÊ. PORQUE ATÉ HOJE... ATÉ HOJE — VAI FAZER CINCO ANOS, NÉ? E A LEMBRANÇA DO MEU FILHO AINDA ‘TÁ AQUI, VIVA, AQUI! VIVA! EU NÃO CONSIGO ESQUECER — ALIÁS, EU ACHO QUE EU NUNCA VOU ESQUECER, NÃO!



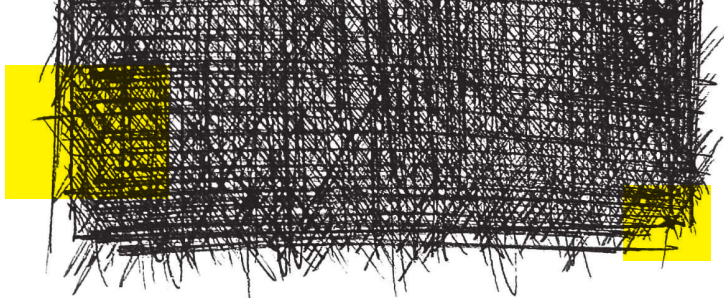
EM HOMENAGEM A PATRÍCIO JOÃO PINHO LEITE

MEU FILHO, AMIGO E
PARCEIRO: A MEMÓRIA
ENSINANDO A VIVER COM
A SAUDADE DE

PATRÍCIO

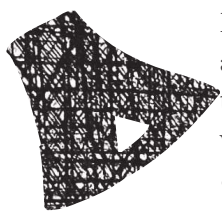


Por
**Netinha Francisca
Pinho
Penélope Pinho
Ingrid Lorena da
Silva Leite**




“ BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE
 O SOLIDÁRIO NÃO QUER SOLIDÃO
 TODA VEZ QUE A TRISTEZA ME ALCANÇA
 O MENINO ME DÁ A MÃO
 HÁ UM MENINO
 HÁ UM MOLEQUE
 MORANDO SEMPRE NO MEU CORAÇÃO
 TODA VEZ QUE O ADULTO FRAQUEJA
 ELE VEM PRA ME DAR A MÃO”

TRECHO RETIRADO DE “BOLA DE MEIA,
 BOLA DE GUDE”, DE MILTON NASCIMENTO/
 FERNANDO BRANT




Dizem que memória é potência da vida que envolve afetos, lembranças e lugares. A memória é a nossa história não escrita em papéis, mas registrada em nossas vidas e nas relações que vivemos. *A memória é nossa cidade natal.* E foi por meio dela que Netinha falou sobre a vida do seu filho Patrício, um *menino-vida*, que sorria em momentos de tristeza e medo. A ausência do filho é repleta de saudades e lembranças. Netinha tem várias fotos de Patrício pela casa, como uma maneira de tê-lo por perto e de lutar contra o tempo do esquecimento: seu filho foi uma das vítimas da Chacina que ocorreu em novembro de 2015, em que diversas pessoas foram assassinadas. A partir desse violento episódio, várias famílias tentam seguir suas vidas aprendendo a lidar com a dor do luto e com o sentimento de saudade.

Patrício veio ao mundo no dia 10 de junho de 1999. Nasceu em Fortaleza, no bairro São Miguel, onde viveu por muitos anos. Um menino forte e bonito. Netinha, sua mãe, recorda das intensas dores do parto: *foi difícil, ele demorou para nascer*. Lembra também como a gestação foi vivida por incertezas, muitas provocadas pelo seu então companheiro, pai de Patrício. Logo após o nascimento do filho, a *peleja* começou: era seu quarto filho e o primeiro desse relacionamento.



A GRAVIDEZ DELE FOI ASSIM... NÃO FOI PLANEJADA, NÃO, MAS TIVE ELE COM MUITO CARINHO E MUITO AMOR, E ERA O PRIMEIRO FILHO DO PAI DELE, E DA FAMÍLIA DO PAI DELE — E DA PARTE DA VÓ DELE, ERA O PRIMEIRO NETO, NÉ? AÍ TIVE ELE NO GONZAGUINHA, E ELE FOI O MAIOR DE TODOS OS FILHOS QUE EU TIVE: NASCEU COM 3KG E 300G, COM 47 CM. AÍ DEPOIS NÓS VIAJAMOS COM O PAI DELE PRA BELÉM, ELE PEGOU UMA PNEUMONIA, FUI PRO HOSPITAL GERAL DE LÁ. ELE ERA PEQUENO, MAS SE RECUPEROU, FIQUEI LÁ COM ELE. AÍ FOI CRESCENDO... SEMPRE AO MEU LADO!

Durante horas do dia, Netinha e Patrício eram a companhia um do outro, uma relação de amor, cuidado e parceria que foi construída desde cedo: um segurando a mão do outro. Desta época, Netinha não fala de boas recordações: seu então companheiro, que prefere não dizer o nome, bebia muito e a agredia constantemente. *Eu pelejei muito com ele, aguentei, aguentei, mas resolvi me separar*. Foram quase oito anos vivendo essa situação. Quanto a Patrício:



ELE NÃO GOSTAVA MUITO DE ESTUDAR, NÃO. EU IA DEIXAR ELE, ÀS VEZES, E ELE SEMPRE CHORAVA: AÍ EU DIZIA QUE ELE TINHA QUE ESTUDAR PARA SER ALGUÉM NA VIDA. E EU CRIEI ELE PRATICAMENTE SOZINHA, DEPOIS QUE ME SEPAREI DO PAI DELE. FOI UMA SEPARAÇÃO MUITO ATRIBULADA. O PAI DELE BEBIA MUITO E ME MALTRATAVA DEMAIS. VOLTAMOS UMAS DUAS VEZES, MAS NÃO DAVA MAIS. AGUENTEI...AGUENTEI, MAS ELE ME BATIA MUITO. AÍ DEIXEI ELE.

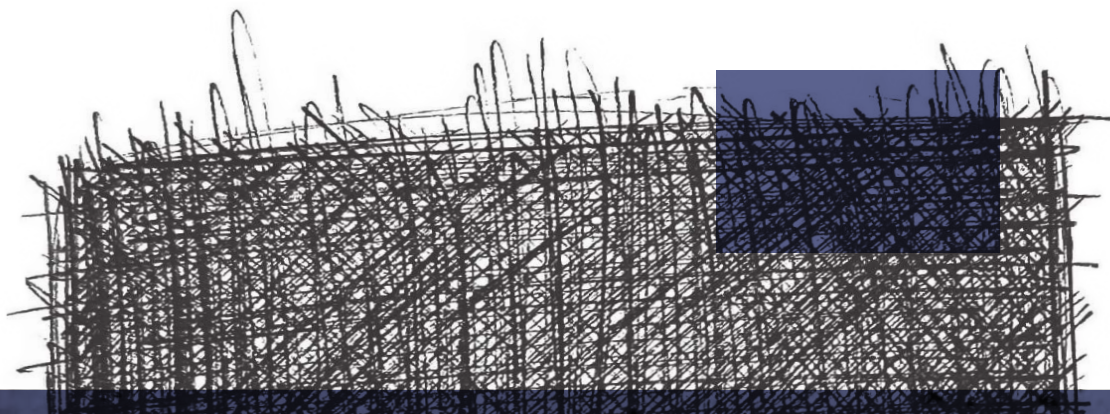
Patrício, no entanto, manteve contato com o pai, que residia no mesmo bairro do filho. Além disso, a família paterna tinha muito afeto pelo *menino-vida*, que com sua alegria contagiava e cativava as pessoas que estavam próximas. Sua alegria de viver foi ameaçada pela primeira vez com o assassinato do pai, que aconteceu na esquina da rua onde morava. Patrício tinha aproximadamente 8 anos, quando isso aconteceu. Netinha recorda que foi ali que conheceu nos olhos do filho a dor e a tristeza: uma criança que acabara de sentir e viver o luto. Sem muitas explicações sobre o acontecido, Patrício seguiu a vida — seu sorriso já não era o mesmo, mas desde cedo sabia que precisava ser forte para enfrentar a vida: ser jovem morador da periferia não era, nem é, tarefa fácil.



PATRÍCIO CONHECEU CEDO, AOS 8 ANOS, O SIGNIFICADO DA PALAVRA LUTO, APÓS O ASSASSINATO DO PAI. A MÃE NETINHA RECORDA QUE CONHECEU NOS OLHOS DO FILHO A DOR E A TRISTEZA.



NA ADOLESCÊNCIA,
PATRÍCIO FAZIA
SUCESSO ENTRE AS
GAROTAS DO BAIRRO.
GOSTAVA DE PERFUME,
DE ARRUMAR O CABELO
E DE SE VESTIR BEM.



Netinha não tinha uma renda fixa: lutava para garantir o seu sustento e o do filho; ambos moravam em uma casa simples, localizada em uma rua estreita de terra batida. Os dois eram mãe e filho — e amigos! Uma relação recheada de brincadeiras, conflitos, trocas e cumplicidades. Patrício era parceiro da sua mãe nas andanças e conversas: os dois eram parecidos nessa *peleja da vida*, tentando constantemente encontrar motivos para sorrir. Um ato de resistência!

E o *menino-vida*, ainda na infância, tinha sua *peleja* com a escola: não gostava de como funcionava. As brincadeiras tinham hora para acabar e começar. *Ele ia pra escola chorando*. Netinha diz que seu filho se comportava bem na escola, era calmo, não se envolvia nem arrumava confusão com ninguém: *eu nunca fui chamada na escola, ele era um bom menino*. Patrício tinha muitos amigos, mas seu maior desafio durante a infância era lidar com as regras, com os horários. O *menino-vida* não entendia por que havia tantas normas para viver. Neste momento, Netinha recorda e compara seu filho à vida de um passarinho que só deseja voar... Que ama a liberdade e não sabe viver em gaiola. Talvez Patrício não visse sentido em *terminar* a brincadeira — talvez não desejasse olhar para a vida sem brincar com os sorrisos.

Durante sua infância, não perdia uma partida de bila (bola de gude), muito menos de pião! Ele e seus amigos — que eram vizinhos, pois moravam todos na mesma rua — faziam um grande círculo na rua estreita da sua casa e passavam horas brincando e disputando *quem era o melhor* jogador de cada partida. Netinha contou o quanto seu filho se divertia brigando com a irmã. *Era uma cachorrada!*


Patrício tinha seu lado *menino-vida*, mas na adolescência veio seu lado *menino-rebelde*. Muito vaidoso, puxando traços da sua mãe, ele era um rapaz que fazia sucesso com as garotas da escola e do bairro. Gostava de usar perfume, arrumar o cabelo e se vestir bem. Era conhecido como paquerador.

Foi nesse momento que Netinha falou do seu *sacrifício* em criar o filho: *ele queria ter as coisas, ter roupa, celular — eu não tinha como*. Era trabalhando com material reciclável, lavagem de roupa e faxina que ela driblava as dificuldades e enfrentava a pobreza. Netinha contava com a ajuda das irmãs, filhas, da mãe e de alguns parentes para viver: tinha uma pequena rede de apoio.

Patrício aos treze anos começou a se identificar com futebol, construindo seu sonho de ser um dia um grande jogador. Quase todos os dias ia ao campo jogar bola. Netinha falou que fez a inscrição do filho na escola de futebol que tinha no bairro: *ele era doido por futebol, às vezes só falava*

nisso. Todos os dias ele ia ao campo, calçava o par de tênis, vestia a blusa e saía correndo pela rua, os passos aligeirados mostrando a força do seu sonho, seu desejo em fazer algo que deixava seu coração mais forte e feliz.


Patrício era um *menino-criança* e morreu ainda criança, Netinha conta:



ELE ERA UMA BÊNÇÃO, MAS ME DEU TAMBÉM MUITO TRABALHO NA ADOLESCÊNCIA DELE. ERA DIFÍCIL, EU CRIEI ELE PRATICAMENTE SOZINHA. ELE ERA UM MENINO, O JEITO DELE, E MATARAM ELE PRATICAMENTE... ELE AINDA ERA UMA CRIANÇA, TINHA 16 ANOS. AÍ... EU FIQUEI PELEJANDO COM ELE, LEVAVA PRO COLÉGIO — ELE GOSTAVA DE MEXER, CONSERTAR CELULAR, MAS O NEGÓCIO DO PATRÍCIO ERA JOGAR DE BOLA! E EU ME PREOCUPAVA MUITO COM ELE, TINHA MUITO MEDO QUE ALGO ACONTECESSE COM ELE: MORAR NA FAVELA É DIFÍCIL, TEM POLÍCIA QUE BATE E FAZ COISA PIOR. AÍ EU FICAVA EM CIMA DO PATRÍCIO.

Netinha falou que tinha medo de morrer e deixar seu filho no mundo sozinho: viver na favela a cada dia ficava mais difícil — *a polícia dentro da favela pensa que todo mundo é vagabundo*. Mesmo morando no bairro há décadas, vez ou outra batia a vontade de ir embora daquele lugar, que despertava sentimentos de alegria, acolhimento, medo e insegurança. Patrício não concordava muito com a mãe, nascido e criado no bairro, dizia que *o canto melhor que tem é a favela*. Ele criava estratégias para tentar viver melhor: buscava sair com os amigos, evitava andar de ônibus para bairros distantes, estava sempre por perto da sua casa — *ele vivia com um pouco de medo*. Netinha contou que Patrício tinha receio de andar em territórios que não conhecia, sobretudo por causa das facções criminosas. Os lugares eram muito *marcados* e se tornavam perigosos. Não era possível andar de forma tranquila.

Nos momentos em que não estava no colégio ou jogando bola, Patrício jogava videogame, gostava de ficar na calçada da tia conversando com seus poucos amigos e paquerava as meninas, trocando mensagens, marcando encontros e fazendo ligações telefônicas que podiam durar por horas. E a *peleja* continuava:



EU PELEJEI MUITO COM ELE, FICAVA EM CIMA DELE, DAVA CONSELHO SEMPRE PRA ELE FICAR LONGE DE DROGA. ELE NUNCA SE ENVOLVEU PORQUE EU FICAVA ALI! FOI MUITO SACRIFÍCIO: NÃO SEI LER NEM ESCREVER, NÃO TENHO PROFISSÃO NEM TRABALHO FIXO, VIVO LAVANDO ROUPA PRA FORA, FAZENDO FAXINA, RECICLANDO LATINHA, TAMBÉM, QUE EU VIVO JUNTANDO. NÃO TEM LUXO, NÃO TEM CONFORTO, NÃO TEM NADA, MAS ESSA CASA AQUI É MINHA,

POR ISSO PELEJO TANTO. É EU PELEJEI COM ELE! E DEU CERTO, ELE GOSTAVA MUITO DE FUTEBOL — ÀS VEZES SE ACORDAVA DE MADRUGADA QUANDO O PROFESSOR DELE VINHA BUSCAR ELE AQUI EM CASA. JOGAVA AQUI POR PERTO.

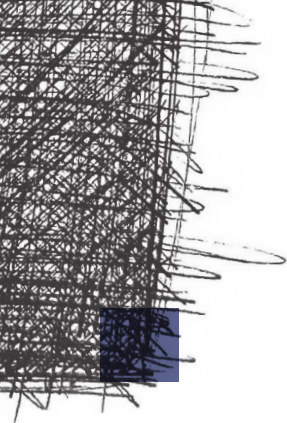
Netinha relembra dos momentos de conflitos com o filho: *Patrício era atrevido e eu sempre dizia que eu era mãe dele, que ele me ouvisse!* Às vezes ele ia para as festas escondido da mãe, mas não entrava nos locais porque era adolescente.

Patrício era um *menino-grande*, como disse sua mãe. Animado, cheio de brincadeiras, adorava *tirar onda* com Netinha: às vezes mudava o canal da TV quando ela estava assistindo, só para implicar. Ou então aumentava o som do rádio para assustá-la. Em diversos momentos, os dois riam. *Ele era minha companhia.* Esse *menino-grande* enchia a pequena casa de risadas. E quando o silêncio pairava, Netinha sabia que o filho estava dormindo, uma atividade pela qual ele demonstrava um forte apreço. *Menino-grande* chamava sua mãe de *coroa*, principalmente quando ela saía de casa para dar uma volta na casa das amigas.

Netinha lembra que seu filho adorava ouvir música: funk era seu estilo favorito. As músicas do MC Pedrinho faziam sucesso no som da casa. Além disso, Patrício se arriscava nos passos de dança com os amigos: *ele só tinha tamanho. Ele gostava de dançar, tinha até vídeo dele dançando.* Nas festas de aniversário dos irmãos, Patrício era aquele que mais se divertia. Esses eram os momentos em que ele mais gostava de estar com a família, mas nem sempre estava alegre: vez ou outra o jovem ficava em silêncio. Netinha fala que ele sempre pedia a bênção quando saía de casa: *bênção, mãe!* — ao que ela respondia: *Deus te abençoe!* Ela sente falta de abençoar seu filho.

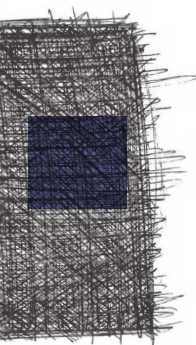
Netinha passou a viver os dias todos buscando aceitar que o silêncio na sua casa, anunciado desde novembro de 2015, não seria passageiro: Patrício não iria acordar — ele foi assassinado na esquina da sua casa!

QUEM ME LEVANTOU FOI DEUS. PATRÍCIO ERA MINHA COMPANHIA, ERA SÓ NÓS DOIS. MINHA VIDA PRATICAMENTE ACABOU. DEPOIS DA MORTE DELE, AINDA PASSEI DOIS ANOS LONGE DAQUI, NA CASA DA MINHA FILHA. QUANDO ACONTECEU ISSO COM ELE, FOI UMA DOR TÃO GRANDE



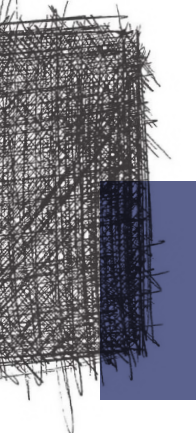
QUE EU PASSEI. NÃO GOSTO NEM DE LEMBRAR! FOI DEUS MESMO QUE ME DEU FORÇAS PRA CONTINUAR. AINDA HOJE... ÀS VEZES EU ME AFASTO, ME ISOLO PRA NÃO MEXER MUITO NAS LEMBRANÇAS. AINDA DÓI MUITO. VAI FAZER CINCO ANOS AGORA, É NO MESMO MÊS DO ANIVERSÁRIO DELE. É TERRÍVEL! EU VI MEU FILHO MORTO NO CHÃO — EU NÃO PODIA FAZER MAIS NADA POR ELE.

Foi por meio do *Movimento Mães e Familiares do Curió* que Netinha encontrou forças para tentar lutar por justiça. *É muito difícil* — diz ela, que ouviu os tiros que tiraram a vida do seu filho. *Hoje eu tento me distrair, às vezes eu saio, vou na casa da minha filha, tento fazer alguma coisa. Agora estou criando um gatinho. Ele é uma bênção!*



O NOME DO GATINHO É VALENTINO — ME FAZ COMPANHIA, PORQUE ÀS VEZES ME SINTO SOZINHA. O MEU FILHO ERA O MAIS NOVO, UM MENINO. ‘TAVA COMEÇANDO A VIVER, NEM TEVE MUITO TEMPO. APESAR DA DOR, DA TRISTEZA E DESSA SAUDADE, EU CONHECI AS OUTRAS MÃES. ISSO FOI MUITO BOM. ELAS SÃO BOAS, SÃO LEGAIS. QUE BOM QUE CONHECI ESSAS MÃES — EU NÃO ‘TAVA TÃO SOZINHA.

No dia em que tudo aconteceu, Patrício estava jogando videogame:



ELE ESTAVA AQUI PERTINHO DE MIM. FORAM TANTOS TIROS! EU ACHO QUE SE EU ESTIVESSE COM ELE, EU NÃO TINHA DEIXADO MATAR MEU FILHO. ELE ‘TAVA SENTADO COM OS AMIGOS JOGANDO. MATARAM UM AMIGO DELE TAMBÉM. MATARAM MEU FILHO COM UM ÚNICO TIRO NA CABEÇA. ERA TANTO SANGUE, EU NÃO SEI COMO EU CONSEGUI VER. ACHO QUE NAQUELE DIA ALGO MORREU AQUI DENTRO DE MIM.

Mas... *eu continuo viva*, diz ela. Netinha fala que seu filho tinha uma vida simples — e afirma que seu maior sonho era ter, de alguma forma, o Patrício de volta: *eu fiz de tudo para criar e proteger ele*. Netinha disse que o maior desafio é viver essa saudade e lutar para sorrir. Por isso trouxemos a música de Milton Nascimento e Fernando Brant na abertura deste texto: para registrar a força que Netinha encontra nas lembranças do seu *menino-vida!*



EM HOMENAGEM A JARDEL LIMA DOS SANTOS

**HOJE ESTOU SORRINDO COM
OS LÁBIOS, MAS O CORAÇÃO
SANGRA INFINITAMENTE.
ESTOU NA LUTA POR JUSTIÇA
(...) EM MEMÓRIA DE**

JARDEL



Por
Maria Suderli Pereira
de Lima
Antônio Sidnei dos Santos
Leila Maria Passos de
Souza Bezerra



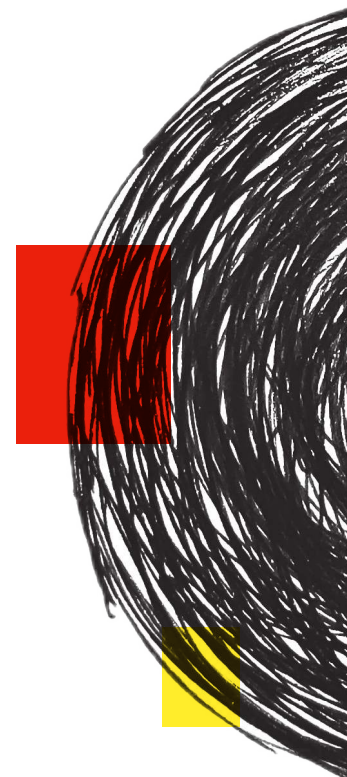
nvocamos o direito incondicional ao luto e à reivindicação de justiça e memória para “nossos mortos matados”. Destarte, nesse texto-evocação, nos lançamos nas *águas-lembranças* de Suderli e Sidnei, com o desafio-compromisso ético de recordar-ressignificar a vida de seu jovem filho assassinado: *Jardel Lima dos Santos*. Portanto, para nós, segundo nos enunciou poeticamente Conceição Evaristo, no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2008, “recordar é preciso”:

“ O MAR VAGUEIA ONDULOSO SOB OS
MEUS PENSAMENTOS
A MEMÓRIA BRAVIA LANÇA O LEME:
RECORDAR É PRECISO.

O MOVIMENTO VAIVÊM NAS ÁGUAS-
LEMBRANÇAS
DOS MEUS MAREJADOS OLHOS
TRANSBORDA-ME A VIDA,
SALGANDO-ME O ROSTO E O GOSTO.
SOU ETERNAMENTE NÁUFRAGA,
MAS OS FUNDOS OCEANOS NÃO ME
AMEDRONTAM
E NEM ME IMOBILIZAM.


UMA PAIXÃO PROFUNDA É A BOIA QUE
ME EMERGE.
SEI QUE O MISTÉRIO SUBSISTE ALÉM
DAS ÁGUAS.

Navegar nas “águas-lembranças” desse casal, para falar de seu filho Jardel, implicou nos aproximarmos



das histórias de pessoas de “carne e sangue”, cujas existências, entrelaçadas com fios de afetos e memórias, atravessam e desafiam as temporalidades e, mesmo, a morte, em busca de justiça. Em especial, quando o curso dito “normal” do ciclo das vidas humanas parece cada vez mais invertido, pois são os pais/avós/os mais velhos que passaram, repetidamente, a enterrar seus jovens afetos, arrebatados de formas violentas. *A lógica é que você enterre seus pais e não você enterrar seu filho*, nos disse a mãe de Jardel ao falar, com seus olhos marejados e a voz embargada, mas firme e potente, do momento no qual recebeu o telefonema de familiar, avisando que seu filho havia sido atingido em tiroteio ocorrido no Curió, em 2015. Recordemos Jardel, o *nosso Del*, que foi brutalmente assassinado, aos 17 (dezessete) anos, na madrugada de 11 de novembro de 2015, em uma rua do Curió, território da Grande Messejana, aqui em Fortaleza, Ceará.

A fala de um policial em programa televisivo, atribuindo a motivação daquela Chacina a uma retaliação de traficante e afirmando que as vítimas eram “envolvidas” com o narcotráfico local, foi o estopim para a dor e o luto privados de Suderli e Sidnei — pais de Del — ascenderem ao espaço público. Reclamam, ainda hoje, o reconhecimento social da humanidade de seu filho, de maneira não somente a *rebatem as inverdades faladas pelo policial na TV*, [mas] *em defesa da memória de meu filho* (...) *porque ele tinha casa, ele tinha residência, um vínculo familiar*, afirmou Suderli. Sobre esse momento:



EU VI NA TELEVISÃO ESSE POLICIAL FALANDO QUE AQUILO TINHA SIDO UMA RETALIAÇÃO E QUE AQUELAS VÍTIMAS ESTARIAM ENVOLVIDAS COM O TRÁFICO. DISSE QUE ERA UMA RETALIAÇÃO DE UM TRAFICANTE QUE TINHA SIDO MORTO NÃO SEI POR ONDE. PELO MENOS, FOI A ALEGAÇÃO DELE. E EU, QUANDO OUVI AQUILO, ME REVOLTEI! PORQUE O POLICIAL DISSE COM TODAS AS PALAVRAS E TODAS AS LETRAS. ELE NEM SUPÔS: ELE DISSE QUE ERA JUSTAMENTE DESSE TRAFICANTE QUE TINHA SIDO ASSASSINADO E QUE ERA RETALIAÇÃO. NA MESMA HORA, EU E MEU ESPOSO LIGAMOS PRA TELEVISÃO PRA VER UMA ENTREVISTA. NO MESMO DIA QUE CONSEGUIMOS MARCAR, TINHA UMA PASSEATA NO CUCA. COMO DEL ERA MUITO QUERIDO ALI, NOS CHAMARAM PRA PASSEATA. ELES DA TV DISSERAM QUE IAM PARA LÁ. (...) EU PAREI, ME IDENTIFIQUEI PARA O REPÓRTER E ELE DISSE ASSIM: “FOI A SENHORA QUE LIGOU?”. “SIM. SOU A MÃE DO JARDEL”. ELE PERGUNTOU: “A SENHORA QUER FAZER A ENTREVISTA AONDE?”. “QUERO FAZER DENTRO DA MINHA CASA” — PORQUE ELE TINHA CASA, TINHA RESIDÊNCIA, UM VÍNCULO FAMILIAR! TINHA QUE SER TUDO NA CASA DELE! (...) QUINTA-FEIRA SEPULTEI MEU FILHO. SEXTA-



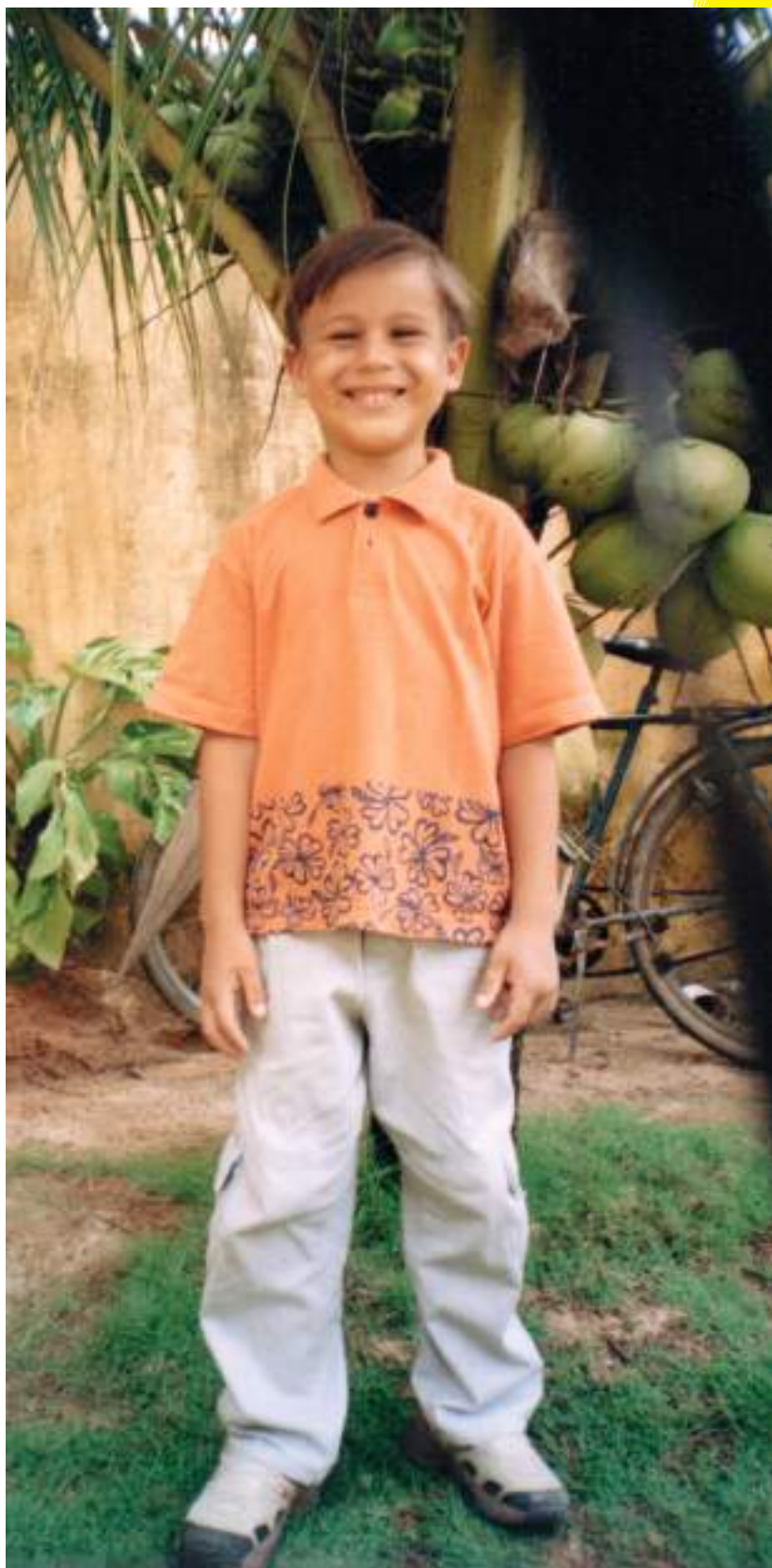
QUANDO PEGOU
JARDEL NOS BRAÇOS
PELA PRIMEIRA
VEZ, LEMBRA A MÃE
SUDERLI, FOI COMO SE
ESTIVESSE “PEGANDO
UM TESOURO”.



“O NASCIMENTO DELE (JARDEL) FOI UMA COISA ESPETACULAR! FOI A COISA MAIS ESPERADA DA MINHA VIDA”, DETALHA O PAI ANTÔNIO SIDNEI.

-FEIRA FOI A ENTREVISTA, QUE SAIU NO SÁBADO, NO JORNAL DAS 12H. E, NA SEGUNDA-FEIRA, EU FUI NA CRIMINALÍSTICA FALAR COM O DELEGADO. FUI SABER O QUE IA SER FEITO SOBRE O ASSASSINATO DO MEU FILHO. FUI COBRAR JUSTIÇA!

Quando chegou à Delegacia de Homicídios pela primeira vez, Suderli entrevista o chamado ao fronte da luta para *limpar o nome de Jardele*, conforme afirmou para o delegado: *o que eu vim dizer aqui é que meu filho — e eu posso falar por ele, eu o conheço! —, é que ele é inocente. O depoimento que aquele policial deu na TV, em relação ao meu filho, ele está completamente errado!* Essa fala ecoa em outras famílias que perderam seus afetos na Chacina do Curió e lutam por justiça — ainda um capítulo em aberto de suas vidas. As vozes das mulheres/mães/avós das vítimas dessa tragédia tornaram-se as vozes de seus filhos, a nos despertar para a significativa força política do luto e da memória coletiva dessas sujeitas diante de nossa sociedade hierárquica/ conservadora/autoritária e atravessada por históricas desigualdades sociais e raciais.




**“A GENTE NÃO NASCE
PARA ENTERRAR FILHO.
ELES CONDENARAM
MEU FILHO À MORTE,
SEM SABER QUE MEU
FILHO ERA INOCENTE”,
REVIVE O PAI DE
JARDEL, ANTÔNIO
SIDNEI.**

Recordar Del significou nos encontrarmos com as trajetórias das vidas entrelaçadas de seus pais — Suderli (56 anos) e Sidnei (53 anos) — suas narrativas e as implicações que esta tragédia lhes trouxe ao longo destes cinco anos. Del foi o primeiro filho desse casal de trabalhadores. Concebido como expressão de um *amor tranquilo* — a nos lembrar da canção de Cazuza, “Todo amor que houver nessa vida”, nesses trechos peculiares: “eu quero a sorte de um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida/(...) e ser artista no nosso convívio pelo inferno e céu de todo dia/prá poesia que a gente não vive/transformar o tédio em melodia” —, foi fruto daqueles raros amores que nos atravessam e se fortalecem com o tempo, em meio às delícias e às dificuldades do viver. Lado a lado nas batalhas cotidianas, construíram sua família, compraram sua casa — ambos trabalhando, cuidando do casal de filhos e mantendo fortes os vínculos de afetos. E juntos persistem, apesar da dor que os alcançou.

Foi a partir das narrativas desse casal, dos fios de afetos que unem pais e filhos, que pudemos nos aproximar de Del, filho afetuoso, neto amado de D. Alice (avó paterna), Sr. Antônio e D. Terezinha (avós maternos). Um jovem bonito, alegre, extrovertido, de sorriso fácil, carismático, conversador, que tinha o sonho de ser bombeiro. Cursava o 1º ano do Ensino Médio, em escola pública. Gostava de namorar, fazer amizades, ir à praia, passear na Beira Mar, dirigir o carro dos pais, brincar de videogame, jogar futebol na quadra do bairro, ir para a casa da namorada, encontrar com amigos/as, tias e primos/as. Dentre as muitas amizades cultivadas, Álef, um dos 11 (onze) jovens assassinados na mesma Chacina, era um dos mais próximos. Na noite em que foram mortos, tinham ido juntos à casa dos primos de Del, no bairro Curió. Estavam em uma cena banal: conversando alegremente com amigos na calçada!

Jardel levava uma vida comum ao universo juvenil nas periferias — e, outrossim, ao de outros/as adolescentes e jovens: ele só queria viver! Era um apaixonado por futebol, pela namorada, pela família, pela vida. Um jovem cheio de sonhos e projetos, que lhes foram interditados nas esquinas violentas do presente! Como há tempos nos alertava a canção de Belchior (em “Como nossos pais”):



(...) POR ISSO CUIDADO, MEU BEM
HÁ PERIGO NA ESQUINA
ELES VENCERAM
E O SINAL ESTÁ FECHADO PRA NÓS
QUE SOMOS JOVENS
PARA ABRAÇAR SEU IRMÃO
E BEIJAR SUA MENINA NA RUA
É QUE SE FEZ O SEU BRAÇO
O SEU LÁBIO E A SUA VOZ

(...) JÁ FAZ TEMPO
 EU VI VOCÊ NA RUA
 CABELO AO VENTO
 GENTE JOVEM REUNIDA
 NA PAREDE DA MEMÓRIA
 ESSA LEMBRANÇA
 É O QUADRO QUE DÓI MAIS

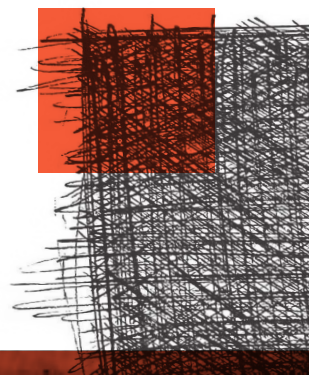
MINHA DOR É PERCEBER
 QUE APESAR DE TERMOS
 FEITO TUDO O QUE FIZEMOS
 AINDA SOMOS OS MESMOS
 E VIVEMOS
 AINDA SOMOS OS MESMOS
 E VIVEMOS
 COMO OS NOSSOS PAIS

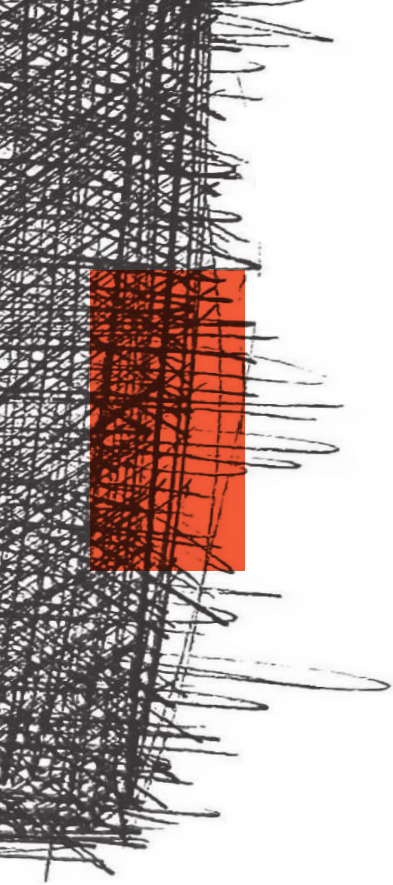


E entre silêncios e palavras, vida e poesia, continuamos a navegar nestas “águas-lembranças”. Mas é possível, ainda, nos mantermos os/as mesmos/as diante de tamanha interdição da vida humana, de nossos/as filhos/as, parentes, amigos/as? Vamos refletindo e seguindo firmes com o leme “recordar é preciso”, a (re)encontrarmo-nos com Del nos fluxos das recordações de seus pais.

Suderli e Sidnei conheceram-se no bairro onde residem, até hoje, os avós maternos de Jardel. Sidnei veio do interior em busca de melhores condições de vida e trabalho. Tornaram-se vizinhos e começaram a namorar em 1989. Ela estava com 30 anos e ele com 27. Três anos depois, em 1992, casaram-se. Nesse período, Suderli trabalhava no comércio e Sidnei em empresa de segurança privada. Compraram a casa própria à prestação, em conjunto habitacional na periferia de Fortaleza. Lá viveu Jardel, desde seu nascimento em 26 de fevereiro de 1998. É Sidnei quem nos lembra desse tempo e nos fala da emoção de acompanhar a gravidez da esposa e tornar-se pai pela primeira vez:

SURTIU ESSE CONJUNTO ONDE A GENTE MORA.
 AINDA ESTAVA NA PLANTA. VIEMOS OLHAR,
 SÓ TINHA A CASA-MODELO. NÓS OLHAMOS, AÍ
 COMPRAMOS ESSA CASA. FICAMOS PAGANDO E





QUANDO FOI COM POUCO TEMPO, ENTREGARAM. A GENTE VEIO PRA CÁ EM MAIO DE 1992. AINDA PASSAMOS UNS 6 ANOS PRA PODER TER FILHO, PORQUE QUERÍAMOS CURTIR UM POUQUINHO. A GENTE SAÍA MUITO PARA AS PRAIAS. (...) QUANDO ERA FINAL DE SEMANA, QUE A GENTE FOLGAVA, SAÍA PARA AS PRAIAS: PRAI-NHA, IGUAPE. QUANDO FOI EM 1998, NASCEU ELE, O JARDEL. ERA UM MENINO QUE A GENTE ESPERAVA MUITO! EU TIVE QUE FAZER UMA CIRURGIA DE VARICOCELE. (...) E QUANDO FOI COM MENOS DE 1 ANO, ELA ENGRAVIDOU DELE. (...) FOI A MELHOR COISA QUE ACONTECEU NA MINHA VIDA! ERA UM SONHO QUE EU TINHA: O DE SER PAI. ACOMPANHEI A GRAVIDEZ. TODO PRÉ-NATAL DELA, EU IA COM ELA. ERA DIFÍCIL ELA IR SÓ — SÓ QUANDO EU NÃO PUDESSE. (...) O NASCIMENTO DELE FOI UMA COISA ESPETACULAR! FOI A COISA MAIS ESPERADA DA MINHA VIDA, OS MEUS AMIGOS ME DANDO PARABÉNS. AQUELA COISA DE PAI, MESMO!

Emoção também declarada por Suderli ao falar de Del, seu primeiro filho, mostrando as fotos-recordações do período de sua gravidez e do esperado nascimento. Os breves silêncios acompanharam suas narrativas durante nossos diálogos. Pausas necessárias, alguns goles d'água, para dar continuidade à fala entremeada pelas lágrimas que lhes escorriam pelo rosto, com seu olhar distante, a mergulhar profundo nas suas “águas-lembranças”. No reencontrar-se com tempos outros guardados em si, aproximavam-se da enunciação de Conceição Evaristo (2008), em seu poema “Meia Lágrima”:

NÃO,
A ÁGUA NÃO ME ESCORRE
ENTRE OS DEDOS,
TENHO AS MÃOS EM CONCHA
E NO CÔNCAVO DE MINHAS PALMAS
MEIA GOTA ME BASTA.


DAS LÁGRIMAS EM MEUS OLHOS SECOS,
BASTA O MEIO TOM DO SOLUÇO
PARA DIZER O PRANTO INTEIRO.

SEI AINDA VER COM UM SÓ OLHO,





“ELES ERAM ADOLESCENTES ALEGRES. ELES SÓ QUERIAM VIVER A VIDA DELES. ESTAVAM VIVENDO O MOMENTO DELES DE ADOLESCENTES, DE IR PARA ONDE QUERIAM”, RELEMBRA A MÃE SUDERLI SOBRE AS VÍTIMAS DA CHACINA.




ENQUANTO O OUTRO,
O CISCO CERCEIA
E DA VISÃO QUE ME RESTA
VAZO O INVISÍVEL
E VEJO AS INESQUECÍVEIS SOMBRAS
DOS QUE JÁ SE FORAM.

DA LÍNGUA CORTADA,
DIGO TUDO,
AMASSO O SILÊNCIO
E NO FARFALHAR DO MEIO SOM
SOLTO O GRITO DO GRITO DO GRITO
E ENCONTRO A FALA ANTERIOR,
AQUELA QUE EMUDECIDA,
CONSERVOU A VOZ E OS SENTIDOS
NOS LABIRINTOS DA LEMBRANÇA.

Instantes infinitos nos quais divagamos em pensamentos, a buscar, na linguagem poética, um outro modo de expressar a sensibilidade-força-potência de Suderli, a demonstrar suas dores-luto (afetos) e soltar sua fala-memória-falo (poder) transformada em grito-luta (coletiva). Suderli apresentou-se como: *uma mãe* às vésperas de fazer 56 anos — e cujo filho foi um menino muito esperado e desejado por ela e seu marido. Sua gravidez foi tranquila e Jardel nasceu rápido, de parto normal, com 51 cm e 3kg. Com um mês, já havia dobrado de peso e *foi um menino gordinho na infância*, nos disse orgulhosa, com um suave sorriso nos lábios. A gravidez, aos 33 anos, foi uma surpresa e grande alegria — afinal, suas quatro irmãs e o irmão já tinham filhos/as! Na família do Sr. Antonio e D. Terezinha (seus pais e avós maternos de Del), só faltava Suderli engravidar para trazer mais felicidade aos seus dias.

Quando pegou Jardel nos braços pela primeira vez, foi como se eu estivesse *pegando um tesouro*, falou-nos esta mulher-mãe, mostrando as fotos de família. Novamente o silêncio cortante acompanhou as meias lágrimas contidas com esforço! Um inspirar profundo do escasso ar, na tentativa de serenar um pouco as suas “águas-lembranças”. E prosseguiu a falar sobre a importância da sogra (D. Alice) e de sua mãe (D. Terezinha), com relação aos cuidados cotidianos com seu filho e também com sua filha, porque Suderli e o marido trabalhavam com pesadas cargas horárias. Ela, atualmente aposentada, trabalhou 33 anos no setor privado, no período diurno. Seu esposo continua a trabalhar. Durante a infância e a adolescência dos filhos, Sidnei trabalhava à noite, em empresas de segurança privada. Assim, era ele quem passava mais tempo em casa durante o dia e, junto com sua mãe, cuidava dos filhos. Levava-os à escola. Participava das reuniões de pais. Acompanhava nas tarefas esco-

lares, nas brincadeiras, no trilhar dos primeiros ensinamentos do viver. Sidnei demonstrou ser um pai presente e amoroso na vida dos seus dois filhos, daquele tipo que nomeou de *pai de família*. Segundo nos afirmou:



FOI SEMPRE UM SONHO DE ADOLESCENTE MEU TAMBÉM, PORQUE EU FUI CRIADO MUITO SÓ. MEU PAI SE SEPAROU DA MINHA MÃE QUANDO EU TINHA 10 PRA 12 ANOS. E EU COMECEI A TRABALHAR MUITO CEDO. EU QUERIA SER PAI, PRA EU DAR PARA OS MEUS FILHOS O QUE MEU PAI NÃO ME DEU: AMOR E CARINHO. E EU SOU PAI E TENTO FAZER ISSO: DAR AMOR E CARINHO AOS MEUS DOIS, QUE EU TINHA [PAUSA] — EU SÓ TIVE DOIS. PORQUE EU TENHO DOIS! UM ESTÁ NO CÉU E A OUTRA ESTÁ COMIGO. MAS EU TENTO DAR CARINHO E AMOR, QUE EU NÃO TIVE. TIVE DE MÃE, DE PAI, NÃO. (...) TIVE QUE TRABALHAR MUITO CEDO, DEIXAR DE ESTUDAR. FOI AOS 12 ANOS. E ERA SERVIÇO PESADO. (...) MINHA MÃE SEMPRE TRABALHOU EM ROÇA. EU TENHO 4 IRMÃOS POR PARTE DE PAI E MÃE. (...) EU SOU O MAIS VELHO DOS HOMENS. TIVE DE ASSUMIR MUITA RESPONSABILIDADE PORQUE OS MEUS IRMÃOS ERAM PEQUENOS. (...) ASSUMI O PAPEL DE PAI DELES. EU E MINHA MÃE. GRAÇAS A DEUS, TODOS ELES SÃO PAIS DE FAMÍLIA, MÃES DE FAMÍLIA E NENHUM PARTIU PARA O LADO ERRADO. (...) PAI DE FAMÍLIA É DAR CARINHO E AMOR E ARCAR COM AS CONSEQUÊNCIAS DA FAMÍLIA. ASSUMIR O QUE DER E VIER E RESOLVER OS PROBLEMAS DA FAMÍLIA, DAR ESTUDO, DAR CARINHO. E OS PAIS DE FAMÍLIA E A MÃE DE FAMÍLIA SÃO O ALICERCE DA FAMÍLIA!

Rememorou, com saudades, estes tempos primeiros da infância de Jardel: o início da vida escolar, do gosto do filho pelo futebol, de sua alegria, da relação entre os dois, da convivência afetuosa com a irmã. De acordo com seu relato abaixo:





QUANDO ELE [O DEL] COMEÇOU A CRESCER E ANDAR, O NEGÓCIO DELE ERA BOLA, BICICLETA, PATINETE... TUDO QUE FOSSE DE BRINQUEDO MAIS RADICAL, ELE GOSTAVA. TEM AQUELAS TICO-TICO: ELE FICAVA EM CIMA. ARRANHAVA O ROSTO, A PERNA — E NÃO TINHA NEGÓCIO DE ESTAR CHORANDO, NÃO. (...) MINHA RELAÇÃO COM MEU FILHO NO DIA A DIA ERA ÓTIMA. PARA ELE, NÃO TINHA TEMPO RUIM, NÃO. NÃO TINHA CARA FEIA, NEGÓCIO DE ESTAR SE MALDIZENDO. TUDO PRA ELE ESTAVA BOM. PEDIA UMA COISA E, SE NÃO TINHA, NÃO FICAVA PERTURBANDO A GENTE. ELE PEDIA E A GENTE DAVA. NÃO ERA FAZER TUDO O QUE ELE QUERIA, MAS A GENTE FAZIA TUDO QUE ELE PRECISASSE. (...) ERA EU QUEM PASSAVA MAIS TEMPO COM ELE, PORQUE, PRATICAMENTE, QUANDO ELE NASCEU, EU TRABALHAVA MAIS À NOITE. FOI MINHA MÃE QUEM CUIDOU DELE E DA MINHA FILHA. COM POUCO TEMPO QUE SUDERLI TEVE ELE, ELA VOLTOU A TRABALHAR. E EU AJUDAVA MUITO, PORQUE EU PASSAVA O DIA EM CASA. EU CUIDAVA MAIS DELE DO QUE MINHA ESPOSA, PORQUE ELA SÓ CHEGAVA DE NOITE. QUANDO ELA CHEGAVA, EU SAÍA PRA TRABALHAR. EU TINHA MUITO TEMPO COM ELE DE DIA. LEVAVA PARA O COLÉGIO, IA BUSCAR, DAVA ALMOÇO, DAVA BANHO, FAZIA TUDO. E QUANDO ELE INICIOU A ESCOLA, FOI MUITO BOM, PORQUE ELE ERA MUITO ESPORTISTA.



Nesse período de infância e adolescência dos filhos, trabalhar de carteira assinada possibilitou ao casal ter uma vida tranquila, sem passar por maiores dificuldades econômicas, fazendo questão de garantir aos seus filhos acesso à educação, saúde, lazer, cultura, esporte, além dos afetos tão primordiais nessa família. Um tempo de muito trabalho, devotados ao bem-estar e cuidados com a família. Em sua breve trajetória, Del contou, assim, com uma teia de afetos formada por seus pais, a irmã caçula, a avó paterna, os avós maternos, tias e primos/as, a incluir ainda as muitas amizades construídas em seus diversos espaços de convivência, a saber: no bairro onde morava, nas escolas que frequentou, no CUCA e no futebol, que era sua paixão desde criança.

Ao falarem qual era o familiar considerado o mais próximo de Del, seus pais não titubearam em citar a avó paterna, que muito os ajudou na criação do filho. Quando a avó voltou a residir no interior cearense, Del, que estava com seus 11 anos, sentiu muito a sua ausência. Desde então, nas férias escolares, ele e sua irmã iam para a casa da avó. As pessoas de maior confiança para ele, segundo sua mãe, eram as primas mais velhas, com quem gostava de conversar. Era na própria família que buscava e encontrava acolhimento e afetos. Sobre as

relações de Del com seus pais, Suderli declarou logo o recíproco apego entre filho e pai, assim explicitando os motivos:


(...) MEU MARIDO TEVE MAIS OPORTUNIDADE DE FICAR EM CASA DURANTE O DIA. ELE TRABALHAVA À NOITE. E ELE [O DEL] ERA O FILHO MAIS VELHO, O FILHO HOMEM — VIXE MARIA! [RISOS] COMIGO ELE ERA UM MENINO AMOROSO. MAS EU SOU UM POUCO — SOU IGUAL À MINHA MÃE — MAIS RÍGIDA. EU QUE COBRAVA (...). DIZIA O QUE TINHA QUE DIZER. FICAVA LIGANDO, COBRANDO A HORA DE VOLTAR PARA CASA. (...) SE TIVESSE ALGO ERRADO, EU NÃO PASSAVA A MÃO NA CABEÇA DELE, NÃO! COBRAVA A QUESTÃO DO COLÉGIO, PRA NÃO CHEGAR ATRASADO, PRA NÃO FALTAR. A GENTE ACOMPANHAVA ALI, DE PERTO, COM RELAÇÃO ÀS NOTAS, OS ESTUDOS. (...) LIGAVA PARA SABER ONDE ESTAVA. (...) QUANDO EU CHEGAVA EM CASA, IA SABER O QUE TINHA ACONTECIDO NO DIA. ENTÃO, SÃO COISAS/LIMITES QUE QUEM COLOCAVA ERA EU.

Nessa família, pai e mãe expressaram suas emoções e nos falaram da partilha, entre ambos, em termos dos cuidados parentais. Suderli, ainda que trabalhando fora, buscava manter-se presente e acompanhar a educação dos filhos, fosse à noite quando chegava do trabalho, fosse nos fins de semana de folga — ou nos constantes telefonemas para o esposo, para saber deles. Afinal, conforme registrou em seu diário pessoal: *Sempre quis ser mãe. Jardel foi meu primeiro filho, muito esperado e desejado. Desde criança foi muito alegre. E quando entrou na adolescência, tive o cuidado de saber onde ele estava e com quem andava. Me sentia segura com minha família dentro de casa (...).* Mesmo quanto às dificuldades geracionais entre pais e filhos — em relação aos modos distintos de criação/educação —, Suderli e Sidnei buscavam dialogar, definindo limites, contornando e/ou resolvendo as possíveis adversidades do dia a dia.

A infância e a adolescência de Del transcorreram tranquilas, afirmaram seus pais, marcadas por um único evento sério — e que merece ser lem-




brado aqui porque ajuda a aproximarmo-nos desse garoto sensível, esperançoso, capaz de superar as dificuldades que a ele se apresentaram. Um ser humano persistente com a vida e determinado a ser feliz. Disposto a oferecer seu sorriso aberto e cativante a quem o conheceu. A ser, ele mesmo, exemplo de superação das dificuldades. O acidente com Del ocorreu em um momento de lazer, em uma casa de praia, onde estava com seus pais, tias e primos/as, passando o fim de semana. A pedra de concreto que formava uma espécie de cascata sobre a piscina despencou sobre o menino, atingiu-lhe o pé. Levado ao hospital, o garoto, à época com 11 (onze) anos, teve três dedinhos do pé esquerdo amputados. Enfrentou a situação e recuperou-se. Voltou a andar sem muletas, calçar tênis, chinelas *havaianas*, jogar futebol — e quando alguém queria tirar brincadeira, ele respondia sereno: *minha mãe disse para eu nem ligar, porque isso pode acontecer com qualquer pessoa. Se quiser fazer brincadeira, não faça, que você não está me incomodando, não!* Orgulhoso da coragem e da capacidade de superação, Sidnei falou:



ISSO AÍ ME MARCOU MUITO. ACHEI ELE UM CARA MUITO LUTADOR, MUITO GUERREIRO, NUNCA DESISTIA. ELE TINHA O SONHO DE JOGAR FUTEBOL. E AINDA CONSEGUIU ENTRAR EM UMA ESCOLINHA DE FUTEBOL FALTANDO OS DEDOS! IMAGINA SE TIVESSE O PÉ NORMAL! COM CERTEZA TERIA REALIZADO O SONHO DE TER JOGADO PROFISSIONALMENTE! MAS TAMBÉM TEVE ESSA TRAGÉDIA — E NÃO DEU TEMPO.

Ao proferir essa última frase, esse *pai de família* baixou a cabeça e, ao olhar para suas mãos cruzadas sobre a mesa, escapou daquela sala por alguns segundos. Ah, esse silêncio-refúgio, presente quando a dor nos abate e mergulhamos nas águas salgadas da saudade! Sidnei recordou que ao chegarem ao local da Chacina, foi também pela ausência dos dedinhos do pé esquerdo que Suderli e ele reconheceram, de pronto, o corpo de Del no chão, já sem vida. Sim, por vezes, as lembranças se embaralham nas nossas cabeças, tais como *flashes* a nos fazer reviver intensas dores:

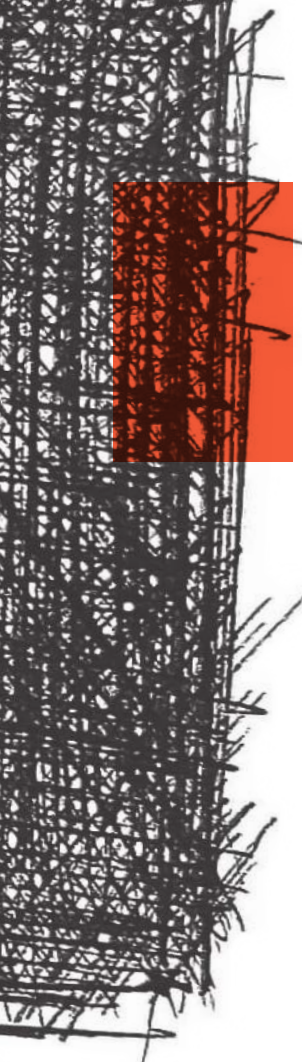


PRA MIM, FOI A TRAGÉDIA MAIOR DA MINHA VIDA. A GENTE NÃO NASCE PARA ENTERRAR FILHO. ACHO QUE A LEI DA VIDA É OS FILHOS ENTERRAR OS PAIS. É MUITO DURO ENTERRAR UM FILHO! E A GENTE ACHA QUE NUNCA VAI ACONTECER COM A GENTE. NUNCA ESTAMOS PREPARADOS. FOI MUITO DIFÍCIL PARA MIM. AINDA BEM QUE EU TENHO UMA FAMÍLIA UNIDA. (...) NÓS NÃO TEMOS PENA DE MORTE NO PAÍS. NÓS NÃO PODEMOS JULGAR E CONDENAR À MORTE. NÃO TEMOS PENA DE MORTE! ELES [QUE EXECUTARAM] CONDENARAM MEU FILHO À MORTE, SEM SABER QUE MEU FILHO ERA INOCENTE. OU SABENDO. ELES

QUERIAM VINGANÇA. MAS QUEM É PARA DAR SEGURANÇA À GENTE NÃO PODE SAIR MAIS MANTANDO. ELES NÃO QUERIAM SABER QUEM ELE ERA. (...) EU SÓ PEÇO JUSTIÇA! MEU MAIOR DESEJO DE JUSTIÇA É PARA NÃO ACONTECER MAIS, COM O FILHO DE NINGUÉM, O QUE ACONTECEU COM O MEU FILHO.

Suderli compartilha desse desejo de justiça enunciado por seu amado — em especial, conforme falou, porque seu filho não teve direito algum naquela noite trágica. Ao contrário, Del foi julgado, condenado e executado, sem ter chances de se defender. E também por esse motivo, essa mulher-mãe se sente responsável por provar a inocência e manter viva a memória do filho. Contou-nos que seu corpo foi velado e sepultado em 12 de novembro de 2015, no Cemitério Jardim do Éden. Preferiu não fazê-lo em sua casa, porque lá deseja *preservar a memória viva de seu filho. Não queria a memória dele dentro do caixão!* Por ser um jovem bastante conhecido em seu bairro e com muitos/as amigos/as, compareceram umas trezentas (300) pessoas em seu enterro. Suderli se disse *obrigada a sair de seu luto para entrar na luta* em defesa da memória de seu filho, do reconhecimento de sua humanidade e inocência, a demandar que os culpados por aquela Chacina sejam julgados, condenados, punidos, na forma da lei:

ELES ERAM ADOLESCENTES ALEGRES. ELES SÓ QUERIAM VIVER A VIDA DELES. ESTAVAM VIVENDO O MOMENTO DELES DE ADOLESCENTES, DE IR PARA ONDE ELES QUERIAM. PODER ESTAR NUM CANTO, SEM TER PROBLEMA. NÓS FOMOS OBRIGADAS A SAIR DO NOSSO LUTO POR CONTA DISSO, POR SABER QUEM ERAM NOSSOS FILHOS. VOCÊ, QUANDO TEM OS FILHOS E ACONTECE ISSO, VOCÊ SE REVOLTA! VOCÊ QUER SABER POR QUE QUE FIZERAM ISSO. É ALÉM DE FAZER, AINDA QUERIAM LINCHAR OS NOMES DELES, LIGANDO-OS COM COISAS QUE ELES NUNCA FIZERAM (...). EU FICAVA TODO O TEMPO DEFENDENDO MEU FILHO.



INFELIZMENTE, EU SOU OBRIGADA A FAZER ISSO: A SAIR DO LUTO PARA IR À LUTA. ACHO QUE É UMA EXPRESSÃO QUE SURTIU ASSIM, NO NOSSO FAZER! TEM OUTRA EXPRESSÃO FORTE AGORA, E EU SOU UMA DAS QUE USA: “PARA QUE NUNCA SE ESQUEÇA E NÃO MAIS ACONTEÇA!”. PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA DA CHACINA, DOS Nossos FILHOS E NÃO ACONTEÇA MAIS COM OS FILHOS DE OUTROS/AS. É ISSO QUE A GENTE DESEJA! E VOU LHE SER MUITO SINCERA: SE MEU FILHO FOSSE ENVOLVIDO COM COISA ERRADA, EU TERIA ENTERRADO MEU FILHO CONDIGNAMENTE, MAS EU NÃO TERIA IDO ATRÁS DE SABER QUEM FOI. ATÉ PORQUE IA SER MUITO DOLOROSO. MAS ELE SENDO INOCENTE, PODE SER DOLOROSO ATÉ O RESTO DA MINHA VIDA, QUE COM CERTEZA VAI SER, MAS EU VOU ESTAR ALI, FIRME E FORTE, PARA REPRESENTÁ-LO, PRA FALAR DELE, DIZER QUEM ELE ERA. COBRAR DE QUEM TIVER DE COBRAR! PARA PROVAR A INOCÊNCIA DELE. PORQUE JOGARAM SIMPLEMENTE O NOME DELE NA LAMA, ASSIM, Ó — E DE TODAS AQUELAS VÍTIMAS ALI DAQUELE MOMENTO E DE OUTRAS VÍTIMAS QUE NÃO ESTAVAM LÁ, QUE ACONTECEU ANTES, QUE ACONTECEU DEPOIS, PARA JUSTIFICAR UMA BARBÁRIE DAQUELAS. E QUE NÃO SE JUSTIFICA!

Na luta cotidiana por reconhecimento da humanidade e da memória de Del, Suderli e Sidnei transformaram seu luto privado em expressão política de resistência e (re)existência contra o esquecimento social de seu filho e, de modo correlato, de tantos/as outros/as: crianças, adolescentes e jovens vítimas da/s violência/s de nosso Estado, dito democrático de direito. Enlaçados com outros pais/famílias, que vivenciaram tragédia similar à sua, partilham da memória coletiva destas lutas em construção no tempo presente, a reescrever e ressignificar as histórias-memórias dos/as filhos/as das margens tecidas entre silêncios e palavras, vida e poesia!



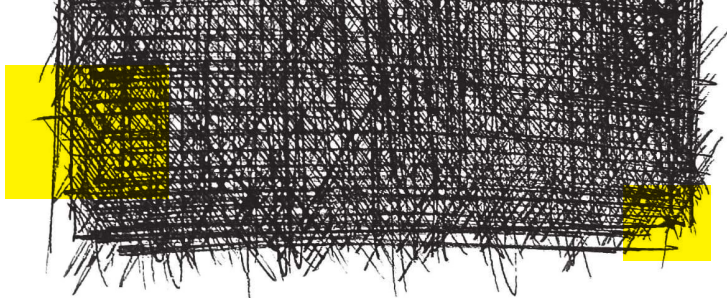
EM HOMENAGEM A JOSÉ GILVAN PINTO BARBOSA

A HISTÓRIA
DE ANA E

GILVAN

Por
**Ana Lúcia Costa
Santos
Camila Holanda
Marinho**





ilvan e Ana eram um casal nascidos em Itapajé, localizada a 115 quilômetros de Fortaleza, a capital do Ceará. Tiveram um relacionamento curto e logo se separaram, se reencontrando alguns anos depois. Nesse tempo, Ana já tinha um filho, Gabriel, fruto do primeiro casamento. Gilvan também teve um relacionamento que gerou três filhos. Porém, ele ficou viúvo em sua mocidade; dessa forma, abriu-se uma possibilidade de reencontrar Ana, que logo se realizou. Dessa relação tiveram uma filha que hoje tem 15 anos.

Atualmente, Ana mora com a filha em uma casa nova. A casa de hoje representa para ela um pedacinho do céu, como descreveu: um lugar de esperança, de paz, de descanso. Essa é a casa da nova vida de Ana e sua filha. A outra era a casa da *dor*: da perda inesperada de seu marido — recebida através de uma notícia que chegou durante a madrugada, enquanto ela dormia. Nessa nova morada, ela instalou no andar de baixo o seu salão de beleza, que é a forma de sustento da família. Gilvan era autônomo e trabalhava como feirante. Ana disse que Gilvan trabalhava muito e era uma pessoa alegre e de bem com a vida. Não reclamava das dificuldades — e sempre teve esperança em dias melhores. Quando o casal visitava a família no interior, Gilvan ficava feliz e adorava programar festas com a família. Ana relata como ele adorava andar de motocicleta pelas ruas de Itapajé: ela ia na garupa e subiam e desciam a serra, circulando felizes pela cidade e sentindo o frescor do vento — um alívio para os dias sempre quentes dessa cidade do interior do Ceará.

Ana lembra que no aniversário de 40 anos do marido, nascido no dia 15 de agosto de 1974, ela e a

família prepararam uma festa-surpresa para ele. Muitos amigos e familiares estiveram presentes: foi uma festança! Gilvan ficou muito feliz com a homenagem. Ele gostava de festas, de receber as pessoas em sua casa e de preparar os pratos nordestinos, que eram sua especialidade. Ana disse que ele fazia como ninguém uma panelada que era muito saborosa. Ele também cozinhava mão de vaca, buchada e *gostosinho* — um cuscuz com carne seca. No dia de sua festa de aniversário, Gilvan não ficou com a tarefa de cozinhar, pois sua família preparou um churrasco para os convidados que foi servido com baião de dois. Ana lembra que o marido achou estranho não ser o cozinheiro, como era de costume, mas ele aproveitou a festa e se divertiu bastante. Ela conta que o grande sonho dele era trabalhar como cozinheiro, mas infelizmente esse sonho foi interrompido por essa tragédia dos Onze. Uma coisa muito triste, que só em falar a gente fica com entalo na garganta. Daí, todos os sonhos foram interrompidos.

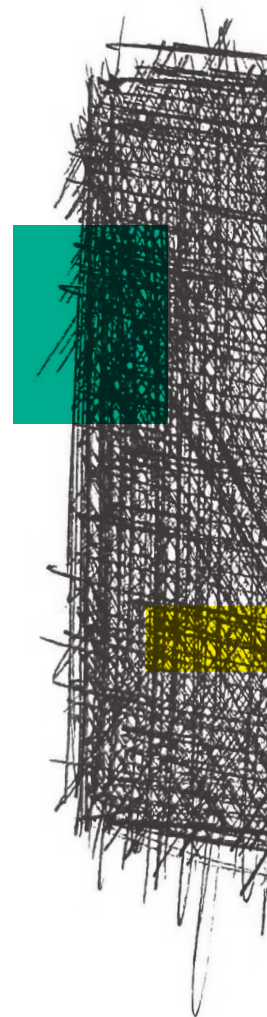
A filha de Ana e Gilvan gosta de cozinhar. Ana me disse que ela herdou isso do pai. Eles adoravam cozinhar juntos. Ela se emociona com essa lembrança e diz que fica feliz em reviver esse doce momento através dos quitutes preparados pela filha. E isso é uma memória muito forte de Ana: o Gilvan como pai dava a vida pelos filhos. Ele era muito carinhoso, muito atencioso com os filhos. Tudo era para os filhos. Outra lembrança de Gilvan-pai enunciada por Ana era o seu gosto em tomar banho de chuva com a menina. Os dois se divertiam muito nesses momentos, que eram raros numa cidade quente e ensolarada como Fortaleza, mas que deixaram uma bonita recordação para ela.

Junto, o casal viveu uma história que durou 19 anos — e foi tragicamente encerrada na madrugada de 11 para 12 de novembro de 2015, no Curió. Com isso, o luto e as dores vividas por Ana são públicas e compartilhadas, pois a denominada “Chacina do Curió”, além de ter sido uma das maiores tragédias ocorridas no Estado, também marca a luta por direitos humanos no Ceará, através da formação de uma rede de familiares de vítimas de violência que lutam por memória, justiça e direitos de forma incansável e corajosa.

Ana relata a última lembrança que tem de Gilvan no dia de sua partida. Ele foi buscar a filha na escola e depois voltou para casa para preparar o jantar da família. O prato da noite foi carne moída. Ele cozinhou e serviu a esposa e a filha. Ana disse que Gilvan sempre comia por último, pois gostava de acompanhar a reação das pessoas ao degustarem o que tinha preparado. Elas adoraram a comida. Ele, feliz, tirou a filha pra uma dança comemorativa — e começaram a rodopiar pela sala da casa. Ana observou a felicidade do marido e sorriu feliz. Depois desse jantar especial, um ritual que alimentou não somente o corpo como também a memória de quem viveu essa emoção, Gilvan saiu de casa e não voltou mais. Ana foi acordada com uma pessoa batendo em sua porta e dizendo que seu companheiro estava no hospital. Ela acordou atordoada e foi em busca dele para saber o que tinha acontecido. Uma busca dolorosa, na qual o encontro representou uma despedida: a despedida da história de Gilvan e Ana.

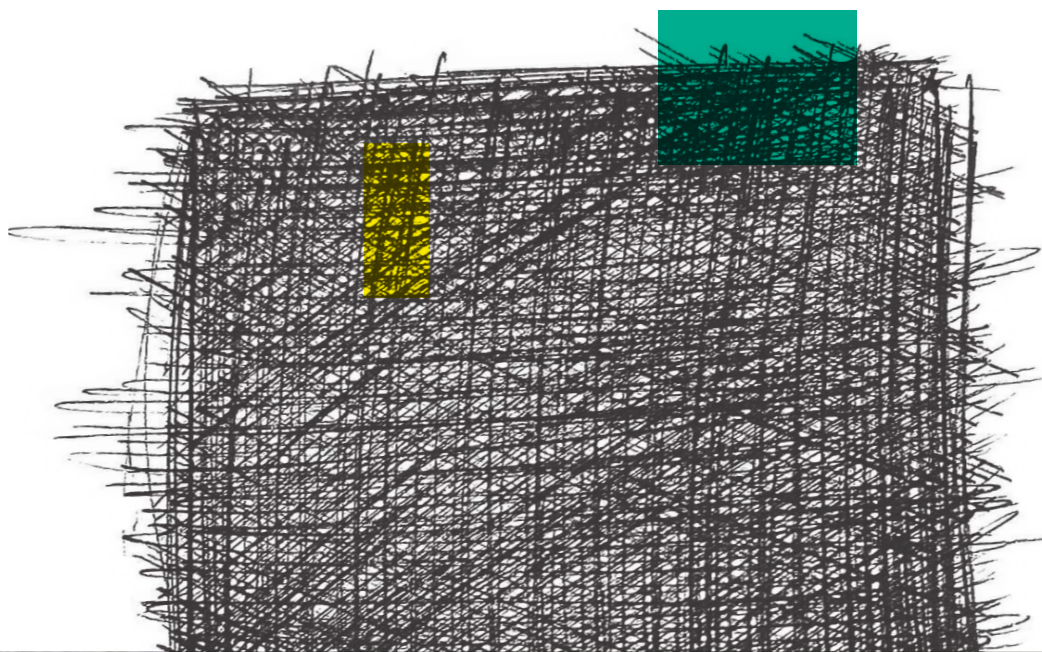
Diferente dos demais familiares da Chacina do Curió, Ana não perdeu um filho

(não nesse evento, mas ela carrega em sua trajetória de vida a perda de seu filho Gabriel, que outrora foi assassinado — e, assim, ela também se aproxima das dores que carregam muitas mães das periferias brasileiras). Na escuridão de uma das noites mais trágicas da cidade de Fortaleza, Ana perdeu seu companheiro de vida, o pai de sua filha, o seu marido. Viver o luto é um ritual de apreciação do tempo, de esperas e tentativas de conciliar a dor e a saudade. Para as mulheres, a viuvez inaugura um momento de controle muito maior de seus corpos e sentimentos. Espera-se delas uma declaração infinita de honra e fidelidade ao companheiro perdido, onde se nutre um desejo de que elas rompam com o social e mergulhem por completo em si mesmas, pois viver o luto é lembrar o morto. No caso da viuvez, um comportamento não regido pela reclusão e pelo sofrimento público pode levar as pessoas a pensarem que elas não estão vivendo o luto como “deveriam”, portanto, são anuladas, negadas e condenadas por não expressarem reconhecimento e consideração pelo companheiro perdido conforme a sociedade espera. Nesse cenário, então, o silêncio e a invisibilidade são formas de proteção e resistência. Ana não se calou. Ela forma, junto com outras mulheres, as vozes da periferia, vozes femininas que clamam por justiça, por tempos melhores e lutam para manter preservada a memória dos rapazes que violentamente tiveram suas vidas arrancadas deles e de seus círculos de afetos.





GILVAN TRABALHAVA MUITO, ERA UMA PESSOA ALEGRE E DE BEM COM A VIDA. NÃO RECLAMAVA DAS DIFICULDADES — E SEMPRE TEVE ESPERANÇA EM DIAS MELHORES.





NA NOITE DO SEU ASSASSINATO, GILVAN COZINHOU, COMO GOSTAVA DE FAZER, DEPOIS TIROU A FILHA PARA DANÇAR E COMEÇARAM A RODOPIAR PELA SALA. DEPOIS DO JANTAR, GILVAN SAIU DE CASA E NÃO VOLTOU MAIS.





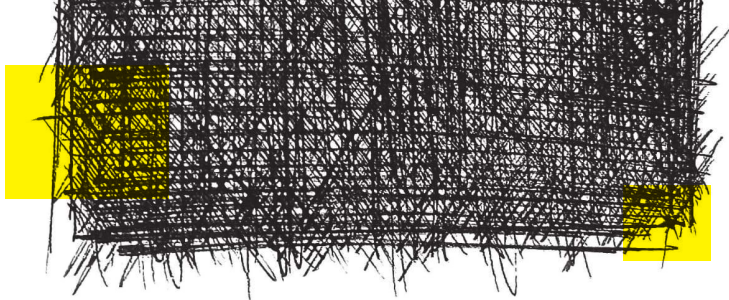


**QUEM É ESSA
MULHER?—
TRAJETÓRIA DE
VIDA DE UMA MÃE**

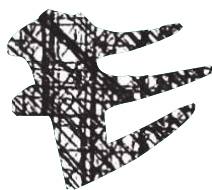
SOBREVIVENTE



Por
Silvia Helena
Pereira de Lima
Ângela de Alencar
Araripe Pinheiro
Luciana Martins
Quixadá

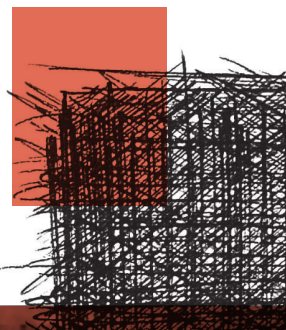


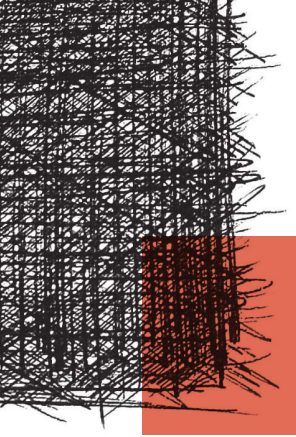
“EU FUI A PRIMEIRA PESSOA A CHEGAR LÁ. EU FUI A PRIMEIRA PESSOA A PRESENCIAR E A TOCAR EM CADA UM DELES. ATÉ HOJE EU NÃO ENTENDO PORQUE É QUE EU NÃO CONSEGUI CHEGAR PERTO DO MEU FILHO, ENQUANTO ELE ME CHAMAVA (...). PORQUE A MINHA INTENÇÃO ERA AGIR (...), CHAMAR A POLÍCIA, CHAMAR O SAMU. EU QUERIA SALVAR AQUELAS VIDAS, ENTÃO, SE EU CHEGASSE PERTO DO MEU FILHO, EU NÃO IA CONSEGUIR FAZER NADA. E ELE ME CHAMAVA E EU NÃO IA.”



esse relato da mãe de um sobrevivente foi marcado por pausas cheias de emoção, tanto dela como nossas, que a ouvíamos. Quem é essa mulher que tentou agir, diante da agonia de um momento que dividiu sua vida? Que força a atravessa e a impulsiona? Qual é sua história?

D. Silvia, quando criança, morava em uma travessa no bairro Pio XII, em Fortaleza, com os pais e os irmãos. Na frente da casa tinha muito espaço, no qual as crianças da vizinhança se encontravam para brincar. Ela sorria em muitos momentos, enquanto narrava cenas da sua infância — e foi interessante perceber que nela parecia haver uma nostalgia prazerosa, feito um acalanto, a qual revelava a imaginação e a alegria de crianças, quase infindáveis.





EM ÉPOCA DE CHUVA, A GENTE SAÍA, TOMAVA BANHO DE CHUVA, BRINCAVA NA AREIA, FAZIA ESTRADAS IMENSAS NA AREIA COM CHINELO; A GENTE NÃO TINHA BRINQUEDO, MAS A GENTE IMPROVISAVA OS BRINQUEDOS DE LATA, CARRINHOS DE CHINELO. (...) FOI MUITO BOM, MESMO COM TODA A DIFICULDADE. EU ACHO QUE, POR SER CRIANÇA, A GENTE NEM PERCEBIA QUE PASSAVA POR DIFICULDADE. TUDO PRA GENTE ERA BOM.

O amor em família fez-se presente em relatos de gestos, de atitudes dos pais com os filhos e entre os irmãos, quando ela partilhou conosco alguns episódios: 1) os “capitães” feitos de feijão: *às vezes, o que a gente tinha para comer era arroz com feijão, mas a gente levava aquilo na brincadeira porque a minha mãe e o meu pai faziam lá aqueles molequinhos, os capitão (...). Era tão bom aqueles capitão, que não tinha comida melhor no mundo do que aqueles capitão!*; 2) a boneca presa no beco: D. Silvia nos narrou que na infância não tinha brinquedos *porque a gente era uma família pobre*, mas ela relatou um episódio em que sua mãe comprou bonecas para as três filhas — e, como ela era a filha menor, ficou com a boneca pequena, *daquelas mais ruinzinha que tinha e a mais feiosa*. Disse que se revoltou com a boneca e a jogou no beco que ficava entre sua casa e a mercearia vizinha. O castigo foi a mãe deixá-la sem brincar com as demais bonecas. Ela entendeu que foi um castigo bem dado. Certo dia, tempos depois, seu irmão mais velho conseguiu tirar a boneca do beco, limpou e a devolveu para D. Silvia. Ela disse que eles eram muito próximos e que esse irmão já havia tentado outras vezes esse resgate da boneca. Ele brincou, falando que estava dando a boneca para ela *de aniversário* — que ele não sabia quando era, já que eles não comemoravam aniversários.

A partir daí, enquanto descrevia uma infância de muito afeto e proteção, marcada por brincadeiras e brinquedos improvisados, ela começou a nos falar sobre a descoberta da sua fé. Fez sua primeira Eucaristia aos 7 anos, com direito a uma celebração pela família com um bolo e aluá em casa, mas não fez a Crisma. Quando chegou à sua adolescência, após ver suas irmãs se crismarem, essa experiência lhe trouxe alguns questionamentos, por exemplo, com relação aos santos, pois não os reconhecia da mesma forma que as pessoas da casa dela. Ela disse que não entendia por que sua família *pedia coisas àqueles quadros e àquelas imagens*.

Deixou de ir à Igreja (Católica) aos domingos com a família — um ritual sagrado entre eles pois, segundo ela, todo domingo ia à igreja do Brás, no Lagamar, porque era o único lugar que a mãe a deixava ir. Conheceu a Igreja Evangélica aos 14 anos e *se empolgou*, mesmo diante da *rispidez da Igreja Central na época*. Ela achou muito interessante as pregações, embora não entendesse também alguns hábitos dos fiéis daquela Igreja, como roupas e cabelos compridos. Ainda assim sentiu ser mais fácil

aceitar tudo isso do que os quadros e as imagens dos santos em casa. Essas vivências na busca por uma religião a fizeram conhecer também os mórmons e as testemunhas de Jeová, porém *ali tinha alguma coisa que não combinava religiosa ou espiritualmente*.

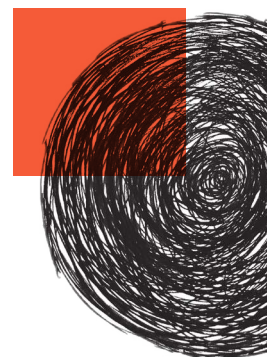
D. Silvia nos falou sobre sua adolescência *tranquila, apesar de muito presa*, porque sua mãe não a deixava ir para *canto nenhum*: só podia ir para a Igreja, onde ela não se sentia mais confortável em estar, de modo que permanecia muito em casa. Nessa época, ela era a única das irmãs que *ficou em casa* com a família, pois as irmãs mais velhas seguiram suas próprias trajetórias. Enquanto isso, ela estudava e bordava para ajudar a mãe, período em que o seu pai deixou de trabalhar por conta do alcoolismo — que começara quando D. Silvia ainda era criança, agravando-se quando ela vivia sua adolescência.

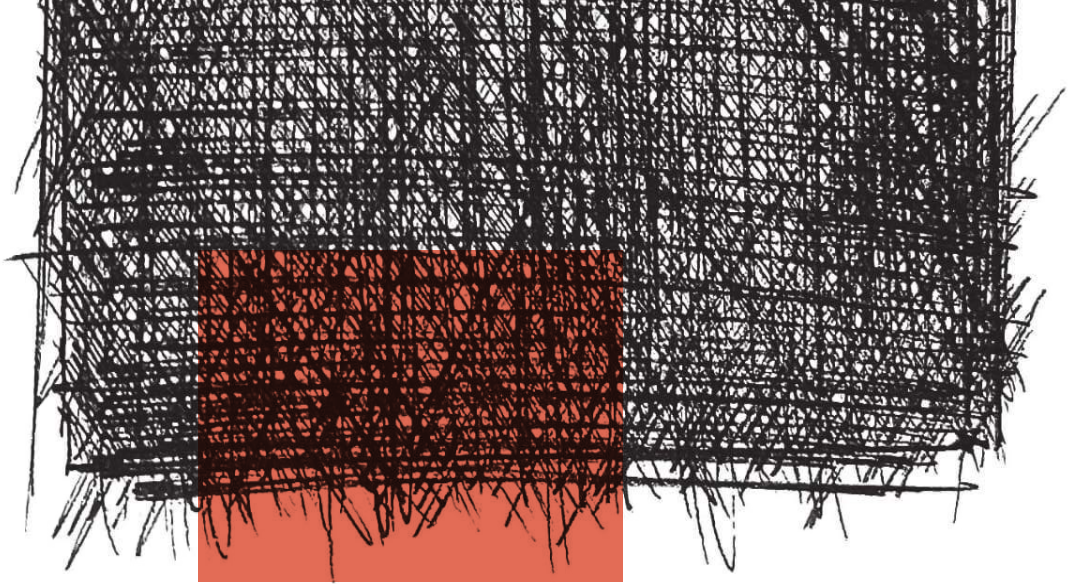
Importa considerar que as vivências com sua família foram marcantes para que ela realizasse vários questionamentos que afetaram suas escolhas de vida, tal qual a busca por sustento para sua fé, que ela não podia abandonar até alcançar. Mais adiante, em outros trechos da sua narrativa, percebemos o quanto esse *sustento* foi fundamental para suas experiências de sobrevivência, dentre as quais a chegada da maternidade aos 18 anos. A vergonha por estar grávida a levou a sair da escola, na qual cursava o 3º Ano do Ensino Médio, e a não mais retomar os estudos.

SOFRIMENTOS E FRAGILIDADES, FORÇAS E SUPERAÇÕES

Sim, D. Silvia tem passado por outras situações em que precisou superar fragilidades para seguir vivendo:

- o imenso esforço que tem sido necessário para ultrapassar, pouco a pouco, pelo menos algumas das profundas consequências de vivenciar tantos momentos trágicos resultantes da Chacina do Curió, quais sejam: a perda de um sobrinho, os traumas psicológicos de uma filha e os traumas físicos e psicológicos de um filho, atingido por doze balas, segundo seu relato; as diversas vezes que precisou reagir aos constrangimentos sofridos durante a permanência de seu filho em hospitais, em estado gravíssimo, o que tornava ainda mais doloroso esse processo para a família;
- no ano anterior a tamanho abalo, D. Silvia havia perdido duas jovens sobrinhas, com as quais mantinha vínculos afetivos fortes,





ambas por mortes em circunstâncias trágicas;

– tudo o que implica vencer um câncer, chegando a ser desenganada por profissional que deveria dispensar-lhe cuidados, ainda que depois tenha sido apoiada por outro, que não concordava com a colega. O tratamento a que se submeteu deixou sequelas que lhe impõem limites e fragilizam sua saúde física até hoje, mas ela segue adiante — impulsionada, acreditamos, pela força que existe dentro e fora dela.

Todas essas experiências de dor causaram marcas profundas nessa mulher que, apesar de tudo, se sente impulsionada também a seguir na luta por justiça, pela responsabilização dos que promoveram a Chacina, pelas mortes de 11 pessoas, das quais 9 eram extremamente jovens. Para D. Silvia, *participar dessa militância tem sido grandioso*. Trata-se de um engajamento que se deu após algum tempo da tragédia, a partir de um chamado de seu cunhado, que perdeu um filho nessa mesma ocasião. Até então, ela afirma que:

(...) NÃO TINHA NENHUMA ATITUDE EM RELAÇÃO A ISSO, NEM POSIÇÃO EM RELAÇÃO A NADA DE ERRADO QUE ACONTECIA COM OS JOVENS, COM A PERIFERIA EM GERAL. É HOJE EM DIA EU ME VEJO POSICIONADA EM RELAÇÃO A ISSO. ISSO AÍ PARA MIM FOI GRANDIOSO. TER COMEÇADO A APRENDER A VIVER A MILITÂNCIA.

Desta forma, a militância, na qual ela tem buscado se fazer muito presente, dá-lhe ânimo, dá sentido também ao seu estar no mundo — e esperança para que se faça Justiça. Foi com determinação que ela afirmou: *eu creio que, enquanto tiver alguém que lute por isso, vai ter uma esperança.*

Na militância D. Silvia deseja permanecer. É como um anúncio do significado pessoal que a luta passou a ter para ela: a militância vem como algo novo, forte e grandioso em sua vida. Ela sintetiza: *agora é lutar!*

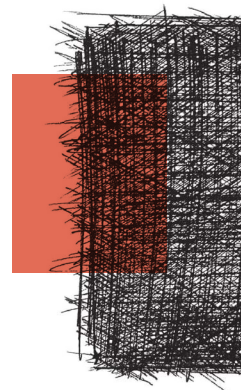
Importa reconhecermos que a narrativa apresentada por ela demarca uma relação com o tempo muito específica, em que a violência da Chacina parece ser sentida no tempo presente. Sentimos que sua fala denuncia algo muito recente, o que nos diz da vasta dor que ainda a atravessa. Entendemos que esse tempo do *agora* é também o das diversas violências que seguem acometendo jovens e famílias que vivem em comunidades da periferia.

HÁ DESEJOS E SONHOS QUE ATRAVESSAM O PRESENTE DE D. SILVIA

O primeiro desejo dessa mulher sobrevivente é que seja feita Justiça pelo que já aconteceu — e pelo que ainda pode ocorrer, ou seja, que os culpados sejam condenados, reiterando que a espera por essa Justiça, para ela, não é só pelos que se foram, não é só pelos parentes, mas para que não se repita: para que não ocorra uma nova Chacina.

Para seus filhos, ela espera que cada um se estabilize e siga o caminho que escolheu: a filha com sua própria família, com seu marido e sua filha; e que o filho possa recuperar a alegria e voltar a ser sonhador como era, pois D. Silvia considera que seu filho atualmente *é uma sombra do que ele era*. Que ele volte a ter sonhos, a buscar um caminho do seu jeito — e que lhe dê um neto homem, como D. Silvia acha que vai acontecer.

Ela também sonha sobre si própria e sobre sua família, incluindo-a em um cenário maior: *o que espero para minha família, para mim, eu também espero para o geral, para todos* — todos como um coletivo, como um grupo, como um movimento em favor da vida e dignidade para todos. Há vastidão de solidariedade e generosidade no olhar e na narrativa dessa mulher, que trava sua luta como extensão de outras tantas.





Os sobreviventes dão força à luta por memória e justiça pelas pessoas mortas na Chacina. Outra bandeira importante dos sobreviventes é cobrar por parte do Estado o acompanhamento psicológico de quem ainda sofre os impactos daquela noite de novembro de 2015, elas próprias e os familiares das vítimas.

ENCONTROS QUE TECERAM VÍNCULOS

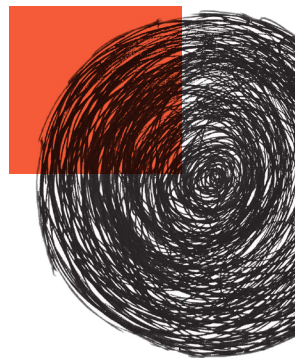
Ter a oportunidade de ouvir a trajetória da D. Silvia, uma mulher tão marcada por sofrimento, mas também pelo amor em família, pela luta e pela esperança, foi uma experiência que nos trouxe afetações diversas. Foi comovente perceber sua linha do tempo tão cheia de episódios engraçados, angustiantes, tristes e fortes, os quais produziram tantos efeitos na vida dessa mulher! Seria impossível não sermos atravessadas também de algum modo pelas suas vivências, nos emocionando, rindo e chorando, com as histórias contadas.

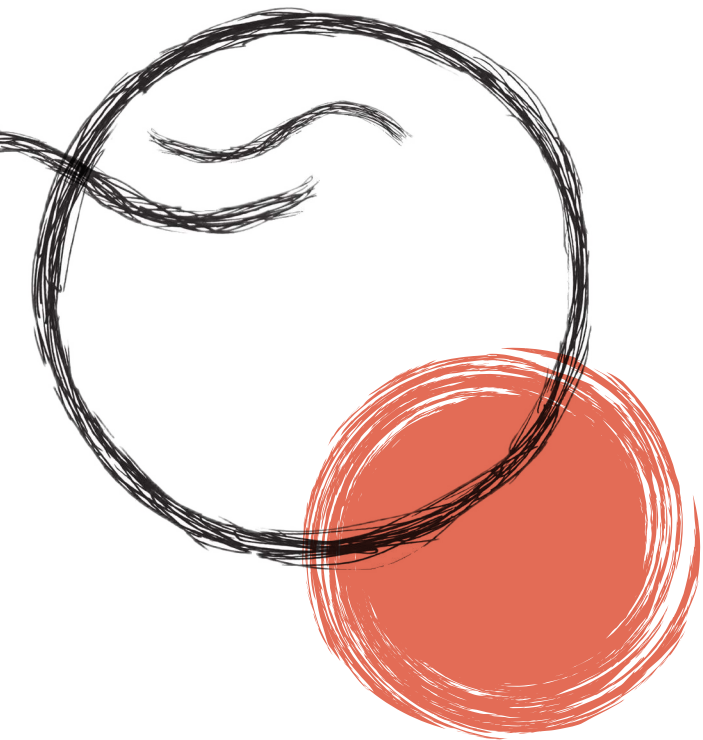
Nossos encontros mobilizavam entre nós, muitas vezes ao mesmo tempo, aquele aperto de angústia no peito, mas também sorrisos que vinham como alívio. Emocionávamo-nos juntas — e isso nos trouxe uma aproximação afetiva importante: criamos vínculos.

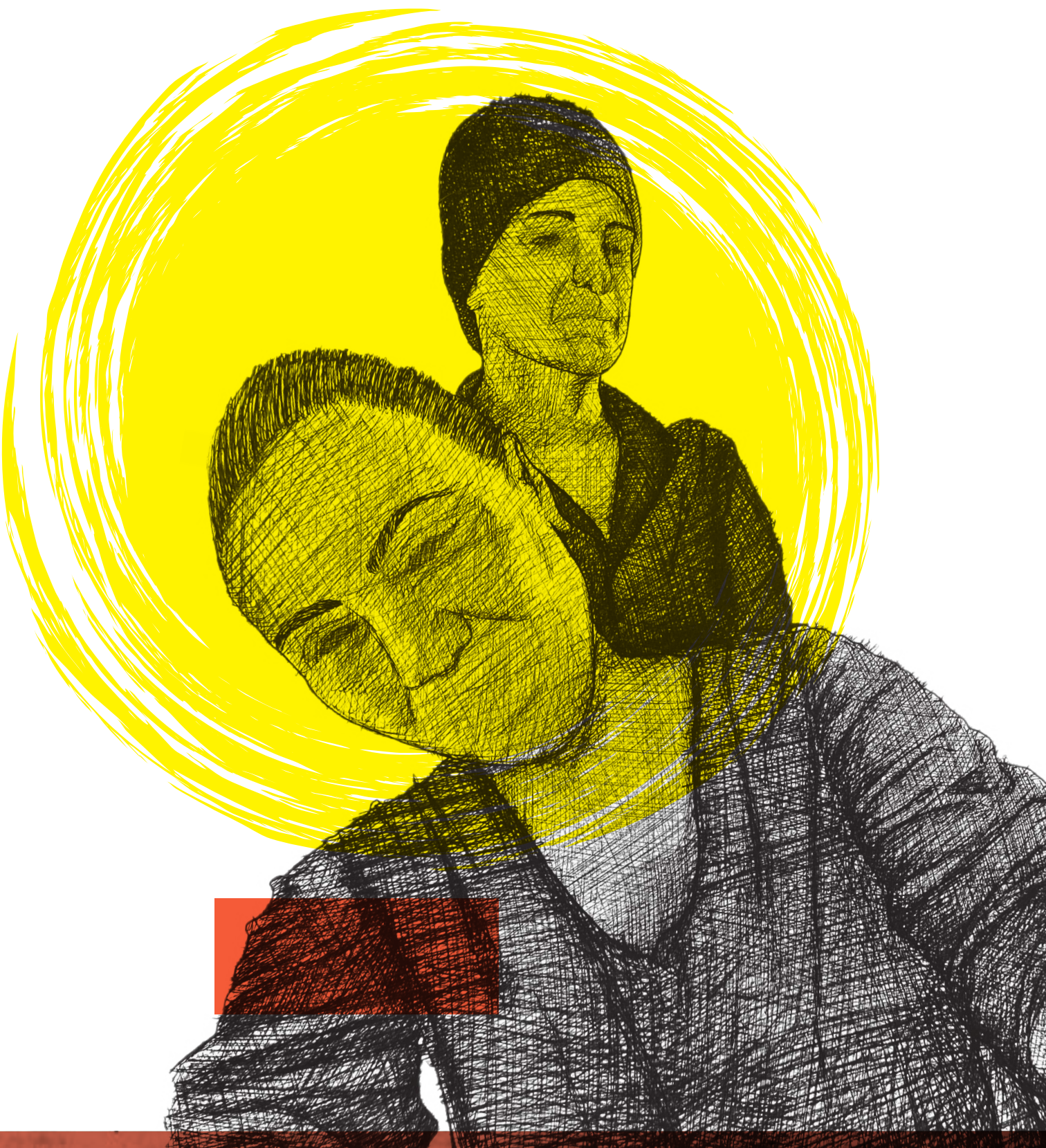
Em um desses encontros, D. Silvia nos recebeu na plataforma virtual segurando uma xícara — e foi fácil imaginar que poderíamos muito bem, não fosse a pandemia da covid-19, ter realizado nosso encontro tomando um café no seu alpendre ventilado, com vista para muitas plantas e pés de frutas. A escuta de suas memórias fez-nos sentir que a conhecíamos há muito tempo — e graças a essa partilha, instaurou-se entre nós uma relação de confiança.

Em outro encontro, tivemos a alegria de conhecer sua netinha caçula, com apenas 1 ano de idade, que teve uma função importante nesse dia: ressignificar na avó uma perspectiva de presente e de futuro. Após relatar um certo vazio que a atravessa constantemente, ela começou a chorar — e nesse instante, a neta se aproximou dela e pediu colo. Seria um sinal de que Deus, no qual ela acredita, estava lhe enviando um recado de que, sim, ainda há muito amor e vida para ela acolher? Fizemos essa *provoção* — e foi quando ela voltou a sorrir. Apropriar-se de sua fé pode, para D. Silvia, funcionar como uma ferramenta fundamental para suportar a jornada, para criar amanhãs e trazer novos tons à sua vida.

Talvez, um dos efeitos desses encontros também tenha sido um resgate à Silvia-menina. Vimos que há uma menina risonha e brincalhona nessa mulher. Há uma boneca, aguardando por D. Silvia, para que ela possa brincar com suas três netas — e também um brinquedo (qual será?!), guardado na barra de sua saia (ou no coração?) para brincar com seu neto homem, filho de seu filho, que ela tanto deseja.







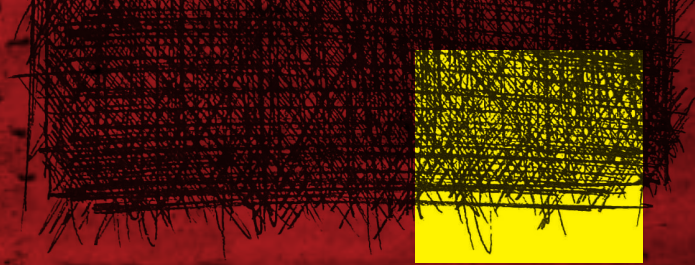
EM HOMENAGEM A TODAS AS FAMÍLIAS QUE NOS ENCORAJAM E NOS MOSTRAM TODOS OS DIAS POR QUE LUTAMOS — E QUE A ESPERANÇA, A ALEGRIA E A CORAGEM DEVEM SER O NOSSO IMPULSO!

NOSSOS MORTOS TÊM VOZ!*

SEGUIREMOS ENTOANDO
NOSSO CANTO SEMPRE
QUE UM/A DOS/AS
NOSSOS/AS TOMBAR

Por
Talita de Araújo Maciel
Mara Carneiro Araújo

* FRASE ORIGINALMENTE UTILIZADA PELO MOVIMENTO MÃES DE MAIO



E DE GUERRA EM PAZ
DE PAZ EM GUERRA,
TODO O POVO DESSA TERRA
QUANDO PODE CANTAR,
CANTA DE DOR

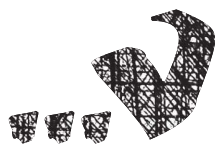
TRECHO RETIRADO DE
CANTO DAS TRÊS RAÇAS, DE MAURO
DUARTE E PAULO CESAR PINHEIRO

MAS É PRECISO TER FORÇA,
É PRECISO TER RAÇA,
É PRECISO TER GANA SEMPRE!
QUEM TRAZ NO CORPO A MARCA,
MARIA, MARIA,
MISTURA A DOR E A ALEGRIA!

TRECHO RETIRADO DE
MARIA MARIA, DE MILTON
NASCIMENTO E FERNANDO BRANT



FALANDO EM PANDEMIA...



ivemos várias há séculos! Um cenário pandêmico que nos assombra todos os dias com o aumento do número de mortes. Vivemos o luto por toda parte! Vivemos em um Estado que enterra todos os dias cerca de 12 pessoas em razão da violência, totalizando em torno de 4.039 homicídios, apenas no ano de 2020.

Sabemos que muitas dessas mortes poderiam ser evitadas — e que muitas famílias e muitos jovens poderiam não estar vivenciando o luto neste momento. Não é de hoje que a sociedade civil e as organizações de direitos humanos alertam sobre a necessidade de termos uma política de Segurança Pública capaz de reduzir o número de mortes.

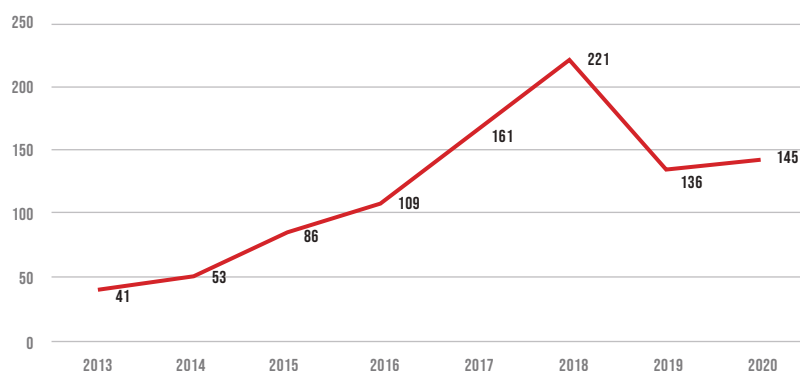
Infelizmente, porém, o que temos acompanhado é um maior incremento das forças policiais na “lógica” da guerra, em que os “inimigos” devem ser “abatidos” — e os que o fazem são, por essa atitude, muitas vezes condecorados. Essa é a lógica implementada pelos últimos governos no Ceará para o enfrentamento da violência. E, de nossa parte, é quase como um *mantra* para as organizações de direitos humanos e para uma parcela da sociedade dizer: *parem de matar os/as nossos/as!*

O que mais precisa ser dito para provar a ineficiência dessa política? Porque a realidade já fala por si! Ao contrário, contudo, do que avaliamos, para o Poder Público talvez ela esteja sendo muito *eficiente*, uma vez que forjada na esteira da *necropolítica*, operada com base no *racismo* e no *extermínio* da população pobre e negra, ela apresenta *resultados*. Fato incontestado, todavia, é que não existe mais qualquer *racionalidade* que justifique a manutenção dessa política, sobretudo operada dessa forma.

Outro dado que é necessário trazer nesta publicação, em especial, é sobre o aumento no número de mortes por intervenção policial. Estamos, a cada ano, percebendo o aumento da brutalidade estatal armada no Ceará, sem que nada efetivamente tenha sido modificado na política de segurança. Isso tem se dado, inclusive, no contexto da pandemia, em que as pessoas nas periferias vivem o pânico de morrer por bala (ou de ver seus filhos e filhas mortos/as) ou por covid-19 (seus mais velhos). Infelizmente, sabemos o quanto esses números podem ser ainda maiores, pois temos um número significativo de pessoas que morreram e constam nas estatísticas como “mortes a esclarecer”.

Para melhor compreensão desse contexto, em 2013 foram registradas 41 mortes por intervenção policial; tivemos um pico, depois, em 2018, com 221 mortes, e uma relativa diminuição em 2019. Em 2020, o número volta a crescer, encerrando o ano com 145 mortes. O seguinte gráfico comparativo nos mostra esse triste avanço:

NÚMERO DE MORTES POR INTERVENÇÃO POLICIAL 2013 A 2020

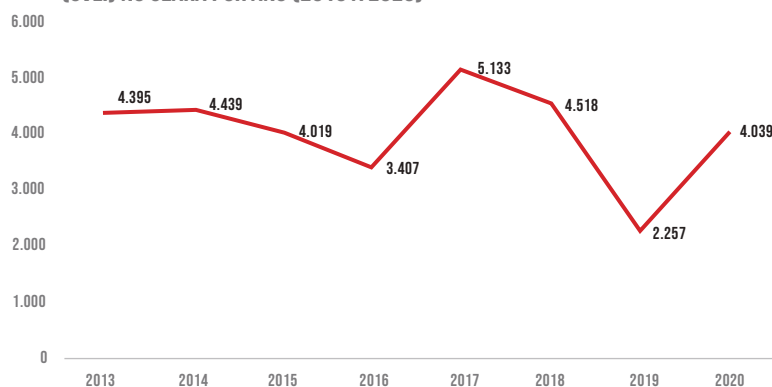


ELABORAÇÃO:
CEDECA CEARÁ

FONTE: SECRETARIA
DE SEGURANÇA
PÚBLICA E DEFESA
SOCIAL DO CEARÁ-
SSPDS.

Em relação aos homicídios, em geral, não é diferente. A curva cresce e, com ela, a dor de milhares de famílias impactadas por essa revoltante *epidemia* da violência. Vejamos no gráfico abaixo o retorno do aumento no número de mortes no Estado do Ceará no ano em que também vivenciamos o triste cenário da pandemia do novo coronavírus.

NÚMERO TOTAL DE CRIMES VIOLENTOS LETAIS INTENCIONAIS (CVLI) NO CEARÁ POR ANO (2013 A 2020)



ELABORAÇÃO:
CEDECA CEARÁ

FONTE: SECRETARIA
DE SEGURANÇA
PÚBLICA E DEFESA
SOCIAL DO CEARÁ-
SSPDS.

UMA TERRÍVEL HISTÓRIA DE CHACINAS...

Infelizmente, esta é uma realidade que nos últimos 30 anos só tem piorado. Ainda no ano de 1993, a população acompanhou atenta a primeira Chacina que ganhou repercussão em nosso estado, a Chacina do Pantanal. A morte de três adolescentes deixou todo o bairro em choque! No dia 20 de novembro daquele ano, três policiais abordaram os meninos Carlos Antônio, Veridiano Duarte e André Gomes e dispararam dezenas de tiros naqueles corpos negros e franzinos que brincavam nas ruas do bairro e catavam lixo para sobreviver. Pantanal era o nome antigo do bairro, que hoje foi renomeado para Planalto Ayrton Senna — justamente para se desvincular desse episódio. Os policiais pronunciados pelo crime seguiram sem nenhuma responsabiliza-

ção: um deles foi absolvido e os demais tiveram o julgamento anulado.

Alguns anos se seguiram sem que houvesse a responsabilização efetiva dos agressores, quando se articulou uma rede de policiais e empresários com o propósito de exterminar adolescentes e jovens no Estado. Em 2001, o Ceará mais uma vez ganha visibilidade e fica conhecido pela existência de um grupo de extermínio que, de acordo com as investigações, vitimou cerca de 30 adolescentes e jovens. Um caso que ganhou repercussão nacional e internacional, com dezenas de vítimas — e um processo robusto que reunia muitas provas para condenação dos apontados no processo.

Nesses dois casos, no entanto, os policiais acusados se mantêm impunes até hoje. Muitos dos envolvidos foram, inclusive, promovidos a cargos de confiança nos governos que sucederam.

Decorridos exatos 22 anos da reconhecida primeira Chacina de adolescentes no Ceará, 11 pessoas, a maioria adolescentes, são assassinadas no bairro Curió. Uma madrugada muito tensa, em que a notícia das mortes se espalhava por mensagens de celular, atingindo a todos que temiam e não entendiam o que estava acontecendo: nos perguntávamos e esperávamos respostas — que só chegaram no dia seguinte.

O Ceará amanhecia mais uma vez em pânico por termos uma política de *segurança* que gerava mais insegurança e mortes. Aquele era o primeiro ano do mandato do governador Camilo Santana, eleito em 2014, e que anunciava um Pacto pelo Ceará Pacífico. Perguntávamo-nos naquele momento: *que pacto seria este?*

A POLÍTICA DE (IN)SEGURANÇA PÚBLICA NO CEARÁ

Durante o primeiro ano, pós-Chacina do Curió, os discursos do então secretário de Segurança Pública e Defesa Social, Delci Teixeira, e do governador Camilo Santana eram de que estavam empenhados em investigar e responsabilizar os agressores (há que se registrar que eram pronunciamentos pouco enfáticos). Os gestores seguiram, contudo, sem fazer qualquer retratação pública às famílias, nem qualquer atenção integral às vítimas e aos/às familiares. Isso era o mínimo que esperávamos diante de um discurso de “Ceará Pacífico”.

Em 2017, o governador nomeou André Costa como novo Secretário de Segurança Pública e Defesa Social, lançado para a sociedade como “o homem que resolveria todos os nossos problemas de insegurança pública”. Este se apresentou com um discurso bélico, populista, de gestor que combateria “a bandidagem” (como se referia às pessoas acusadas de crime) e defensor da violência policial (por vezes, nomeando policiais como “guerreiros” em suas redes sociais, quando as operações resultavam em mortes). Isso fica bastante denotado com o aumento drástico de mortes por intervenção policial em 2017 e 2018, tendo sido, nesse último ano, registrado o maior número de mortes desde 2013. Some-se a isso o fato de ter sido o ano em que batemos recordes no número de pessoas assassinadas no estado.

A realidade de insegurança pública, então, só se aprofundava, ficando bem evidenciado que a

violência policial e as mortes por intervenção policial não seriam punidas com o rigor necessário — e que, ao contrário disso, seriam incentivadas, aplaudidas e condecoradas pelos gestores públicos. Em um momento de muita desesperança, parecíamos entrar num fosso sem fim. Em agosto daquele mesmo ano foram anunciadas políticas de incentivo para as operações “bem sucedidas” na lógica acima relatada, sendo inclusive instituído um Conselho de Defesa do Policial no Exercício da Função (CDPEF), formado por advogados, para realizar a defesa dos policiais quando acusados de crime ou que respondiam processos disciplinares.

Essa realidade indicava para a população e para aqueles que cometiam crimes dentro das corporações militares que a situação se manteria da mesma forma. O caos na segurança pública se mostrava como terreno fértil para esses desmandos. Tinha-se a certeza de que nada iria acontecer no sentido da responsabilização efetiva dos agressores e nem da mudança na forma de pensar a segurança pública. Ficou cada vez mais forte o medo da população em denunciar e cada vez mais presente a violência cotidiana sofrida nas periferias: as agressões policiais, as invasões de domicílios, as abordagens violentas e as prisões arbitrárias.

Isso instaurou uma situação muito difícil para muitas famílias que perderam seus filhos por ação violenta da polícia. Estas não encontravam qualquer retaguarda ou apoio do Estado para seguirem lutando por justiça. Seus filhos foram assassinados — e elas passaram a sofrer ameaças e a dor do luto e da criminalização de entes queridos. Uma política cruel que corrói qualquer crença em justiça.

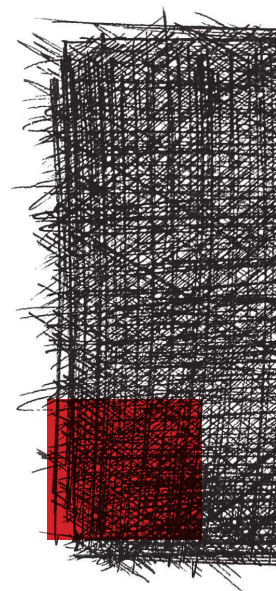
Após a Chacina do Curió, o então Secretário de Segurança Pública e Defesa Social fez o seguinte pronunciamento:

FIZEMOS O LEVANTAMENTO DESSAS PESSOAS TODAS. ELAS JÁ ESTÃO IDENTIFICADAS. O QUE SE ESTÁ BUSCANDO, SE ELES TÊM PASSAGEM PELA POLÍCIA. MUITOS SÃO JOVENS, MENORES, UMA QUANTIDADE MUITO GRANDE DE MENORES, QUASE 50% DAS PESSOAS QUE FORAM MORTAS SÃO MENORES, MAS DESSAS PESSOAS TODAS FOI VERIFICADA SE PASSARAM PELA POLÍCIA E TIVEMOS APENAS DUAS COM ENVOLVIMENTO, MAS ALGO NUM POTENCIAL MUITO LEVE, QUE É UM ACIDENTE DE TRÂNSITO E PENSÃO ALIMENTÍCIA, O QUE NÃO JUSTIFICA UMA MORTE.



FONTE: G1 CE.
GOVERNADOR
QUER APURAÇÃO
'RIGOROSA' DE
CHACINA NO CEARÁ.
14/11/2015.

DISPONÍVEL EM:
BIT.LY/NOTICIA6101



Essa foi a primeira resposta na imprensa sobre a morte de 11 pessoas chacinadas, tendo como acusados policiais militares. É terrível saber que essa foi a primeira “investigação” realizada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado diante de um acontecimento tão trágico. O mais importante para o governo naquele momento, portanto, era saber se as mortes dessas 11 pessoas estavam “justificadas”!... E caso os mortos já tivessem antecedentes criminais, já se teria a *resposta* para a sociedade sobre o trágico acontecimento — e evitar-se-iam, dessa forma, as investigações contra os policiais e o Estado.

É assim que ainda hoje morrem centenas de pessoas no Ceará. As famílias precisam conviver com a dor do luto do corpo físico e da morte simbólica, tendo que escutar a “justificativa” de que aquela vida era *matável*. Mas, diferente do pressuposto – injustificável por si só – vimos como cada familiar lutou e luta em defesa dos nomes e memórias de seus filhos, netos e marido, inclusive retificando informações como o antecedente por pensão alimentícia de um garoto que só tinha um gato para chamar de filho.

Essa política inconsequente e irresponsável segue aprofundando o fosso de mortes que vivemos no Estado. No final de 2017, primeiro ano dessa nova gestão na Segurança Pública, registrou-se o pior cenário em número de mortes. Foram 5.134 homicídios no Ceará, sendo 981 de adolescentes — com um aumento de 50% de casos em relação ao ano anterior.

Esses casos deveriam, no entanto, ter tratamento exemplar, pelo sistema de Justiça e pelo Poder Público, com a devida responsabilização dos agressores e todo o apoio e proteção aos/às familiares das vítimas e aos sobreviventes. Essa seria uma atitude efetiva para que não fosse incentivada a ocorrência de novos casos, uma resposta para aqueles que se utilizam da corporação militar para o cometimento de crimes.

No entanto, além de ser uma política violenta, racista e mortal, a Segurança Pública representa uma das funções com o maior custo financeiro para o Estado, com uma discrepância inigualável relativamente à política de Assistência Social, por exemplo. No último ano, ultrapassou até mesmo os gastos com Educação — e ficou muito próxima dos gastos com Saúde, mesmo em ano de pandemia! De 2001 a 2019, a execução orçamentária da Segurança Pública no Estado passou de R\$ 780 milhões para R\$ 2,8 bilhões, um crescimento da ordem de 238,4%. Isso denota muitos recursos públicos investidos, com zero eficácia na redução de mortes.

UM CONVITE DAS FAMÍLIAS VÍTIMAS DO ESTADO E DA CHACINA DO CURIÓ: CONVOCAMOS TODOS/AS A TRANSFORMAR O LUTO EM LUTA PORQUE NOSSOS MORTOS TÊM VOZ!

Os anos de 2017 e 2018 foram marcados pelo acirramento da violência no nosso Estado, bem como pela total desresponsabilização estatal no enfrentamento desta questão social. Vivíamos um período de muitas angústias e vulnerabilidades, especialmente para aqueles e aquelas que lutavam pela vida, pela diminuição da violência nos territórios, pela garantia de apoio e retaguarda para as famílias vítimas, pela memória e justiça de seus mortos.

Especialmente em 2017, tivemos, em média, 427 pessoas assassinadas por mês no Ceará; destas, 981 eram adolescentes. Desse total, 161 pessoas foram mortas por intervenção policial. A vida das 11 pessoas chacinadas em 2015 não teria sido o bastante para repensarmos a política de segurança operada no Estado?

O que se seguiu, porém, foi um ano difícil: acompanhamos o relaxamento e a revogação da prisão dos policiais acusados no processo de investigação da Chacina do Curió, deixando as famílias ainda mais amedrontadas e vulnerabilizadas. Ali também teve início a tentativa de deslegitimação de todo o processo de investigação realizada pelo Ministério Público e a Controladoria dos Órgãos de Segurança Pública.

Em 2018, a *necropolítica* seguiu operando. Seguíamos a tendência posta, aprofundando os problemas na segurança pública. Começamos com a notícia de mais uma Chacina — e o ano ficou marcado por inúmeras delas: Chacina do Benfica, Chacina da Cajazeiras, Chacina no Sistema Prisional..., tendo sido registradas, pelo menos, sete naquele ano. Um completo descontrole de uma política falida!

No meio do caos e de um Estado que contabiliza corpos como se vivenciasse uma guerra, a esperança brota a partir da ação dos Movimentos de Mães, das redes de solidariedade, da organização popular, da Academia (universidades, grupos de estudos e etc.) engajada na transformação social. A palavra *luto* mais do que nunca vira verbo!

Tínhamos a certeza que de precisávamos mobilizar mais, ser mais potentes na mudança dessa realidade. Precisávamos, de alguma forma, articular as nossas forças espalhadas pelos territórios para gerar esperança. Em novembro de 2017, passados 2 anos da Chacina do Curió, realizamos um Seminário com cerca de 80 organizações de Direitos



Humanos, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em que refletimos sobre essa realidade e pensamos no que podíamos fazer diante dela. Vimos que já era inevitável e necessária uma maior organização diante desse contexto. Precisávamos articular e unificar nossas energias para alterar a lógica de como é significada a segurança pública no Ceará.

Naquele mesmo dia, fundamos o *Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará*. Tínhamos ali o protagonismo de várias pessoas impactadas diretamente pela política de (in)segurança do Estado. O *Movimento Mães e Familiares do Curió* participava de forma emocionada naquele momento em que se rememorava a dor daquelas 11 famílias que ali estavam, concretamente, transformando o *luto em luta!* A força emocionada de suas falas nos fazia refletir sobre o nosso dever de enfrentar tudo isso. Não podíamos esmorecer!

Partilhamos, então, muitas experiências de enfrentamento à violência nos territórios, no interior do Estado, pelas famílias vítimas dessa violência, pelas organizações de direitos humanos e pela universidade engajada e comprometida com a justiça. Precisávamos, pois, potencializar essas forças nos articulando por meio de um fórum. Queríamos denunciar a política de segurança e apontar quais deveriam ser os investimentos públicos para mudar essa realidade. Tínhamos certeza de que aquele não era o caminho — e tínhamos evidências, a partir da importante pesquisa do *Comitê Cearense de Prevenção aos Homicídios*, lançada em 2016, de que podíamos apostar nas políticas de Assistência Social, de Educação, de Cultura e de Proteção e Atendimento às vítimas de violência, em vez de aprofundar a belicosidade da ação da Polícia Militar.


Se 2017 entra para a história marcado pela dor, também é preciso historicizar a marca da resistência. Foi naquele ano que percebemos o fortalecimento dos coletivos de familiares vítimas do Estado e a articulação das organizações de direitos humanos para o enfrentamento desse contexto. Por um lado, a Defensoria Pública do Estado (DPCE) cria a Rede Acolhe na tentativa de amparar familiares das vítimas de violência do Ceará. Por outro, a *5ª Marcha da Periferia* em que entoávamos cantos “*por Memória e Justiça*”, destacando a Chacina do Curió que completava exatos 2 anos, foi exemplar na demonstração da nossa força.

A *5ª Marcha* reuniu centenas de pessoas na Avenida Beira Mar de Fortaleza, selando o nosso compromisso para enfrentar aquela triste

realidade. Entre choros, cantos e arte, gritávamos para Fortaleza que não aceitaríamos mais tantas mortes: “*nenhuma, nenhum a menos!*”. Uma faixa de pano abria o cortejo da *Marcha* com a seguinte frase: “*Chacina da Messejana: por memória e justiça!*”

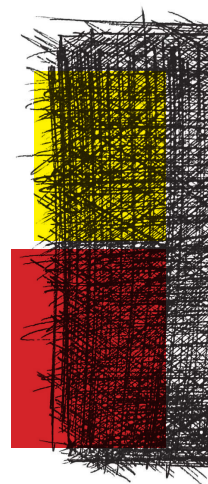
A ala de frente da *Marcha*, com mulheres segurando aquela enorme faixa e fotos, evidenciava o protagonismo de mães e famílias enlutadas pela violência do Estado. Compreendemos ali, naquela *mística*, que seguiríamos irmanadas com aqueles/as que expressavam a dor e a revolta visceral pela perda de seus filhos e filhas. Significamos profundamente naquele momento a nossa luta! Chorávamos e nos abraçávamos como que dizendo: “*todos/as esses/as presentes nessa faixa são nossos/as também — e eles/as permanecerão presentes em nossa luta sempre!*”. *Nossos/as mortos/as têm voz!*


A *5ª Marcha* — que também cantarolou a música do poeta cearense Ednardo: “Aldeia, Aldeota estou batendo na porta pra lhe aperrear! (...) Eu sou a nata do lixo, eu sou do luxo da aldeia, eu sou do Ceará!” (trecho da canção “Terral”) — ocupou o território elitizado e denunciou também a desigualdade socioespacial da cidade, uma geografia que escreve o *locus* de morte e o da vida. O feito gerou, naquele ano, muita repercussão na imprensa, fortalecendo o debate público sobre a questão.



A 5ª MARCHA DA PERIFERIA, QUE ACONTECEU ESTE ANO NA BEIRA-MAR DE FORTALEZA, REUNIU CERCA DE 400 PESSOAS EM CAMINHADA NA TARDE DESTE SÁBADO (11). COM INÍCIO ÀS 16H, UM PÚBLICO QUE REUNIU 33 COLETIVOS E INSTITUIÇÕES DE CUNHO SOCIAL PARTIU EM CAMINHADA DESDE A ESTÁTUA IRACEMA GUARDIÃ, NO ÁTERRO DA PRAIA DE IRACEMA, ATÉ O ANFITEATRO DA AVENIDA BEIRA-MAR, “POR MEMÓRIA E JUSTIÇA” PELOS COMPLETOS DOIS ANOS DA CHACINA DA GRANDE MESSEJANA, QUE RESULTOU NA MORTE DE 11 PESSOAS, EM NOVEMBRO DE 2015.

Seguimos com a energia invocada na *5ª Marcha da Periferia* para a construção do que iniciamos chamando de *Museu da Pessoa*. Queríamos organizar um espaço em que trouxéssemos a memória e as vidas interrompidas pela violência. Afirmarmos que não eram *números*: eram pessoas, eram famílias, eram nomes! O *Fórum Popular de Segurança do Ceará*, o *Movimento de Mães e Familiares do Curió*, o CEDECA Ceará e a Casa Avoa lançaram, em novembro





de 2019, a Exposição “Nomes”. A exposição nasceu de um convite muito oportuno do Coletivo Casa Avoa, através do Edital das Artes da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, e pela Vila das Artes da Prefeitura Municipal de Fortaleza, que coordenou e concretizou essa ideia. Um processo que nos aproximou ainda mais das vidas e dos projetos de vida daqueles vitimados na Chacina do Curió. Relatos doídos, memórias bonitas, sonhos interrompidos. Aquelas famílias protagonizavam mais uma vez aquela que seria uma exposição artística, forte, que tocou profundamente quem teve a oportunidade de visitá-la no Sobrado José Lourenço.

Nesse mesmo ano, as famílias estiveram novamente à frente da construção das Conferências Populares de Segurança Pública. Mais uma vez expressaram o que defendiam para a política de segurança. Estavam já muito comprometidas com as vidas que se perdiam dia a dia no Estado. Diziam sempre que estavam presentes na luta para que o que aconteceu com os seus filhos não viesse a ocorrer com mais nenhuma outra família.

Participaram, também, da Conferência Popular de Segurança Pública do Nordeste. Estiveram ali por três dias irmanadas com outras tantas famílias que também estavam em luta em outros estados da região, entoando os mesmos cantos. A Conferência foi ocupada por elas. As suas dores mais uma vez nos convocavam para seguirmos no propósito de denunciar o racismo incrustado na política de segurança pública e a anunciar que dias melhores virão.

Em outubro de 2019 foi marcada a audiência no Tribunal de Justiça que decidiria sobre se os policiais militares acusados de participar da Chacina do Curió seriam levados a júri pelo crime de homicídio cometido naquele 11 de novembro. Um momento muito sensível para as famílias que aguardam que a justiça ocorresse de forma exemplar e que não ficassem impunes os culpados por mais uma Chacina no Estado. Um misto de expectativa e medo se misturavam naquele dia. A união das lutadoras e lutadores por justiça se fez presente ali. Coletivos de familiares, coletivos de juventudes, organizações de direitos humanos, universidade... Montamos uma verdadeira *barricada* para defender aquelas famílias e dizer que não estavam sozinhas. Advogados dos policiais se colocavam de maneira intimidatória, mas ocupamos aquela sala — e havia outros tantos de nós que aguardavam do lado de fora para dizer que não nos calaríamos e que aquele caso não poderia ficar impune. Uma vez mais afirmamos: *nossos/as mortos/as têm voz!*

Mas o que aprendemos na luta é que não basta apenas a responsabilização. A luta por memória e justiça passa também pela reparação. E uma vitória que nos enche de esperança veio em fevereiro de 2021: o *Movimento Mães e Familiares do Curió*, juntamente com a Defensoria Pública do Estado do Ceará, conquistou uma decisão liminar, garantindo que o Estado seja obrigado a reparar, minimamente, o dano sofrido pelas famílias — e aqui não se trata de reparação monetária, pois esta não se mensura em dinheiro. Diz respeito à memória, à imagem, à justiça e à assistência psicossocial às famílias vítimas desse terrível episódio, mais do que isso, é um passo simbólico e decisivo no reconhecimento do papel do Estado na Chacina, bem como sua omissão na garantia de direitos mínimos.

A luta segue — e continuamos convocando e sendo convocadas/os a engrossar as fileiras da justiça social, tomando como exemplo a fortaleza destas mães do *Movimento Mães e Familiares do Curió* que têm atuado de forma profunda, inteira e intensa. Essas mulheres afirmam a memória dos seus que tombaram, ao tempo em que constroem outra sociedade para que nenhuma mãe precise enterrar um filho. As marchas da periferia não pararam de entoar seus gritos ano a ano, o Fórum Popular de Segurança Pública também continua pautando a violência policial e os homicídios no Estado do Ceará, a busca por memória e justiça vai ganhando novos contornos ao longo dos anos de omissão, mas segue insistentemente contando com a presença dessas mães e familiares marcados em suas história e memórias pelo fatídico dia 11 de novembro de 2015.

Esta publicação demonstra a força desse movimento de solidariedade e sua continuidade passados cinco anos da Chacina que vitimou *Onze* pessoas, a maioria adolescentes, vítimas fatais da violência policial. Sentimo-nos muito gratos/as por fazer parte dessa história! Queremos seguir no compromisso de fortalecer esse protagonismo, pois o exemplo, a referência em que se constitui o *Movimento Mães e Familiares do Curió por memória e justiça* nos confirma, dia a dia, a principal razão pela qual lutamos: organizar as nossas dores, impulsionar a esperança e nos convidar a lutar. “*Lute como uma mãe!*” — seguimos, então, reverberando.

Não esqueceremos!



FONTE: DIÁRIO DO NORDESTE. 5ª MARCHA DA PERIFERIA RELEMBRA DOIS ANOS DA CHACINA DA GRANDE MESSEJANA.

DISPONÍVEL EM: BIT.LY/NOTICIA^{DIÁRIO}01



VÍDEO: BIT.LY/VÍDEODOC001

EM HOMENAGEM A **TODAS AS VÍTIMAS**

SOBRE- VIVÊNCIAS

Escrito por C. P. T. F.

TÃO CONFUSO

“ TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
MINHA MENTE ABALADA,
A VISÃO BORRADA:
NÃO SEI SE FOI TIRO
OU SE FOI FUMAÇA...
TUDO TÃO CONFUSO!
TUDO TÃO CONFUSO!

ANOITECE NAS QUEBRADAS.
HÁ SANGUE NAS CALÇADAS.
CORPOS ESPALHADOS —
QUEM SÃO OS COITADOS?
COMO SEMPRE UM CIDADÃO.
UM PRIMO, UM PAI OU UM IRMÃO.
A POPULAÇÃO LOGO JULGA:
É MARGINAL DE ALMA SUJA!
MERECIA MORRER! —
SÓ PELO MODO DE VIVER.

TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
MINHA MENTE ABALADA,
A VISÃO BORRADA:
NÃO SEI SE FOI TIRO
OU SE FOI FUMAÇA...
TUDO TÃO CONFUSO!
TUDO TÃO CONFUSO!

A NOTÍCIA SE ESPALHA:
UM JOVEM SONHADOR
QUERIA SER DOUTOR,
OUTRO TREINAVA PARA SER
JOGADOR,
E O QUE ESTUDAVA
PRA TER A PROFISSÃO
DAQUELE QUE O MATOU!...

TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
MINHA MENTE ABALADA,
A VISÃO BORRADA:
NÃO SEI SE FOI TIRO
OU SE FOI FUMAÇA...
TUDO TÃO CONFUSO!
TUDO TÃO CONFUSO!

TODOS PENSAMOS EM SEGURANÇA
E PERDEMOS A ESPERANÇA,
POIS UM POLICIAL MATOU UMA
CRIANÇA
E O POLÍTICO QUE PARECIA DE
CONFIANÇA
SÓ SE PREOCUPOU COM SUA
POUPANÇA.
SE NÃO FOSSE POR DEUS,
EU TERIA PERDIDO TODOS OS MEUS
E VOCÊ OS SEUS!

TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
TÁ TUDO TÃO CONFUSO!
MINHA MENTE ABALADA,
A VISÃO BORRADA:
NÃO SEI SE FOI TIRO
OU SE FOI FUMAÇA...
TUDO TÃO CONFUSO!
TUDO TÃO CONFUSO!

EM HOMENAGEM A **TODAS AS VÍTIMAS**

ONZE DE NOVEMBRO



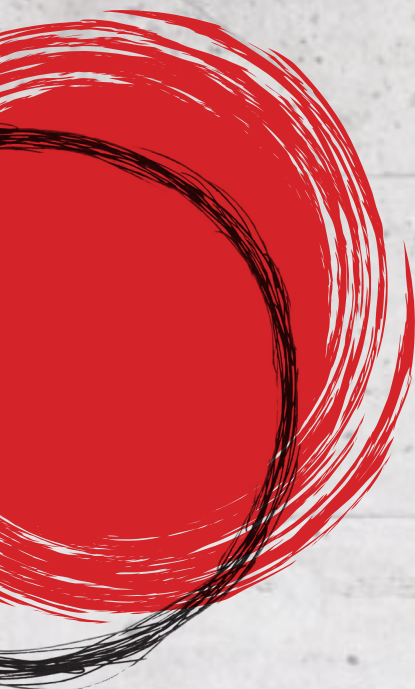
O DIA DO ANO EM QUE EU MORRO,
PELO CHÃO FRIO DE UMA NOITE
TRISTE.

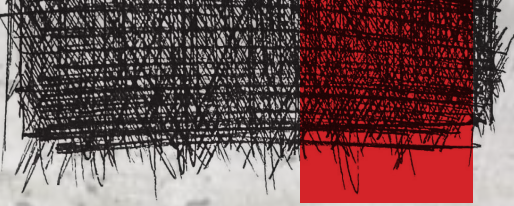
EM ESPÍRITO JUNTO AO SANGUE
ESCORRO,

MANCHANDO AS ETERNAS PAREDES DO
TEMPO,

COM LÁGRIMAS DE COR ESCARLATE.

GRITOS DE DOR APÓS PERDER UM
COMBATE,





OS SENTIDOS PERDIDOS,
UM SILÊNCIO ENSURDECADOR.
OLHOS TÃO AZUIS
NÃO ENXERGAM MAIS A LUZ:
AS TREVAS DAQUELA NOITE.
COM UM MANTO ENVOLVEM O
CORPO JÁ GELADO,
QUE É CARREGADO POR BRAÇOS
DE AMPARO
NA TENTATIVA ESPERANÇOSA DE
FAZER RESSURGIR
UM MOTIVO PARA AQUELA ALMA
NAQUELE SER SORRIR.
DE PERTO VEJO,

O MANTO NEGRO SE ESAIR,
MAS LEVANDO CONSIGO METADE DE
MIM.
OS GRITOS QUE DEI
NINGUÉM PODE OUVIR.
FOI NESSE MOMENTO QUE VI
A METADE DE MIM MORRER ALI.



DO LUTO À LUTA

1



2



MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ POR MEMÓRIA E JUSTIÇA

3



1. FÁC-SÍMILE DA EDIÇÃO DE 11/05/2016 DO JORNAL O POVO. REPORTAGEM TROUXE A HISTÓRIA DE VIDA DAS VÍTIMAS. // **2.** MANIFESTAÇÃO NA AVENIDA WASHINGTON SOARES LEMBRA AS VÍTIMAS DA CHACINA EM 2016, ANTES DA FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DE MÃES. // **3.** 2º ENCONTRO NACIONAL DE MÃES E FAMILIARES VÍTIMAS DE TERRORISMO DO ESTADO. FOI O PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DO QUAL AS MÃES DO CURIÓ PARTICIPARAM. **4.** MORADORES DO JANGURUSSU PRODUZIRAM FAIXA COM NOMES DAS VÍTIMAS DA CHACINA

4



1

1. MOVIMENTO MÃES DO CURIÓ RECEBE O PRÊMIO MARIA AMÉLIA, EM 2016. O MAIOR PRÊMIO, PORÉM, É A CONDENÇÃO DOS CULPADOS.

// 2. EM 2017, INICIATIVA DO DEFENSOR DE DIREITOS HUMANOS JOÃO ALFREDO, ENTÃO VEREADOR, PERMITIU A NOMEAÇÃO DE DUAS RUAS NO JANGURUSSU COM NOMES DE DUAS VÍTIMAS DA CHACINA. // 13/11/17. FUNDAÇÃO DO

3. FÓRUM POPULAR DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ. // 4 E 5. MARCHA DA PERIFERIA DE 2017, A PRIMEIRA EM QUE AS MÃES DO CURIÓ PARTICIPARAM.



3



2



4



5



ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

NOMES

05 OUT 2019 | 10H

SOBRADO DR JOSÉ LOURENÇO
RUA MAJOR FAGUNDO, 354

APOIO CULTURAL

Este Projeto é apoiado pela
Secretaria Estadual de Cultura
Lei nº 11.141 de 16 de agosto de 2006.

APOIO

Iniciativas de produção digital. Escala de sustentabilidade dos artes.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE CULTURA

TRACEMA Prefeitura de Fortaleza



1



1. 3º ENCONTRO NACIONAL, NA BAHIA. MAIO DE 2018. // **2.** A EXPOSIÇÃO “NOMES” TEVE INÍCIO NO DIA 5 DE OUTUBRO DE 2019. A EXPOSIÇÃO LEMBRA AO PÚBLICO QUE TODAS AS VÍTIMAS TINHAM NOME, ENDEREÇO, FAMILIARES E NÃO MERECIAM SER MORTOS. // **3.** BANDEIRA DO MOVIMENTO FEITA PELO GRUPO DE TEATRO GIRASSÓIS.



3

1



3



2



1. MÃES CENTRADAS PARA LUTAR POR JUSTIÇA. FOTO FEITA NA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO "NOMES. // 2. MÃES MARCAM PRESENÇA NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO CEARÁ NO DIA EM QUE DESEMBARGADORES DECIDIRAM LEVAR OS RÉUS DA CHACINA AO TRIBUNAL DO JÚRI PELO HOMICÍDIO DAS ONZE VÍTIMAS. OUTUBRO DE 2019. // 3. ENCONTRO COM MÃES VÍTIMAS DO ESTADO NA CÂMARA FEDERAL DOS DEPUTADOS. AGOSTO DE 2019. // 4. FILHO DE UMA DAS VÍTIMAS NA LUTA POR MEMÓRIA E JUSTIÇA PARA O PAI. MARCHA DA PERIFERIA 2018.



4

1



1 e 2. MARCHA DA PERIFERIA, EM 2019, RELEMBRA AS VÍTIMAS DA CHACINA. // **3.** FAMILIAR NA LUTA POR MEMÓRIA E JUSTIÇA. // **4.** AVÓ NA LUTA POR MEMÓRIA E JUSTIÇA PARA SEU NETO.



3



SOBRE AS MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ

Ana Lúcia Costa Santos

Eu gosto de tudo e tenho sede de vida. Eu amo a música, gosto de me divertir, de sair, conhecer o mundo. Tenho meu salão, onde do trabalho faço meus sonhos e vida. Cuido da minha filha e tento bem viver. Perdi meu companheiro, perdi um filho, mas não perdi a força e a coragem de ver a justiça sendo feita, ainda que à custa de muita luta. Eu trabalhei desde cedo, sempre trabalhei e luta nenhuma me amedronta. Eu balanço dia ou outro, mas somente para continuar no dia seguinte. Eu sou mulher e sou forte.

Antônio Sidnei dos Santos

Me chamo Antônio Sidnei, tenho 54 anos. Sou casado com Maria Suderli. Moramos no Conjunto São Cristóvão desde 1992. Aqui nasceram nossos dois filhos. Atualmente minha filha tem 18 anos e meu filho Jardel Lima dos Santos, teria 23 anos, se não fosse uma das vítimas fatais da Chacina do Curió, ocorrida há cerca de 5 anos. Até hoje, eu e minha esposa lutamos por memória, reparação e justiça, por nosso filho e por todas as vítimas.

Catarina Ferreira Cavalcante

Sou a mãe de cinco filhos, dois deles colhidos por Deus e três que hoje moram comigo. Gosto muito de cozinhar, os temperos e cheiros da cozinha me trazem recordações de bons tempos, casa e barriga cheias. A luta do *Movimento Mães e Familiares do Curió* por memória e justiça é fundamental. Ainda é necessária para reforçar as batalhas por justiça e contra o esquecimento. Se as mães não estivessem se juntado, até hoje a Chacina do Curió, como muitos casos, teria ficado no esquecimento.

Edna Carla Souza Cavalcante

Sou mulher pobre da periferia. Mãe por amor e dedicação de uma filha e um filho. Infelizmente a violência policial arrancou meu bem maior, meu querido filho Álef. Sou cuidadora de idosos e cozinheira por amor à profissão. Já fui doméstica, diarista e faxineira. Sou pregadora do evangelho, porque prego em favor da vida. Sou líder do *Movimento Mães e Familiares do Curió* e do *Movimento Mães da Periferia: de Vítima Por Violência Policial do Estado do Ceará*. Faço parte do Movimento Cada Vida Importa, do Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará e da Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo do Estado. Sou defensora dos

Direitos Humanos, e além de lutar por justiça para meu filho, luto pelas causas sociais, contra o feminicídio e o genocídio dos jovens pobres e negros/as das periferias do Estado brasileiro. “Defender a vida do próximo é tão justo quanto defender sua própria vida”.



Jane Meire Alexandre de Souza

Sou Jane, nasci em Fortaleza e o que eu queria mesmo era meu filho de volta. Sou dona de casa, cuido do meu neto, que é meu filho. Gosto de fazer tudo dentro de casa e gostava de ir à praia, mas nunca mais fui. Gosto de fazer compras, mas não tenho dinheiro. A minha luta é por justiça, só isso. Espero que meu neto cresça e seja um homão, quero cuidar dele até ficar velho. Ele é tudo pra mim. Eu queria que meu filho voltasse, mas não volta, mas ele deixou esse fruto pra mim que é tudo na minha vida.



Maria de Jesus da Silva

Eu sou uma mulher muito vaidosa, gosto de diversão, de passear, de cuidar do meu cabelo e de uma boa roda de conversa. Tenho orgulho de ser quem sou e de valorizar a beleza da vida. Sou forte na minha fraqueza, eu sei lutar pelo que acredito, mesmo com lágrimas nos olhos, porque ninguém consegue parar uma mulher de luta. Acredito na defesa dos direitos das mulheres e dos seus ideais. Depois do que aconteceu com meu filho, que era muito importante pra mim, minha luta hoje é pelos direitos dele, por memória e por justiça, até o fim.



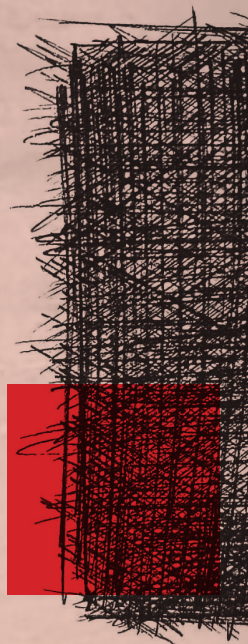
Maria Suderli Pereira de Lima

Tenho 56 anos e sou casada. Moro na mesma residência há mais de vinte anos, local onde nasceram e cresceram meus dois filhos. Um deles foi vítima fatal da Chacina do Curió, Jardel Lima dos Santos. Hoje minha filha tem 18 anos, e meu filho, se estivesse aqui comigo completaria 23 anos de idade. Atualmente sou integrante do *Movimento Mães e Familiares do Curió*, onde, desde 2015, iniciei minha luta por memória, reparação e justiça pela morte do meu filho e das outras vítimas da Chacina do Curió.



Netinha Francisca Pinho

Sou Francisca, mas também sou conhecida como Netinha. Antes da pandemia, trabalhava com reciclagem e lavando roupa para fora. Minha companhia era Patrício; hoje, apesar de morar sozinha, acredito



que quem vive com Deus, nunca está só. Gosto de dançar forró, reggae, músicas românticas e de beber uma cervejinha. Apesar de tudo, sou alegre e não me deixo ser tomada pela tristeza. Tem muita coisa no meio do mundo acontecendo, peço a Deus fé e força para vencermos a pandemia. Do futuro eu não espero nada, pois nosso futuro não é da gente. Ou melhor, o futuro já construí, são meus filhos e netos.



Penélope Pinho

Eu sou mulher e mãe de um garotinho de cinco meses, o que eu mais gosto de fazer na vida é aproveitar cada momento com meu filho. Descobrir que estava grávida me marcou de uma forma que eu não consigo explicar, só sei que mudou o modo como eu vejo o mundo e a vida. Por isso que hoje eu entendo a importância da luta do *Movimento Mães e Familiares do Curió* por memória e justiça, pra gente tentar fazer a diferença, não ficar impune e sempre ser lembrado.



Rosa Alexandre de Souza

Estou com 91 anos. Criei todos os meus filhos costurando. Depois de 25 anos de casada, meu marido foi embora e fiquei criando meus filhos sozinha. Já morei no Rio de Janeiro, agora moro em um condomínio de Maracanaú. Minha vida todinha foi costura. Trabalhei muitos anos na confecção até a loja fechar. Agora inventei de costurar umas máscaras com retalho de pano. Hoje em dia, costuro devagarzinho, mas não tem futuro porque o povo não paga. Não adianta. Aqui onde moro é fraco pra costura. O povo diz que quando passar a pandemia, a economia vai melhorar; eu tenho sofrido muito com isso. Eu sei que meu neto era um menino muito querido, muito bom. E eu já vivi muita coisa, mas eu não abro mão da luta; enquanto eu puder, eu vou estar na rua.



Silvia Helena Pereira de Lima

Moradora do Curió, antifascista, antirracista, feminista, mãe de três filhos; destes, dois são sobreviventes da Chacina do Curió; tia de Jardel Lima dos Santos, cruelmente assassinado no mesmo episódio, no qual meus filhos sobreviveram. Além disso, sou avó de três lindas meninas, que enchem meus dias de alegrias. Formada em teologia pela Faculdade Teológica AD Cidade (FTADC), integrante do coletivo *Mães e Familiares do Curió*, participante do Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará (FSPC), e integrante do Programa de Proteção a Defensores de Direitos Humanos (PPDDH). Atuo na luta contra as diversas opressões, a favor da liberdade e do direito a vida, de crianças e jovens. Realizo trabalhos de ajuda humanitária, debatendo assuntos como igualdade periférica e humanitária.

SOBRE AS OUTRAS ESCRITORAS

Ana Cristina Pereira de Lima Melo

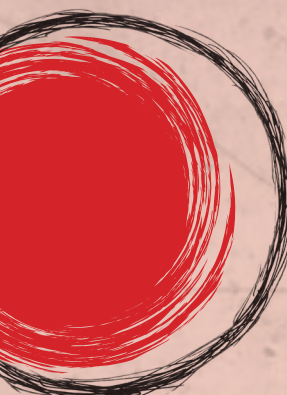
Uma mulher que escolheu colocar sua vida em prol do cuidado e da luta pela dignidade das pessoas que são esquecidas e massacradas por uma sociedade e governos excludentes. Graduada em Universidade Pública, pude entrar em contato com psicologia social e comunitária desde muito cedo e, a partir daí, integro coletivos que me permitem estar nessa luta: Nucepec/UFC, Movimento Cada Vida Importa e Fórum Popular de Segurança Pública são espaços de resistência os quais integro. Sou psicóloga no CEDECA Ceará, onde ponho minha profissão no caminho do cuidado e no fortalecimento de sujeitos de grandes lutas, mas também de grandes perdas. Esperança em uma sociedade justa e apoiadora, este é um dos sentimentos que andam ao meu lado em um caminho de resistência e muito amor.

Ângela de Alencar Araripe Pinheiro

Sou grata à Universidade Pública, que me permitiu cursar Graduação e Mestrado em Psicologia, e Doutorado em Sociologia. Pude também fazer, no âmbito privado, Formação em Gestalt-terapia. A elas se articulam práticas como docente da UFC e inserções em coletivos – Nucepec/UFC, Fórum DCA Ceará, Movimento Cada Vida Importa, consultora voluntária no Comitê Cearense de Prevenção a Homicídios na Adolescência, e a experiência sindical. É assim que venho construindo minha história e buscando contribuir na construção da História, entre acertos e equívocos, razão e sensibilidade. A arte é presença em mim e ao redor de mim, junto a afetos, alegrias, indignação e ternura. Sigo aprendendo a cada dia, sentindo e refletindo a cada dia. Aprendiz que sou da Vida e da Arte, da Música e da Poesia.

Camila Holanda Marinho

Socióloga e pesquisadora de temas das juventudes. Iniciei minhas perambulações pelas periferias: ouvindo as histórias de vida juvenis, percebi como o nome Fortaleza tinha tudo a ver com a população das margens urbanas, principalmente as mulheres. No Laboratório de Estudos da Violência, aprendi a fazer ciência com política e afeto, registros presentes na minha monografia, dissertação e tese de doutorado, no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Entretanto, nunca me limitei aos muros acadêmicos, misturei-me também com os movimentos sociais na luta pelos direitos humanos: Fórum DCA, Fórum Cearense de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, Movimento Cada Vida Importa e o Instituto OCA, do qual



participei da fundação. Como professora da Uece e coordenadora do Travessias, compreendo a educação e o ensino com pesquisa como uma experiência afetiva, política e capaz de mudar o mundo.

Francimara Carneiro Araújo

Sou mulher, branca, feminista, anticapitalista, antirracista e antiadultocêntrica. Sou mãe, filha, trabalhadora, pesquisadora e defensora de direitos humanos. Prefiro ser chamada de Mara. Sou múltipla, carrego no corpo e no espírito a labuta das mulheres nesta sociedade patriarcal. Sou assistente social de formação, Mestre e doutoranda em Sociologia (UFC). Atuo há mais de 15 anos em organizações de direitos humanos e estou atualmente na Coordenação Geral do CEDECA Ceará. Acredito que só a luta organizada é capaz de mudar a vida e que sempre é preciso esperar!

gigi castro

sou cantora e compositora. gosto de escrever com letras minúsculas, como o poeta paulo leminski, de quem musiquei alguns poemas. sou uma mulher que ama afetivamente outras mulheres, sou mãe de um moço que me proporcionou ser avó de um menino e de uma menina — moço que também é músico e com quem troco muitas ideias nesse e sobre esse mundo. sou também escritora, revisora, trabalho com sistematização de experiências e já estive profissionalmente em muitas entidades ligadas desde à arte-educação ao trato com povos indígenas, passando pelos povos do mar. atualmente estou como assessora comunitária no CEDECA Ceará — e sou feliz por poder sonhar, e atuar, bem muito junto com uma galera do bem.

Ingrid Lorena da Silva Leite

Sou uma jovem mulher negra, moradora da Grande Messejana, fã de Conceição Evaristo e Maya Angelou, mulheres que inspiram histórias de resistências e afetos cotidianos. Estudo política pública do sistema socioeducativo, maternidade negras, juventudes e interseccionalidade. Sou pesquisadora do CEDECA Ceará, assistente social de formação e professora. Doutoranda em sociologia da UFC, integrante dos Laboratórios: Lajus/UFC, Travessias/Uece e do GEPE Margens/Uece. E membro do Movimento Cada Vida Importa – Ceará. Acredito que juntas somos mais fortes.

Jamyle Maria de Sousa Gonzaga

Sou mulher sapatão e estudante de psicologia na Universidade Estadual do Ceará (Uece). No meu processo acadêmico sempre estive envolvida com projetos relacionados à psicologia social e comunitária e nos estudos sobre gênero e sexualidade. Atuo como estagiária de psicologia no

CEDECA Ceará desde 2019, participando da equipe psicossocial que acompanha o Movimento Mães e Familiares do Curió, em um processo regado de afeto e luta por memória e justiça.

Larissa Silva Carvalho

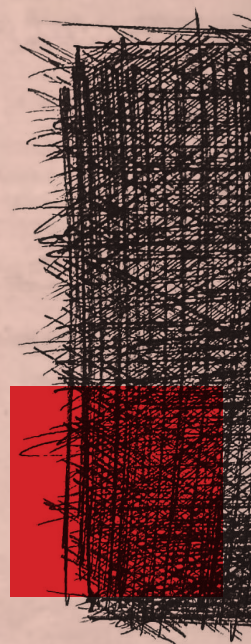
Criada por mãe solo, aprendeu desde cedo que ser mulher nessa sociedade implica na batalha diária para conquistar seu lugar no mundo. Estudante a vida inteira de escola pública, ingressou no curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará no ano de 2015 e agora vive o sonho de fechar esse ciclo para, assim, como profissional, defender de forma intransigente os direitos humanos. Atualmente é estagiária do CEDECA Ceará, onde atua junto ao *Movimento Mães e Familiares do Curió* na reivindicação de memória e justiça. Acredita numa sociedade livre de qualquer opressão, por isso defende o fim do capitalismo. “Lokah Samastah Sukhino Bhavanthu” – Que todos os seres sejam livres e felizes, que meus pensamentos, palavras e ações contribuam para a felicidade e liberdade de todos.

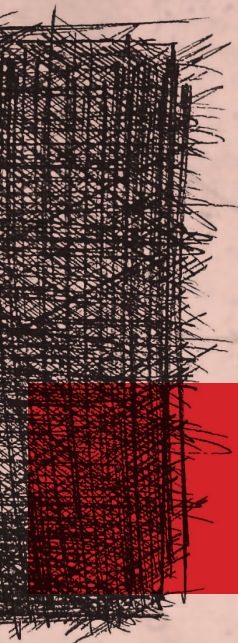
Leila Maria Passos de Souza Bezerra

Mulher, filha das águas e margens, dada a saberes e práticas de liberdade-respeito-justiça, afetos e escolhas de sentido. Embalada em ensinamentos de meus pais, de minha avó Filó, das ancestralidades plurais e transcendentais encarnadas em minhas buscas-caminhadas. Nesse devir vida-*poiesis*, fiz graduação em Serviço Social (Uece); Especialização sobre Violência Contra Crianças e Adolescentes (USP); Mestrado, Doutorado, Pós-doutorado em Sociologia (UFC). Escolhi *amar-ser amada* por Carlos... mergulhar na docência desafiadora (Uece), na pesquisa social, nas transdisciplinaridades, nas interlocuções com movimentos/coletivos/redes sociopolíticas e culturais. Atuo também no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Uece) e no Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas (UFC). Coordeno o Grupo de Pesquisa Margens, Culturas e Epistemologias Dissidentes (GEPE Margens-Uece), um desejo de (re)criação cotidiana e coletiva. Participo do Movimento Cada Vida Importa; do Cetros; e do Selo *Ser-Tão Editorial* (EdUece). Estou grato à vida e às dádivas dos encontros-*poiesis*!

Luciana Martins Quixadá

Sou uma mãe coruja, amorosa e grata, e uma mulher enamorada de um grande companheiro. Me tornei psicóloga pela UFC, mestra em Psicologia pela UnB e doutora em Educação pela UFC, com período sanduíche na Université de Toulouse-Jean Jaurès. Como professora da Uece coordeno o Laboratório de Estudos e Pesquisas Participativas sobre Infância, Cultura e Subjetividade e faço parte do Programa de Pós-





Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Sou muito grata a todos os aprendizados obtidos em minha trajetória docente e através das inúmeras parcerias que abracei, dentre as quais, como integrante da Associação Nacional de Pesquisadores e Pesquisadoras da Juventude Brasileira (Rede Jubra), do Movimento Cada Vida Importa, do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL/UFPE) e do GT Juventudes e Pesquisas Participativas da ANPPEP.

Marcus Vinicius Bezerra

Morador do Curió, antifascista e antirracista, capoeirista, concludente de História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), integrante do Movimento Emaús Terra e Luz. Estuda sobre os movimentos sociais pelo Direito à moradia, no Curió, costurando trajetórias e memórias dxs sujeitos que optaram pelo caminho da luta. Articulador comunitário, trabalhando com crianças, jovens e adultos, com uma atuação em equipamentos sociais do bairro, debatendo assuntos de igualdade racial, direitos humanos e promoção de saúde.

Neyla Priscila de Araújo Castro

Sou mulher, feminista, negra, antirracista. Mãe presunçosa de um lindo menino negro. Dentre minhas múltiplas faces sou trabalhadora, anticapitalista, assistente social no CEDECA Ceará, onde tenho o prazer de realizar assessoria ao Movimento Mães e Familiares do Curió. Me formei em Serviço Social (Unifametro), tenho especialização em Direitos Sociais, Políticas Públicas e Serviço Social (Uece), mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (Uece). Sou defensora dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes, luto contra todas as formas de opressão e exclusão das pessoas que vivem em situação de rua. Acredito em utopias, portanto, como nos ensina Boaventura dos Santos: “mesmo que alguns duvidem que outro mundo é possível, um outro mundo é urgentemente necessário”.

Patrícia Lopes

Artista e docente, mulher periférica, coreógrafa, bailarina, produtora e realizadora cultural, mãe do Pedro e licenciada em Dança pelo ICA/ UFC. Gosta de pensar a poética das ruas e suas narrativas. Pesquisa sobre urbanidade e fruição artística a partir da caminhada e as relações entre o corpo e a urbe. Tem na prática da (an)dança pela cidade um exercício de possibilidade feminina de construção de liberdade e invenção. É atenta moradora-observadora do Curió em seu desenho, natureza e geografia, além de adorar sentar numa calçada.

Patrícia Marciano de Assis

Mulher negra, feminista, bissexual e periférica, apaixonada por

plantas, bichos e práticas integrativas e holísticas, dada a estudos de criminalidade, polícia e resistências micropolíticas na história do Ceará e a sonhos de uma sociedade mais justa, livre e ambientalmente sustentável para todes. É graduada em história (Uece) e psicologia (UFC), mestra (Uece) e doutoranda (UFPE) em história, assessora técnica do CEDECA Ceará, membra do Fórum Popular de Segurança Pública e do Grupo de Pesquisa e Intervenções sobre Violências, Exclusão Social e Subjetivação (Vieses-UFC). Honra toda sua ancestralidade e os bons encontros.



Renata Fernandes

Agô. Sou uma fênix d'água, sereia teimosa, cumadi correria, nativa da sétima maior favela do Brasil (Salve, Pirambuú!). Bissexual, antirracista e favelada, art'educadora, Assessora Comunitária do CEDECA Ceará, artista multiliguagem e licencianda em Teatro na Universidade Federal do Ceará. Desde piveta, enraizada, regando e regada aos movimentos culturais, sociais e políticos ligados a minha comunidade. Corpa brincante da vida, corpa que se joga na luta. Sigo dançando com as minhas por dias melhores, por justiça social. Pesquiso as poéticas periféricas, o território e a territorialidade das quebradas e do cotidiano marginal.




Samara Edwiçes Andrade Lima

Filha de Dona Maria José, Seu Gerardo e de toda ancestralidade que me trouxe até aqui. Mulher, negra, estudante do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (Uece) e pesquisadora no Grupo de Pesquisa Travessias: Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos. Atualmente, estagiária do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente do Ceará (CEDECA Ceará) acompanhando as Redes Nacional e Estadual de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo do Estado. “Por que escrevo? Porque eu tenho de. Porque nossa voz, em todos seus dialetos, tem sido calada por muito tempo” (Jacob Sam-La Rose).



Talita Maciel

Sou uma mulher negra, feminista, advogada popular, militante de direitos humanos, assessora jurídica popular do CEDECA Ceará, militante do Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará e, desde 2014, mãe da Olga (uma menina pura poesia). Experiências profundas que me formaram como profissional e mulher. Terminei a graduação em Direito, fiz especialização em Democracia Participativa e Movimentos Sociais, num programa da UFMG, voltado para organizações de direitos humanos. Sou formada nos trabalhos de base e educação dos movimentos populares desde muito cedo, por isso acredito que “só a luta muda a vida”.



COLETIVOS PARCEIROS

- ARTE DE AMAR
- ASSOCIAÇÃO AMORBASE DA SERRINHA
- CASA AVOA
- CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DO CEARÁ (CEDECA CEARÁ)
- CENTRO DE DEFESA DA VIDA HERBERT DE SOUSA (CDVHS)
- CENTRO UNIVERSITÁRIO FANOR WYDEN (UNIFANOR)
- COLETIVO NIGÉRIA
- COLETIVO TENTALIZE
- COMITÊ CEARENSE PELA DESMILITARIZAÇÃO DA POLÍCIA E DA POLÍTICA
- COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA
- ESCRITÓRIO DE DIREITOS HUMANOS E ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR FREI TITO DE ALENCAR (EFTA)
- FACULDADE CISNE DE QUIXADÁ
- FEDERAÇÃO DE ÓRGÃOS PARA ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL (FASE)
- FÓRUM CEARENSE DE LUTA ANTIMANICOMIAL
- FÓRUM CEARENSE DE MULHERES
- FÓRUM DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (FÓRUM DCA)
- FÓRUM POPULAR DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DO CEARÁ (FPSP-CE)
- FUNDO BRASIL DE DIREITOS HUMANOS
- GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA MARGENS, CULTURAS E EPISTEMOLOGIAS DISSIDENTES (GEPE MARGENS-UECE)
- GRUPO DE PESQUISA E INTERVENÇÕES SOBRE VIOLÊNCIAS, EXCLUSÃO SOCIAL E SUBJETIVAÇÃO (VIESES-UFC)
- INSTITUTO NEGRA DO CEARÁ (INEGRA)
- JORNAL O POVO
- LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA (LEV-UFC)
- LABORATÓRIO DAS ARTES E DAS JUVENTUDES (LAJUS/UFC)
- LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS CONFLITUALIDADE E

VIOLÊNCIA (COVIO)

- LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS PARTICIPATIVAS SOBRE INFÂNCIA, CULTURA E SUBJETIVIDADE
- MÃES DE MAIO NACIONAL E INTERNACIONAL
- MANDATO DO ENTÃO VEREADOR JOÃO ALFREDO TELLES
- MANDATO DO DEPUTADO RENATO ROSENO
- MOVIMENTO CADA VIDA IMPORTA
- MOVIMENTO HIP HOP NÓS POR NÓS
- MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU)
- OPEN SOCIETY FOUNDATIONS
- REDE ACOLHE
- REDE DE COMUNIDADES CONTRA A VIOLÊNCIA
- REDE DLIS
- REDE NACIONAL DE MÃES E FAMILIARES CONTRA O TERRORISMO DO ESTADO
- SARAU DA B1
- TAMBORES DO GUETO
- TRAJETÓRIAS JUVENIS, AFETIVIDADES E DIREITOS HUMANOS (TRAVESSIAS UECE)
- TRUP'RAMBU / COLETIVO DE TEATRO POLÍTICO DO PIRAMBU
- UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)
- VISÃO MUNDIAL



EXPEDIENTE

IDEALIZAÇÃO

Edna Carla Souza Cavalcante

REALIZAÇÃO

Movimento Mães e Familiares do Curio

PARCERIA

Cada Vida Importa

Centro de Defesa da Criança e do Adolescente do Ceará (CEDECA) Ceará

Grupo de Pesquisa Margens, Culturas e Epistemologias Dissidentes – GEPE Margens

Instituto OCA (Observatório da Criança e do Adolescente)

Laboratório de Estudos e Pesquisas Participativas sobre Infância, Cultura e Subjetividade – LINCS

Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança - Nucepec

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividade e Direitos Humanos – Travessias

Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violências e Produção de Subjetividades – Vieses

Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará – FPSP Ceará

APOIO INSTITUCIONAL

Ford Foundation

Open Society Foundations

ORGANIZAÇÃO

Ana Cristina Pereira de Lima Melo

Ângela de Alencar Araripe Pinheiro

Camila Holanda Marinho

Ingrid Lorena da Silva Leite

Jamyle Maria de Sousa Gonzaga

Larissa Silva Carvalho

Leila Maria Passos de Souza Bezerra

Luciana Martins Quixadá

Neyla Priscila de Araújo Castro

Patrícia Marciano de Assis

Samara Edwiges Andrade Lima

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Thiago Mendes

PLANEJAMENTO VISUAL

MANDALLA COMUNICAÇÃO & DESIGN (@madallacomunicacao)

Projeto Gráfico e Diagramação - Sâmila Braga

Editoração - Gustavo Rodrigues

Tratamento de imagens - Thaila Silva

ILUSTRAÇÕES

Eduarda Moiano (@moianorisco)

REVISÃO

gigi castro

Thiago Mendes

TRATAMENTO GERAL DE IMAGENS

Elton Gomes

FOTOS

Arquivos Pessoais das Famílias

Galeria de Fotos

PÁGINA 136 - 1. Fác-símile de reportagem do jornal O Povo. // 2. J.L Rosa G1 Ceara/
Gentilmente cedida para esta publicação/ Todos os direitos reservados. // 3. Facebook Edna
Carla // 4. Blog racismoambiental.net.br

PÁGINA 138 - 1, 2, 3, 4 e 5. Facebook Edna Carla e Movimento Mães e Familiares do Curió

PÁGINA 140 - 1. Fransérgio Goulart/Fórum Grita Baixada. // 2. Divulgação Exposição Nomes. //
3. Lilica Santos

PÁGINA 142 - 1 e 2. Cedeca Ceará. // 3. Mídia Ninja. // 4. Lucianna Silveira.

PÁGINA 144 - 1,2 e 4, Lucianna Silveira. // 3. Lilica Santos.





REALIZAÇÃO

MOVIMENTO MÃES E FAMILIARES DO CURIÓ

PARCERIA



LABORATÓRIO DE ESTUDOS E
PESQUISAS PARTICIPATIVAS SOBRE
INFÂNCIA, CULTURA E SUBJETIVIDADE



APOIO

